



ANEXO A - SISTEMAS ESTRUTURANTES
DOURO

ÍNDICE

O Sítio.....	1
Património Cultural	14
Património Natural	30
Acessibilidades	33
Equipamentos.....	60
Projectos.....	63
Bibliografia	67

Índice de Imagens

Praia da Lomba	
São Bartolomeu (Melres	
Praia de Melres	
Marina da Lixa	
Rio Douro (Pé de Moura)	
Santa Eufémia (Pé de Moura)	
Valboeiros (Atães)	
Rua dos Pescadores (Atães)	
Arnelas vista da outra margem	
Barragem de Crestuma-Lever	
Arnelas	
Porto Carvoeiro	
Casa da Igreja (Lever	
Capela de Porto Carvoeiro	
Areinho de Avintes	
Rabelo	
Pontes	
Ponte D. Luis	
Igreja Serra do Pilar (Gaia)	
Marginal (Afurada)	
Vista do Castelo de Gaia	
Capela de São Paio (Afurada)	
Cais da Ribeira (Porto)	
Barra do Douro	

ICONOGRAFIA

Praia da Lomba



São Bartolomeu (Melres)



Praia de Melres



Marina da Lixa



Rio Douro (Pé-de-Moura)



Santa Eufémia (Pé-de-Moura)



Valboeiros (Atães)



Rua dos Pescadores (Atães)



Arnelas vista da outra margem



Barragem de Crestuma-Lever



Arnelas



Porto Carvoeiro



Casa da Igreja (Lever)



Capela de Porto Carvoeiro



Areinho de Avintes



Rabelo



Pontes



Ponte D. Luís



Igreja Serra do Pilar (Gaia)



Marginal (Afurada)



Vista do Castelo de Gaia



Capela de São Paio (Canidelo)

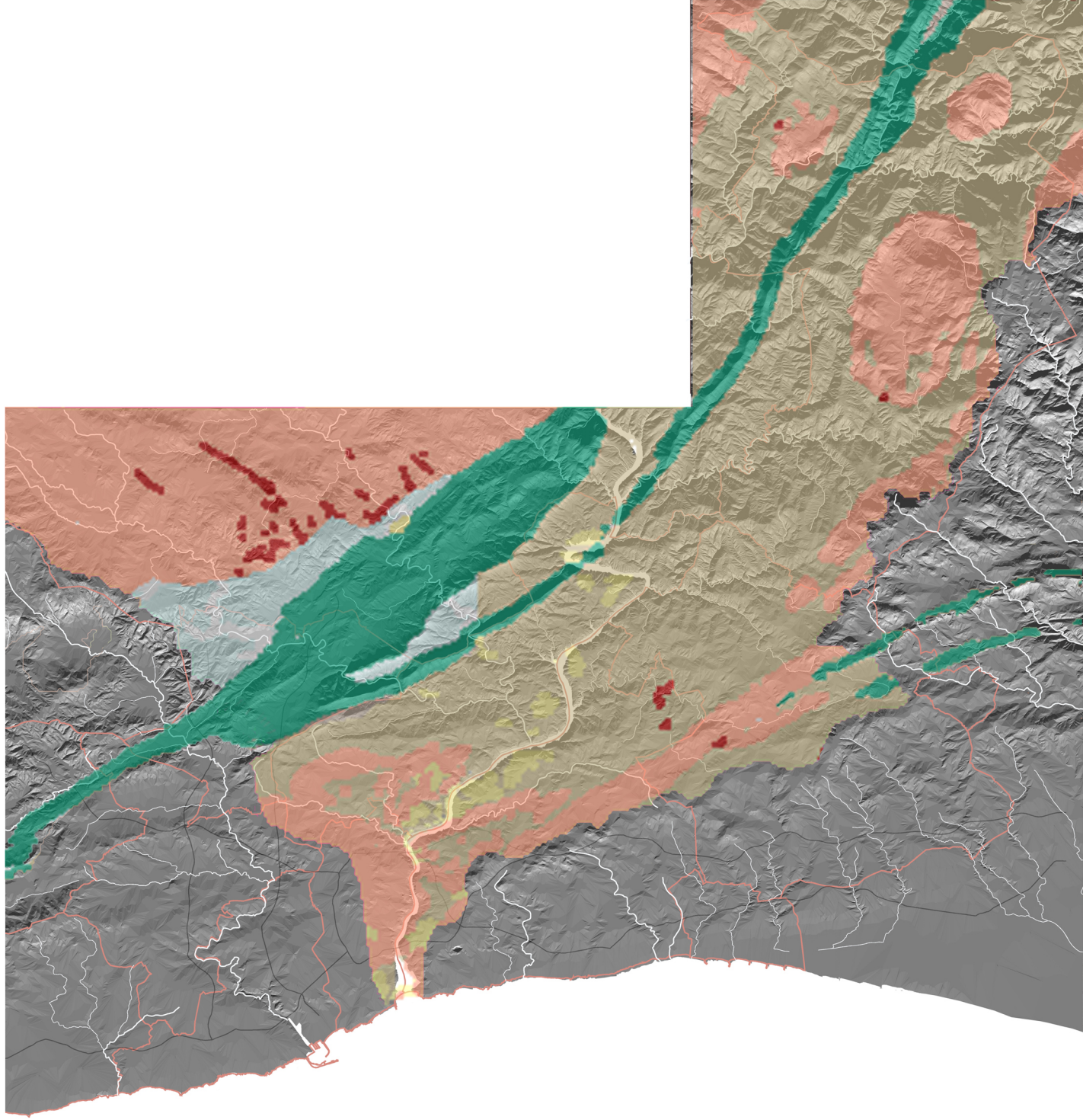


Cais da Ribeira (Porto)



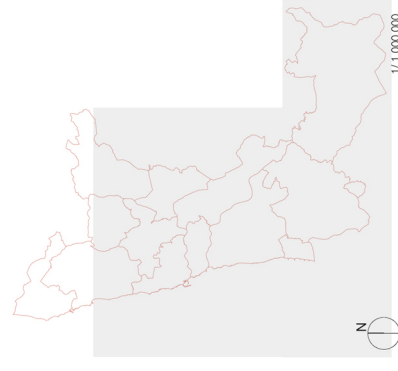
Barra do Douro

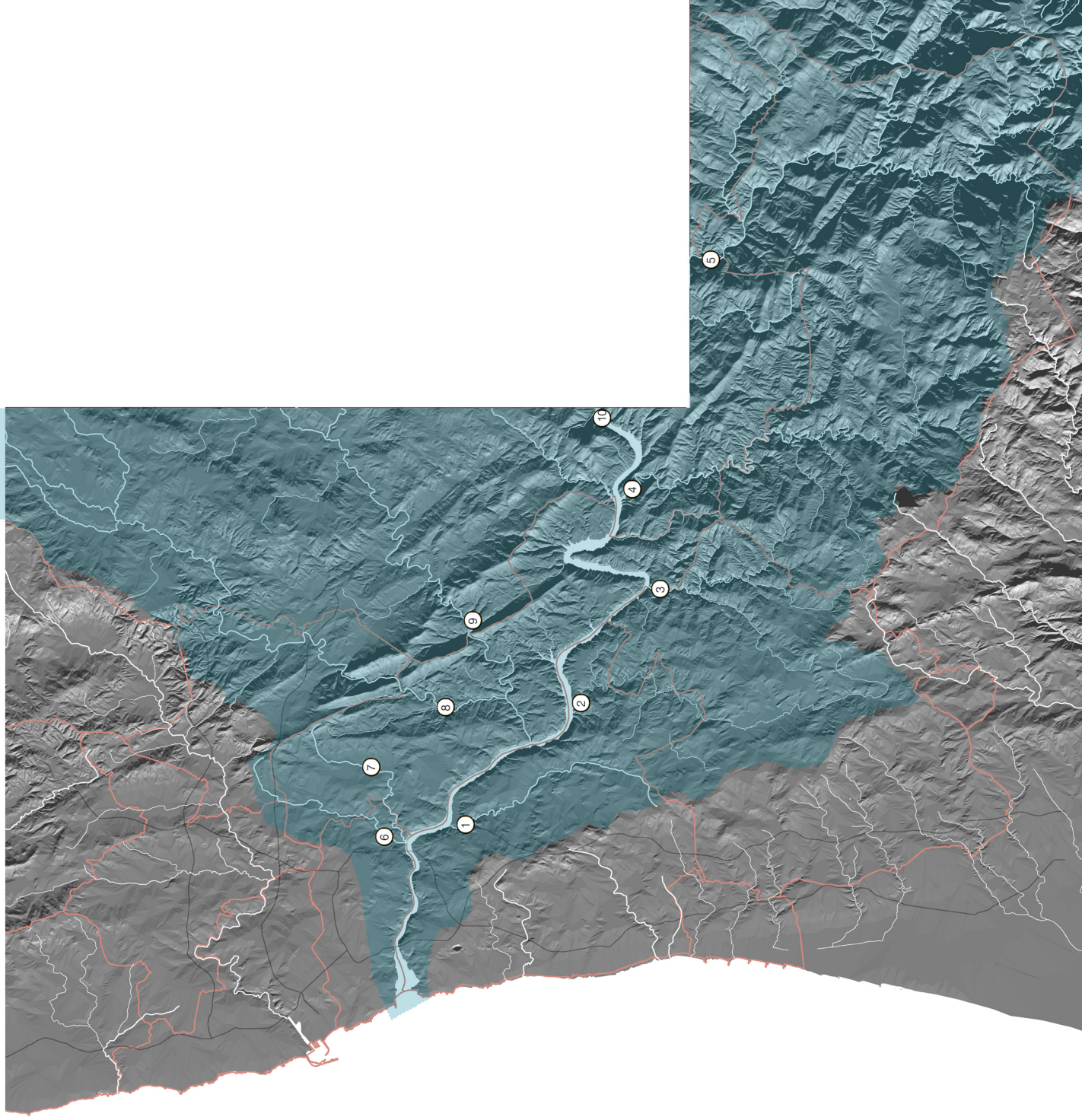




01 RIO DOURO | GEOLOGIA

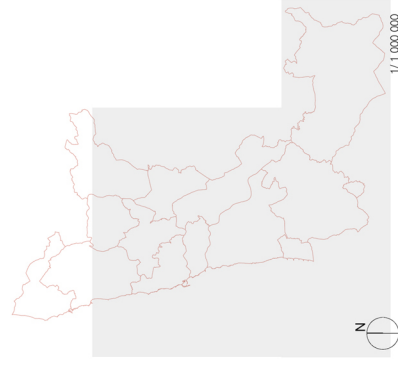
- Aluviões e Fluviósclos
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Grauwáquico
- Ordovício
- Rochas filonianas

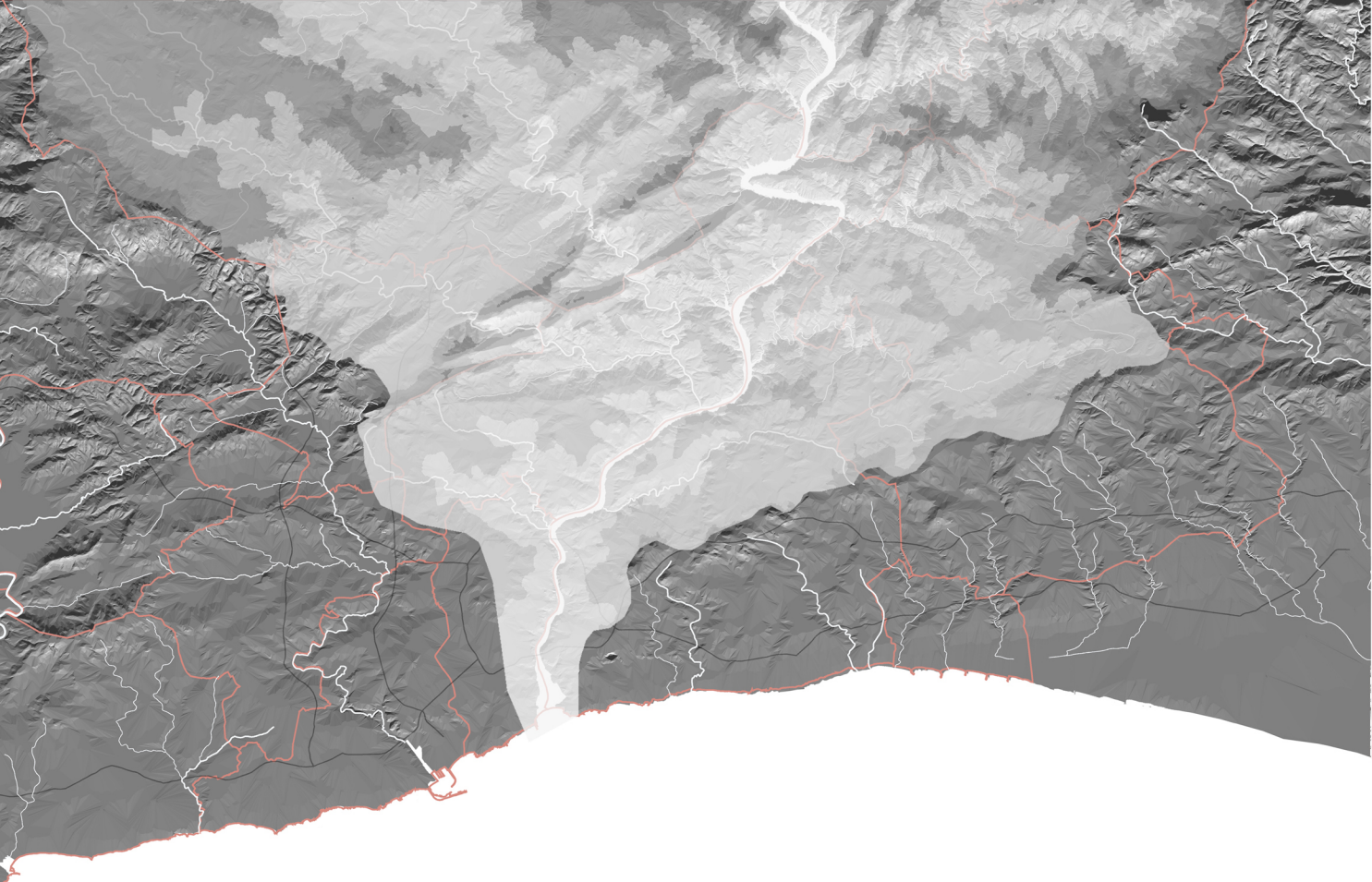




01 RIO DOURO | HIDROGRAFIA

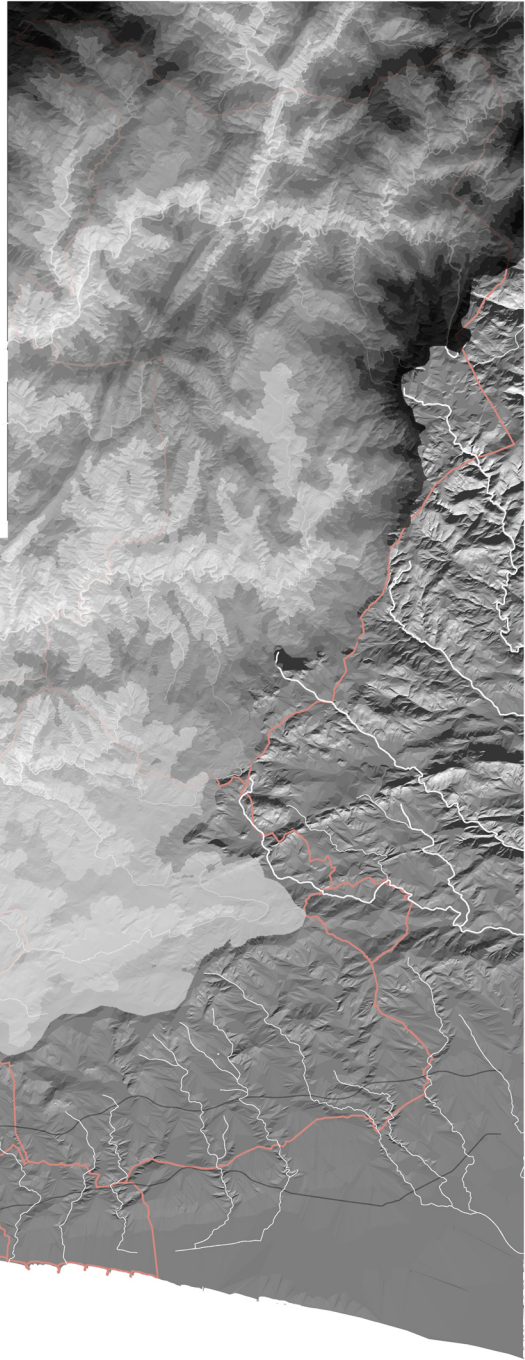
- 1 Rio Feibros
- 2 Rio Ujma
- 3 Rio Inha
- 4 Rio Arda
- 5 Rio Paiva
- 6 Rio Tinto
- 7 Rio Torro
- 8 Rio Ferreira
- 9 Rio Sousa
- 10 Rio Douro





03 RIO DOURO | HIPSOMETRIA

- 0 - 100 metros
- 100 - 200 metros
- 200 - 300 metros
- 300 - 400 metros
- 400 - 500 metros
- 500 - 600 metros
- 600 - 700 metros
- 700 - 800 metros
- 800 - 900 metros
- 900 - 1000 metros
- > 1000 metros

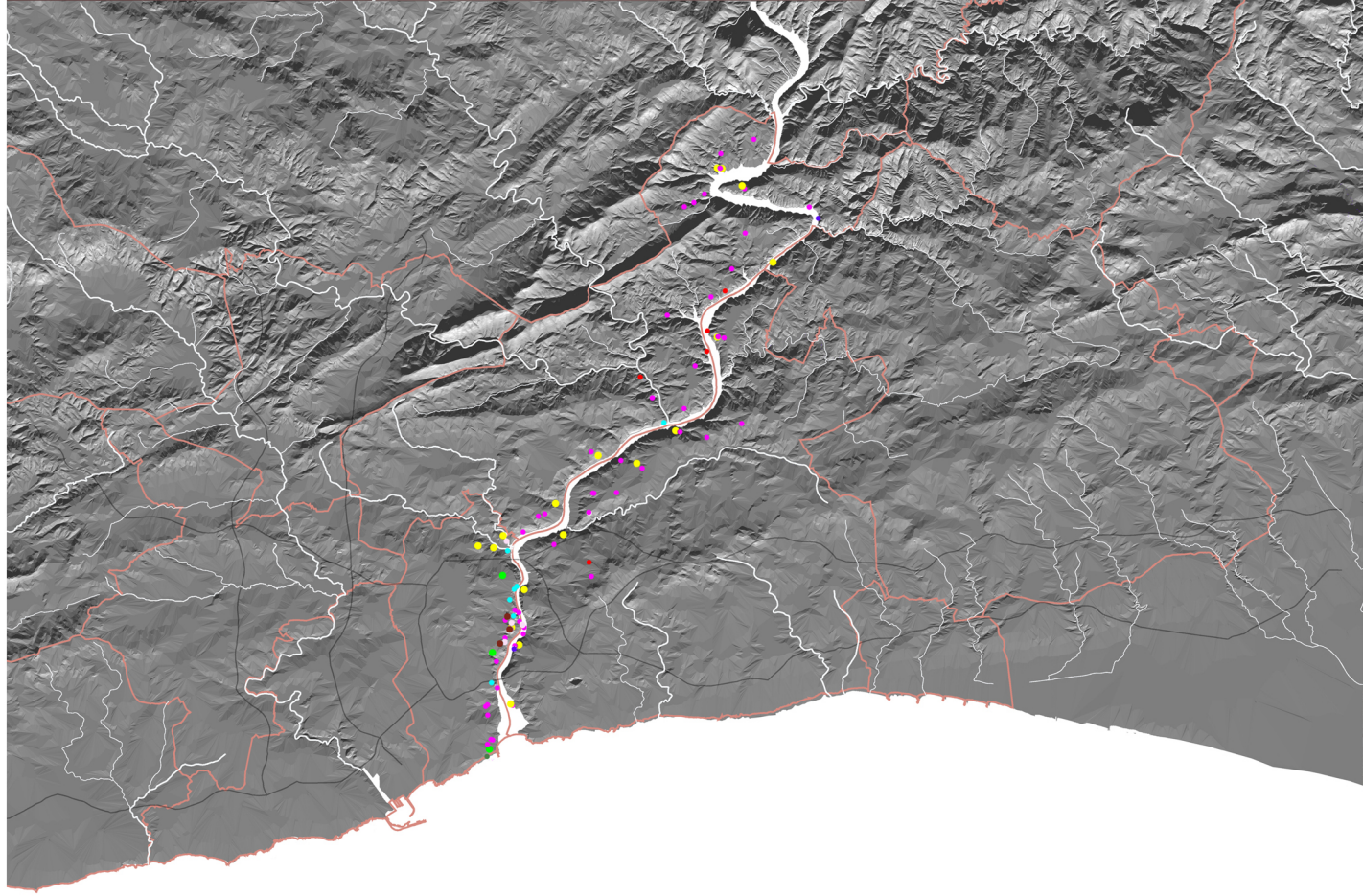


03 RIO DOURO | HIPSOMETRIA

1 km

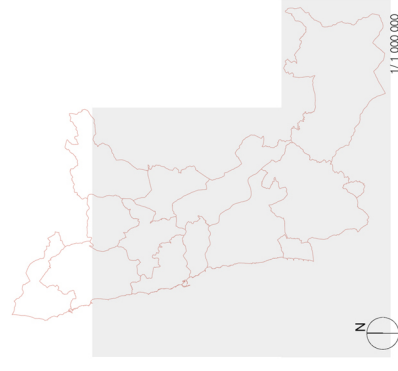
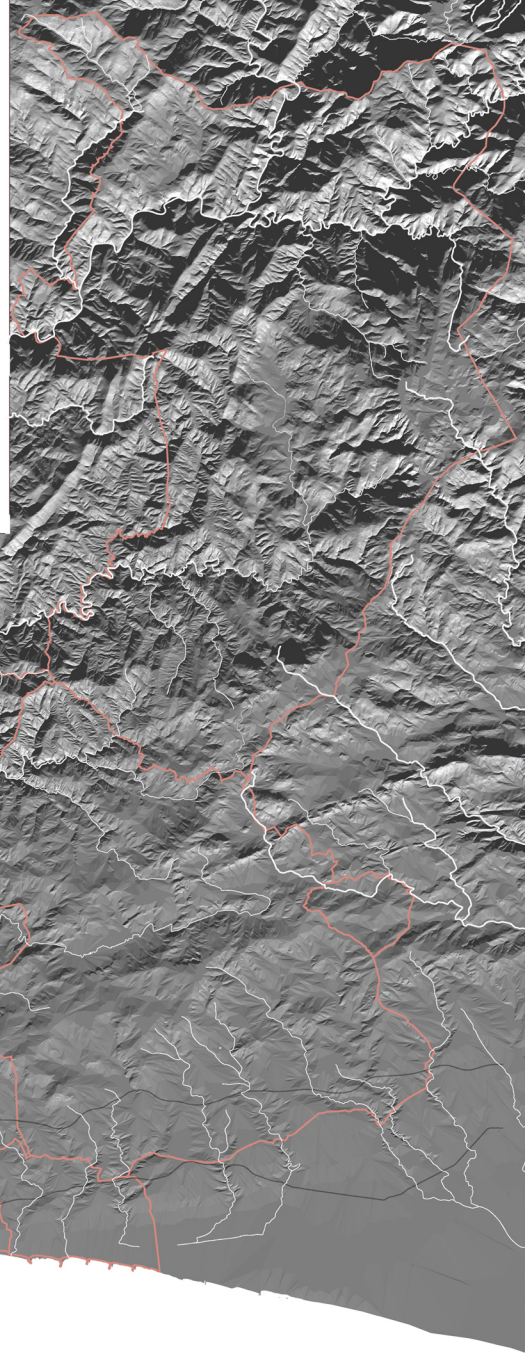
N

1/1.000.000



04 RIO DOURO | PATRIMÓNIO

- Património religioso
- Quintas
- Parques
- Miradouros
- Pontes
- Património arquitectónico
- Património cultural
- Património militar
- Equipamentos



1 / 1 000 000

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Rio Douro

Área (ha):

Freguesia (s): Gondomar (Melres, Lomba, Medas, Covelo, Foz do Sousa, Jovim, Gondomar (São Cosme), Valbom); Santa Maria da Feira (Canedo); Vila Nova de Gaia (Lever, Crestuma, Olival, Avintes, Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia (Santa Marinha), São Pedro da Afurada, Canidelo); Porto (Campanhã, Bonfim, Sé, São Nicolau, Miragaia, Massarelos, Lordelo do Ouro, Foz do Douro)

Concelho (s): Gondomar, Santa Maria da Feira, Vila Nova de Gaia e Porto.

DESCRIÇÃO

O Sítio

«O Douro foi o último que acordou; por isso rompeu por onde pôde, sem se importar com a escolha de sítio, e eis porque as suas margens são tristes e pedregosas» Leite de Vasconcelos in www.bragancanet.pt

A frente ribeirinha do rio Douro na Área Metropolitana do Porto, totaliza os seguintes valores em extensão linear por freguesia de montante para jusante, na margem direita: Melres com 6945 m, Medas com 7757 m, Covelo com 1574 m, Foz do Sousa com 5844 m, Jovim com 2691 m, São Cosme com 1613 m, Valbom com 3036 m, Campanhã com 1178 m, Bonfim com 1645 m, Sé com 475 m, São Nicolau 864 m, Miragaia com 539 m, Massarelos com 1547 m, Lordelo do Ouro com 1830 m, e Foz do Douro com 1388 m. Já na margem esquerda do rio Douro perfilam-se as seguintes freguesias da AMP de montante para jusante: Lomba com 7529 m, Canedo com 2708 m, Lever com 5172 m, Crestuma com 2437 m, Olival com 1150 m, Avintes com 6642 m, Oliveira do Douro com 3862 m, Santa Marinha com 3442 m, São Pedro da Afurada com 1460 m, e Canidelo com 1782 m.

O rio Douro possui a maior **bacia hidrografia** a nível da península ibérica com 98370 km² (18550 km² em Portugal) e é o terceiro rio mais extenso com 927 km, correspondendo 330 km em território nacional, dos quais 122 destes servem de fronteira com Espanha. A sua nascente localiza-se a 1700 m metros de altitude perto do pico de Urbion na Cordilheira Ibérica em Espanha (Instituto da Água & MAOT, 2001). O rio Douro é o terceiro rio em extensão na Península Ibérica mas o de maior altitude média, nasce na vertente Sul da Serra de Urbion, acima do lugar de Duruelo, mas ao passar por Barca de Alva a entrar em território português já está apenas a 125 m (Müller, 1985). O **escoamento anual médio** na foz do Douro corresponde a 540 m³/s, ou seja um total médio anual de 17100 hm³ (Instituto da Água & MAOT, 2001).

Quanto ao **topónimo** *Duero* em castelhano e *Douro* em português, a hipótese mais consensual é que deriva de *dur* na antiga língua dos Celtas, que em bretão quer dizer *água*. Mas também há autores que defendem que vem de Dórida da antiga Grécia ou de um afluente do rio Pó (Itália). Plínio chamava-lhe *Durius*, Estrabão designava-o por *Dourios* e Marciano por *Darios* (Müller, 1985).

“A possibilidade de o antropónimo Durius (na hipótese do tipo breve Dur) se relacionar com o nome do rio Durius (Douro) alicerça-se não apenas no facto duma certa coincidência geográfica das áreas de distribuição dos dois tipos onomásticos mas principalmente no facto de tal relação ser apoiado por outros casos paralelos” Moreira (1994)

Como é o caso do rio Ebro que vem de Hiberus e do rio Minho que vem de Minius (Moreira, 1994).

“Os antigos geographos gregos e latinos designavam o Douro pelo nome que ainda hoje lhe damos. O curso d'este rio era bem conhecido no tempo da dominação romana e servia de fronteira entre a Callecia e a Lusitania na divisão da Hespânia feita no tempo do Imperador Augusto”. Visconde de Villa Maior (1876) in O Douro Ilustrado (1990)

Existem relatos escritos das **cheias do rio Douro** desde o ano 1526, assim a cheia de 1727 é descrita como repentina tendo causado grandes estragos materiais e perda de vidas humanas, mas a cheia de Dezembro de 1909 é considerada a maior de todas (Müller, 1985). Em **1739**, em finais de Dezembro, na chamada **“cheia grande”**, as águas já tinham galgado a muralha e entrado na capela de Nossa Senhora do Ó (numa das torres da antiga Porta da Ribeira) com uma força de corrente de cerca de 17 milhas. Se a ponte D. Luis já existisse então, o nível das águas teria atingido o nível do tabuleiro inferior (Pereira, 2001).

O extraordinário **encaixe** do rio Douro no território português é explicado pela descida geral do nível de base no final do Terciário que lhe conferiu grande capacidade erosiva, por o rio Douro correr na área de maior altitude média do Maciço Antigo numa zona de elevada precipitação que não parece ter sofrido com os máximos de aridez do Quaternário e por ter ficado no limiar das grandes glaciações. O rio Douro apresenta vertentes quase abruptas até ao mar, tendo a 2,5 km da foz a escarpa da Arrábida com 70 m de encaixe e uma abertura de 500 m, (www.bragancanet.pt).

Junto da cidade do Porto, o rio Douro cruza duas zonas de escarpas, o morro de Quebrantões e mais a jusante o monte da Arrábida. O rio possui um estuário estreito para o caudal que apresenta, junto da ponte D. Luis o leito do rio apenas tem 150 metros e junto da Ribeira e Massarelos apenas possui 300 metros. Devido às características do seu estuário, o troço final do rio sofre por vezes cheias avassaladoras em que o rio sobe mais de 5 metros. No ano de 1895, o rio transpôs as margens durante 45 dias, e em 1909 e 1962 chegou mesmo a estar em risco a Ponte D. Luis (FCG, 1985).

A **barra do Douro** sofreu recentemente alterações, com a construção dos molhes, uma obra considerada necessária, já que com a formação do Cabedelo (uma enorme restinga arenosa) o acesso à barra do rio

douro era cada vez mais difícil. Já em finais do século XVIII, a barra do Douro apresentava dificuldades à navegação, as sondagens realizadas no Verão de 1789, indicavam uma profundidade de apenas 17 palmos na praia-mar. Com a abertura da estrada marginal que liga o centro da cidade à Foz, a pedra retirada das escavações foi utilizada para construir o molhe do Farolim (formando um espaçoso aterro onde mais tarde foi instalado o Jardim do Passeio Alegre, deslocando assim a entrada da barra para um local com mais profundidade (FCG, 1985). O rio Douro no seu troço final é um rio sinuoso e relativamente profundo, o que permite a acostagem de navios de calado razoável, mas devido a não possuir a largura necessária para a realização de manobras de navegação, não possui grande utilização comercial.

Quanto à **geomorfologia** do vale do Douro no seu troço final, principalmente a partir dos 63 km da foz em que deixa de ser um rio com leito de rocha e passa a ter um leito de sedimentos, em que a espessura aumenta com a proximidade da foz, segundo sondagens para a ponte ferroviária de São João no Porto, o leito rochoso está a menos de 70 metros de profundidade, o que indicia que na altura do máximo da glaciação wurmiana o rio Douro fluía muito mais encaixado (www.bragancanet.pt).

Nas **unidades hidrogeológicas** no vale do rio Douro na AMP, estão presentes o Maciço Antigo, os depósitos aluvionares da Foz até Entre-os-Rios e a Orla costeira que vai do Porto a Ovar (Instituto da Água & MAOT, 2001). A geologia da parte portuguesa da bacia do Douro é constituída, predominantemente, por Unidades Granitóides e Unidades Metassedimentares muito deformadas. Os materiais detriticos são muito pouco representativos, ressaltando-se a sua ocorrência, por exemplo, na Veiga de Chaves, na zona de Vilariça e na zona compreendida entre Espinho e o sul do Porto.

Sob o ponto de vista da **geologia**, o rio Douro adaptou-se para atravessar a mancha quartzítica do flanco oriental da grande dobra de Valongo, na base da serra da Boneca, aproveitando as movimentações tectónicas (fracturas) para superar os obstáculos que surgiam no seu curso, com a particularidade de ter aproveitado toda uma série de fracturas geológicas umas maiores, outras menores (www.bragancanet.pt).

*“Quando os rios que indicamos atravessam essas muralhas quartzíticas, dão sempre sinal de vencerem um obstáculo que lhes surge no caminho e que retarda a regularização do seu perfil. As mais importantes secções de meandros encaixados dos nossos cursos de água aparecem-nos relacionadas com os restos das velhas dobras hercínicas, e é no espaço compreendido entre elas, quando paralelas, que esses meandros mais se acentuam e complicam...É o que sucede **ao Douro** ao transpor as linhas de relevo que constituem a continuação da Serra de Valongo...”* Girão (1949)

O Douro a seguir a Melres atravessa os quartzitos skidavianos do flanco Oeste da dobra de Valongo. Mas, a presença dos quartzitos não é considerada determinante para a forma pseudomeândrica junto de Lomba-Santiago de Melres, existindo outros factores de ordem tectónica que podem ser considerados responsáveis pelo actual traçado do rio Douro. Assim o rio não se adapta aos quartzitos, mas também

não os corta indiferentemente à estrutura, aproveitando no caso de Melres, as fracturas orientadas praticamente com a direcção N-S (Rebello, 1975). No rio Douro, a jusante das cristas quartzíticas do noroeste português, surgem alguns depósitos fluviais a cotas de 120-140m, como os terraços de Lever, hoje alguns submersos pela barragem, Zebreiros, Aldeia Nova e Gandra (Rebello, 1986).

“Entrando na região do Douro Inferior, corre sempre o Douro, por mais de 40 kilometros, através de terreno granítico, até passar a foz do Tâmega; entra então novamente nos terrenos de formação paleozoica até às proximidades do Porto, em que a derradeira massa granítica lhe abre estreita passagem até ao mar.” Visconde de Villa Maior (1876) in O Douro Ilustrado (1990)

Na **classificação dos segmentos lóticos**, o troço do Douro é artificial – nível V (curso de água artificial – meio regularizado), enquanto o dos seus principais afluentes na AMP (Sousa, Uima e Inha) são seminaturais - níveis I (segmento muito degradado), II (segmento degradado) e III (segmento com alterações moderadas) (Instituto da Água & MAOT, 2001).

O vale do rio Douro na Área Metropolitana do Porto apresenta-se mais encaixado e arborizado a montante e mais largo e urbanizado a jusante. O **uso do solo** predominante das encostas a nascente é florestal. Na margem direita do rio Douro a estrada nacional nº 108, percorre quase por completo a marginal do rio Douro, desde o limite nascente de Melres (Gondomar) até quase ao concelho do Porto, o único desvio da estrada em que se afasta da margem do rio é em Medas (Gondomar), onde inflecte para o interior regressando à margem do rio na zona ribeirinha da freguesia do Covelo. Na freguesia de Canedo as encostas do Douro estão arborizadas com eucaliptos, existindo apenas alguns trechos de vegetação ripícola na orla das linhas de água que desaguam no rio Douro.

No âmbito da delimitação das **Unidades Homogéneas de Planeamento** do Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Douro (PBHRD), que visa dar satisfação à necessidade de definir objectivos e implementar actuações diferenciadas em função das diversas sub-regiões da bacia hidrográfica que, para efeitos de planeamento e gestão de recursos hídricos, possam ser consideradas homogéneas, em termos hidrológicos, socio-económicos e ambientais, o rio Douro e a sua zona ribeirinha na Área Metropolitana do Porto está incluído no Baixo Douro - Litoral: Porto, Vila Nova de Gaia, Santa Maria da Feira, Gondomar (Instituto da Água & MAOT, 2001).

A **albufeira de Crestuma-Lever**, por estar no troço final do rio Douro, reflecte a realidade e as agressões que o rio Douro sofre em todo o seu percurso, o que traz consequências directas quanto à qualidade da água. Esta albufeira que está classificada como de fins múltiplos, índice 2, tem como principais utilizações: o fornecimento de água potável, o recreio com contacto directo, a navegação, a descarga de águas residuais e águas piscícolas (www.inag.pt).

Para a albufeira **de Crestuma**, para o período 1992-2001, foram determinadas **Classes do Índice de Qualidade da Água** (em %), com base em nove parâmetros físico-químicos e microbiológicos,

observando que a classe de fortemente poluído registou 0%, a classe poluído registou 7.8%, a classe razoável 79.3%, a classe bom 12.9% e a classe excelente 0% (Cortes, 2007). No Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Douro (PBHRD), a albufeira da barragem de Crestuma-Lever está indiciada por possuir um elevado grau de eutrofização da água (Instituto da Água & MAOT, 2001).

Quanto à qualidade das águas subterrâneas, no PBHRD, a zona de aluviões que vai desde a foz do Douro até Entre-os-rios está classificada como aquíferos de alta vulnerabilidade (Instituto da Água & MAOT, 2001).

No âmbito do Plano de Ordenamento da Albufeira de Crestuma-Lever, alguns dos pontos de amostragem da qualidade da água do rio Douro localizam-se na AMP, nomeadamente em **Melres**, **Lomba**, **Foz do Inha** (rio Inha), **Tapada do Outeiro** (EDP5, 6, 7 e 8, CI, CII e CIII) e **Crestuma** (junto à barragem). Os parâmetros avaliados foram os contidos no Decreto-Lei nº 236/98, na Directiva 2000/60/CE e no Decreto-Lei nº 243/2001 e incidiram sobre a qualidade física, química, microbiológica e biológica da água (www.inag.pt). Nos diversos usos de água da albufeira foram assinaladas as principais violações do valor máximo admissível (VMA) e do valor máximo recomendado (VMR):

- na água destinada para a produção de água para **consumo humano**, por ordem decrescente de ocorrência os sulfatos, matéria orgânica (CBO5 e CQO), contaminação microbiológica de origem antropogénica (coliformes totais, fecais, estreptococos fecais e salmonelas), cor, fenóis, mercúrio, cianetos, arsénio, cobre, ferro e manganês.

- na água para fins **aquícolas** (ciprinídeos): por ordem decrescente de ocorrência os nitritos, oxigénio dissolvido, cloro residual disponível, CBO5, Azoto amoniacal, pH, temperatura, cobre, fosfatos e amoníaco.

- na água para fins **balneares**, por ordem decrescente de ocorrência, os indicadores de contaminação microbiológica de origem antropogénica (coliformes totais, fecais, estreptococos fecais e salmonelas), transparência, óleos minerais, sólidos suspensos totais e oxigénio dissolvido.

- na água para fins de **rega**, por ordem decrescente de ocorrência, os coliformes fecais, cloretos, sólidos suspensos totais, boro e pH. De Entre-os-Rios até à Central da Tapada do Outeiro, o estado trófico evolui da mesotrofia para a eutrofia. É junto à Central que o estado de eutrofização é mais elevado. Os pontos mais próximos da barragem apresentam um grau trófico um pouco menor.

Assim, de acordo com a classificação generalizada da água para fins múltiplos (INAG), a água da albufeira de Crestuma-Lever pode ser classificada como muito má, principalmente devido aos parâmetros SST, CBO5 e CQO (www.inag.pt).

Em 2005, **Bordalo e Sá** do ICBAS (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar), referiu que as águas do Douro, entre Crestuma e a foz (com a zona “mais crítica” entre o Freixo e a Barra), apresentavam **níveis de contaminação** 122 vezes superior ao permitido pela legislação, e que apesar do investimento realizado com a construção de sete estações de tratamento de águas residuais (ETAR) que deviam servir a bacia final do rio, a deficiência nas ligações dos esgotos domésticos à rede de saneamento, fazia com que as ETAR apenas estivessem a funcionar a um terço da sua capacidade (JN, 17/06/2005). O mesmo biólogo, que desde 1985 analisa a água do **estuário do rio Douro**, alertou para a degradação progressiva da qualidade da água do estuário desde Janeiro de 2007, tendo então remetido as responsabilidades para o mau funcionamento da ETAR de Sobreira, por esta estar a receber o caudal de duas ribeiras de Nevogilde e da Ervilheira, para o qual não estava dimensionada, uma situação considerada provisória pelas Águas do Porto (JN, 23/08/2007). Mas foi reconhecido que a situação tem vindo a melhorar desde 2004, já que nesse ano foram registados níveis de contaminação da água do estuário do rio Douro 500 vezes superiores ao limite permitido por lei (JN, 23/08/2007).

A **Estação de Tratamento de Água de Lever** tem capacidade para processar 400 000 m³/dia e fornece água potável a grande parte dos concelhos da AMP, quanto ao saneamento e tratamento de afluentes existem grandes deficits que contribuem para a contaminação da água do Douro (www.inag.pt). A **ETAR do Freixo** (na zona oriental da cidade do Porto) tem capacidade para tratar as águas residuais de 170 000 habitantes, enquanto a **ETAR das Sobreiras** (na zona ocidental), tem capacidade para o tratamento das águas residuais de 200 000 habitantes. Em ambas, os objectivos do tratamento são tratar: a CBO₅ (carência bioquímica de oxigénio), a CQO (carência química de oxigénio), os sólidos em suspensão, o azoto total, o fósforo total e os coliformes fecais (O Rio Douro regressa às origens, 2002).

Em 2006, o troço do **rio Inha** na freguesia de Canedo, em Santa Maria da Feira, foi invadido por uma praga de algas, ao ponto de provocar dificuldades de navegabilidade e afectar o ecossistema aquático. A proliferação das algas, designadas de “folheadas”, na linha de água, dever-se-á segundo algumas opiniões aos lixiviados provenientes da antiga lixeira de Canedo (já desactivada) e segundo a Suldouro (a entidade gestora da antiga lixeira), à presença de compostos orgânicos de outras origens. Na mesma ocasião também foram observadas manchas de algas na zona da Lomba (<http://jn.sapo.pt/2006/10/30>).

No PBHRD, existe a proposta da elaboração (pelo INAG) de um Plano de Gestão Integrada para o **estuário do rio Douro**, com incidência na bacia de S. Paio, na foz da ribeira da Granja e no areinho do Freixo, por considerar que nestes locais devem ser salvaguardados os meios aquáticos com interesse ecológico, ambiental e paisagístico. O Douro possui um estuário de tipo vestibular, de forma em funil simples, em que apenas junto à margem esquerda, abrigado pela restinga do Cabedelo se observa o depósito de lodos (Instituto da Água & MAOT, 2001). O estuário do rio Douro apresenta algumas zonas de sapal, com maior interesse relativamente à vegetação aquática e à avifauna. Os areais de Avintes e de Valbom possuem grande importância ornitológica, e a bacia de S. Paio tem elevada diversidade

florística e faunística (Instituto da Água & MAOT, 2001). Já o Areinho de Avintes, por ter sido considerado irrecuperável, não foi abrangido por medidas de recuperação ambiental (Instituto da Água & MAOT, 2001).

No âmbito da recuperação das zonas prioritárias do **estuário**, quanto à conservação e valor ambiental, no PBHRD foram definidas as seguintes medidas:

- na bacia de S. Paio, foi recomendada a não instalação de estaleiros na base do Cabedelo, na melhoria das acessibilidades as obras necessárias devem ser feitas a partir da frente oceânica ou da margem norte artificializada e não da frente estuarina, a bacia deve ser rearboreada com *S. maritimus* e esta zona deveria ser alvo de um plano de área protegida de modo a permitir o desenvolvimento integrado de todas as suas valências;

- para a foz da ribeira da Granja, foi definido como urgente a despoluição da ribeira, através do tratamento correcto dos esgotos domésticos e industriais, a remoção da camada de sedimentos finos superficial de modo a remover os metais pesados que são uma fonte contaminante da coluna de água; o controle do estaleiro a montante de modo a fiscalizar o uso de materiais perigosos e proibidos, a recuperação do prado de juncos que se encontra bastante degradado e a dragagem do banco de areia a jusante (que resultou da extracção de inertes em 1999, o qual impede o fluxo normal das águas da ribeira na vazante;

- e para o Areinho do Freixo, foi definida como desejável a remoção do talude e a delimitação notória entre a zona balnear e a zona de recuperação do sapal (Instituto da Água & MAOT, 2001).

Desde 1985 que a **barragem de Crestuma-Lever** passou a ser o limite a montante do estuário do rio Douro, que se desenvolve por 22 km até à foz. Esta barragem que possui uma capacidade de armazenamento com cerca de 110 hm³, é a principal fonte de água potável para a Área Metropolitana do Porto, desde que a empresa Águas do Douro e Paiva e a Estação de Tratamento de Água de Lever começaram o tratamento e a exploração da água para fornecimento à AMP (<http://www.inag.pt/inag2004>).

O Plano de Ordenamento da Albufeira de Crestuma-Lever (POACL) foi aprovado em 2007 e incide sobre o plano de água e respectiva zona de protecção com uma largura de 500 metros contados a partir do nível de pleno armazenamento (cota 13,5m) e medida na horizontal, pertencendo parte da área integrada aos municípios de Gondomar, de Santa Maria da Feira e de Vila Nova de Gaia (www.portugal.gov.pt).

O **estuário** do rio Douro pode ser dividido em três troços: o troço superior, o troço médio e o troço inferior. O **troço superior** é caracterizado pelo vale encaixado, pouco urbanizado e em grande parte com as encostas revestidas de povoamentos de eucaliptos, verificando-se no entanto nas margens do rio, entre outras espécies arbóreas, a presença de carvalhos-alvarinhos (*Quercus robur*), sobreiros (*Quercus suber*), pinheiros-bravos (*Pinus pinaster*), pinheiros-mansos (*Pinus pinea*), loureiros (*Laurus nobilis*) e

também a infestante acácia-mimosa (*Acacia dealbata*). No sub-bosque destas áreas florestais dominam o tojo-arnal (*Ulex europaeus ssp.latebracteatus*), o tojo-molar (*Ulex minor*), o feto-do-monte (*Pteridium aquilinum*) e a silva (*Rubus ulmifolius*). O **troço médio**, correspondendo na margem esquerda do rio às freguesias do concelho de Vila Nova de Gaia, nomeadamente desde Oliveira do Douro, até Santa Marinha, e na margem direita do rio às freguesias do concelho do Porto, desde Campanhã até Lordelo do Douro, é caracterizado por uma densa urbanização do território. Já o **troço inferior** do estuário do rio Douro, que abrange as áreas a jusante do limite a jusante do troço médio, nomeadamente na margem direita a freguesia da Foz do Douro e na margem esquerda as freguesias de São Pedro de Afurada e Canidelo, possui algumas zonas com importância ao nível da conservação de valores naturais, onde se destaca a Bacia de S. Paio, a qual foi alvo de uma proposta no âmbito da criação de um Parque Natural, tendo sido esta área no PDM de Vila Nova de Gaia classificado como REN em 1993, no entanto o Governo aprovou a retirada desta classificação de protecção em 1994. Já em 2001, aquando da elaboração do Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Douro (PBHRD), as poucas zonas húmidas que restavam, além de S. Paio, só Lordelo, Massarelos, Areinho do Freixo e Avintes, da antiga faixa riparia, encontravam-se bastante degradadas (Instituto da Água & MAOT, 2001).

A **barragem de Crestuma-Lever**, cuja construção decorreu entre 1981 e 1985, apesar de possuir equipamentos de transposição (eclusas) de tipo Borland, constitui uma **barreira na migração quer de espécies diádromas** como a lampreia e o sável quer de espécies catádromas como a enguia, com uma consequente perda de biodiversidade. Estas espécies valiosas, quer economicamente, quer para a biodiversidade do rio Douro, actualmente apresentam números muito reduzidos (Instituto da Água & MAOT, 2001).

A **ictiofauna** do estuário superior, na qual abundam as espécies de água doce como o barbo, a boga, o achigã, a carpa e a tainha difere da ictiofauna que domina o estuário inferior onde são as espécies anfialinas que dominam, como a tainha, a solha, o robalo, o caboz e o ruivo. Apesar de existirem 25 espécies piscícolas no estuário, as capturas de peixe comerciais têm vindo a diminuir (dados da Docapesca na Afurada), principalmente a solha, lampreia e enguia. Para a redução da captura de **solha** (peixe bentónico) contribuiu as dragagens realizadas no estuário inferior desde os finais da década de 80 do século XX, que destroem o seu habitat natural e o uso de redes de pesca proibidas, durante o período nocturno. Já no caso da **lampreia**, um diádroso que após alguns anos (5 a 8) no mar, regressa ao rio de origem para desovar, foi grandemente prejudicada pela barragem de Crestuma-Lever (período de construção incluído), pelas dragagens realizadas no estuário superior no final da década de 80, e pela progressiva salinização nos meses de inverno. Ao impedir a progressão dos migradores para montante, ao afectar a orientação dos peixes reprodutores e ao causarem a destruição das ovas, estes factores provocaram uma drástica redução das populações dos migradores e das capturas no rio Douro. O caso

do **sável** (também migrador) é paradigmático, enquanto em 1991 foram registadas 1300 kg, em 1994 apenas foram declarados 3 kg (Instituto da Água & MAOT, 2001).

O berbigão (*Cerastoderma edule*), a lambejinha (*Scrobicularia plana*), o camarão de rio (*Palaemon serratus*) e o caranguejo (*Carcinus maenas*) são espécies cuja captura não costuma ser declarada, mas que possuem alguma importância económica. O berbigão sofreu uma redução drástica dos stocks, com a intensificação das dragagens no estuário inferior (a partir de 1990), que afectaram os bancos de reprodução de berbigão (Instituto da Água & MAOT, 2001).

Na albufeira de Crestuma-Lever, abundam os ciprinídeos, principalmente o barbo (*Barbus bocagei*), que domina nas zonas com maior profundidade, enquanto nas zonas menos profundas e próximas dos afluentes há um maior número de bogas (*Chondrostoma polylepis*) e escalos (*Leuciscus cephalus*). Além destas espécies, também surgem a carpa (*Cyprinus carpio*), a enguia (*Anguilla anguilla*), a achigã (*Micropterus salmoides*), o peixe-sol (*Lepomis gibbosus*), a gambusia (*Gambusia holbrooki*), a tainha (*Liza ramada*), o gobio (*Gobio gobio*), o peixe-rei (*Atherina boyeri*), o pimpão (*Carassius auratus*), a truta-fário (*Salmo trutta*) e a pardelha (*Rutilus arcasii*). A pesca desportiva tem alguma importância na albufeira criada pela barragem, mas esta veio interferir com as rotas migratórias das espécies diádromas com grande interesse económico, o sável, a enguia e a lampreia (www.inag.pt/inag2004).

No estuário do rio Douro foram identificadas nove espécies de **herpetofauna** (Instituto da Água & MAOT, 2001). Quanto à **avifauna** do estuário (e envolvente) foram referidas 38 espécies, as gaivotas *Larus marinus*, *Larus minutus*, *Larus ridibundus* e *Rissa tridactyla* são abundantes no troço inferior do estuário, assim como existem algumas comunidades de espécies limícolas como o borrelho-grande-de-coleira (*Charadrius hiaticula*) e o pilrito-comum (*Calidris alpina*). As zonas de sapal, alguns areais como o de Avintes e Valbom e a bacia de S. Paio possuem uma importância indiscutível do ponto de vista ornitológico (Instituto da Água & MAOT, 2001).

As **albufeiras** do rio Douro, apresentam na sua maioria um elevado nível de **eutrofização**, com situações frequentes de anoxia na camada inferior e elevadas cargas de biomassa de fitoplâncton, entre elas as cianobactérias (potencialmente tóxicas) (Instituto da Água & MAOT, 2001).

No troço do rio Douro na AMP, desaguam alguns rios cujas bacias hidrográficas mereceram um tratamento especial no PBHRD, o **rio Sousa** que desagua na margem direita, e os **rios Uíma e Febros** que desaguam na margem esquerda do rio Douro. A bacia hidrográfica do rio Sousa apresenta cargas superiores de azoto, fósforo e carência bioquímica de oxigénio e também concentrações relevantes de metais pesados. Já os rios Uíma e Febros, apresentam uma elevada carga poluente, com elevadas concentrações em metais pesados (principalmente de origem industrial), o que por desaguiarem no estuário do Douro acarretam graves problemas para a biodiversidade do ecossistema (Instituto da Água & MAOT, 2001).

A **pesca desportiva no rio Douro** é uma modalidade com inúmeros adeptos, que aproveitam o cenário magnífico, e instalam-se ao longo das margens do Douro, principalmente durante os fins-de-semana. Em inquéritos realizados, verifica-se que a maior parte dos pescadores desportivos percorrem dezenas de quilómetros para afluir às margens do Douro. Pela sua abundância, os ciprinídeos são as espécies mais desejadas, destacando-se o barbo (*Barbus bocagei*), a boga (*Chondostroma duriensis*), o pimpão (*Carassius auratus*), a carpa (*Cyprinus carpio*) e o escalo (*Squalius caroliterti*). O achigã (*Micropterus salmoides*) e a enguia (*Anguilla anguilla*) são mais raros, mas também ocorrem nas pescarias. Quanto às espécies migradoras, como o sável (*Alosa alosa*), a savelha (*Alosa fallax*), a truta-marisca (*Salmo trutta*) e a lampreia (*Petromyzon marinus*) que subiam o rio para desovar nos rios, outrora abundantes e que permitiam a manutenção da pesca profissional, são hoje praticamente inexistentes (Cortes, 2007).

Desde sempre que a **navegação no rio Douro** teve uma importância fundamental, pois era a principal, senão a única via de comunicação entre o litoral e o interior. Octávio Filgueiras (1959), refere a tipologia dos barcos do rio Douro, mas o mesmo autor tem publicações mais pormenorizadas acerca destas embarcações típicas. Quanto à existência de embarcações do tipo **rabelo** no Douro, as primeiras referências escritas datam de 1200. Já em 1531 desciam o rio Douro, rabelos de 30 pipas ou 1500 alqueires. A inspiração dos rabelos é atribuída por uns autores aos vikings e por outros aos suevos (Pereira, 2001). Os **passos de Barca** mais importantes no século XIX (além do Porto), eram de jusante para montante: Gramido, Arnelas, Carvoeiro e Melres (Pereira, 2001). O rio Douro é navegável até Espanha desde 1991 (Pereira, 2001).

Mas devido ao curso do rio atravessar regiões acidentadas, como o caso do troço entre Crestuma e Entre-os-Rios, onde o rio abriu caminho entre o Anticlinal de Valongo, ou regiões sem grandes acidentes como o troço final do rio, houve a necessidade de adaptar diferentes **tipos de barco** às condições de navegabilidade e às mercadorias a transportar. Assim, no troço final entre a foz e Crestuma, os barcos que dominam são os barcos com pá, de fundo estreito de tábuas sobrepostas, com bordos altos e bico agressivo, como é o caso do **Valboeiro**. Já entre Crestuma e Entre-os-Rios, em que o curso do rio é mais acidentado, eram tradicionais os barcos com fundo mais largo e com espadela, o que permitia um melhor manuseamento da embarcação, neste caso destacam-se o **Rabão Branco** e o **Rabão Negro**, mais recente, existindo ainda os **Saveiros**, perto de Pé de Moura (Lomba), os quais possuíam coqueiro e mesmo espadela. Para as viagens que seguiam para montante de Entre-os-Rios, eram utilizados barcos com formas ladeiras e boleadas, o **Rabelo**, de modo a conseguir ultrapassar os grandes acidentes de percurso (www.geocities.com).

O **barco Rabelo**, com origem Sueva, Visigótica ou Viking, consoante os autores, é um barco com espadela, instrumento que governa o barco e que se insere num eixo, o tornel, com dois remos de cada lado, e fundo chato, com forma lenticular, com número ímpar de tábuas. Era usado no transporte de vinho, lenha, madeira, carvão, fruta, palha, batata e outros bens. Existiam rabelos com capacidade de transporte de 50 a 60 pipas de vinho. Actualmente perderam a função de transportadores de vinho, servindo apenas para fazer publicidade às companhias de Vinho do Porto, ou então estão adaptados para o transporte de turistas (www.geocities.com).

O **barco Valboeiro** é controlado através da pá, sendo o fundo do barco constituído por uma única tábua designada cal, a qual é completada por uma ou duas tábuas já inclinadas designadas por fundos. Tem várias utilizações, como barco de pesca no rio ou mar “o saveiro” ou como barco de transporte de passageiros e mercadorias. O Valboeiro utilizado na pesca do sável, tinha um comprimento entre 6 a 8 metros, podendo no entanto também ser utilizado como barco de carga. No caso do transporte das padeiras de Avintes ou nos passeios ao longo do rio, era acrescentado uma cobertura. Já os barcos usados na travessia entre Gondomar e Gaia, mediam aproximadamente 7,5 metros de comprimento, e às vezes eram conduzidos por barqueiras, para este caso o rebordo falso é calafetado e munido de um resguardo para evitar a entrada da água, podendo também ter coqueiro. Actualmente, apenas, Pé-de-Moura, Esposade e Ribeira de Abade permanecem baluartes destes barcos (www.geocities.com).

O **valboeiro** é considerado o barco mais característico do troço entre Entre-os-Rios e a Foz do Douro. É um barco ágil e seguro, de fino recorte, com bordas denteadas e uma proa bicuda, funcionando com a força motriz do movimento dos remos. Ainda hoje é utilizado na pesca e transporte (Pignatelli, 2003).

O **Rabão Branco** era usado no transporte de areia, gado, lenha, carqueja e caranguejo. Já o **Rabão Negro** que possuía uma tonelagem de 50 a 60 toneladas, ou mesmo mais, era usado para o transporte de carvão, sobretudo das Minas do Pejão, cuja exploração iniciou-se em 1917. A esquadra negra, que foram os últimos barcos a navegar, transportavam o carvão das Minas do Pejão até à fábrica de briquetes no Esteiro de Campanhã. Na década de 60 do século XX, a capacidade do Rabão chegou a atingir 70 e mais toneladas de carga de modo a poder competir com a concorrência. Apesar de diferir do Barco Rabelo, o Rabão possui semelhanças ao nível da terminologia das peças (www.geocities.com).

Apesar da arte de fabrico destes barcos típicos estar a cair em desuso, ainda existem artesãos que constroem estes tipos de barcos, nomeadamente em Vilarinho (Melres), onde o senhor Manuel Joaquim Moreira de Sousa tem o seu estaleiro, onde constrói valboeiros ou outros tipos de barcos, o qual refere a muita procura dos mesmos, considerando esta actividade bem remunerada (www.geocities.com).

A **pesca no rio Douro** sempre teve importância para as populações ribeirinhas, e mesmo nas trocas comerciais com povos antigos, como os fenícios que transaccionavam o peixe salgado ou os romanos

que usavam o *garum*, um molho à base de peixe. Na Idade Média, os donatários e os fidalgos tinham a preocupação de cobrar impostos sobre o pescado, como refere o foral de Gondomar. O mesmo foral refere a pesca de lampreia, sável, solha e enguia. Só no século XIX, em 1843, é que o imposto reverte a favor do Estado, então correspondente a 6% do valor do pescado, o que em 1928 aumentaria para 8,3%. Mas desde cedo que existiu a preocupação dos legisladores com a conservação dos recursos pesqueiros, já os “Acórdãos da Câmara do Porto” dos anos de 1560 e 1561, estabelecem regras quanto ao uso de determinadas redes e tipo de malhas permitidas, ao período de defeso, bem como contra a poluição (com trovisco, barbasco, cal, etc.) do rio Douro. Mas o Decreto de 6 de Setembro de 1886, volta a proibir determinadas redes e métodos de pesca, o que se deve ao constante não cumprimento da lei, neste caso as penas de prisão oscilavam entre três a trinta dias com respectivo pagamento de multa. Actualmente, ainda é possível pescar enguia, barbo, boga, escalo, tainha, mugem, ruivaca, alguma lampreia e sável (www.geocities.com). A **pesca na Idade Média** realizava-se principalmente desde Avintes até à foz do Douro e no mar, sendo os principais locais de pescadores, Avintes, Valbom, Campanhã, Gaia, Miragaia, Massarelos e Foz do Douro. As embarcações utilizadas eram pinações, caravelas, barcas, barcos e baixees e como artes de pesca usavam: abargas ou vargas e tresmalhos para o sável e lampreia, redes varredouras, lençoões, qualritos, dobrados, tarrafas e também covais, nassas e tesões para peixotas, congros, sardinha, ruivos, pargos, robalos e toninhas. Posteriormente a Afurada e Lordelo do Ouro também vieram a ser povoações pesqueiras (Congresso Internacional sobre o rio Douro, 1986).

O rio Douro tinha muita abundância de sáveis, lampreias, solhos, barbos, iroses, trutas e mais perto da foz peixes de mar como as toninhas e corvinas. Em 1614 foi pescado na barra do rio Douro um solho com cerca de 132 kg (Pereira, 2001).

Na faina piscícola no rio Douro são utilizadas várias **redes de pesca**: a **alar**, uma rede triangular bastante comprida, em que o vértice fica em oposição à corrente do rio, utilizada na pesca da lampreia, podendo reter 40 50 lampreias; o **camaroeiro ou conchinha**, que é composto por um saco de rede, quadrangular com costuras laterais o qual é preso a um arco que por sua vez está ligado a um cabo esta rede é utilizada na pesca de espécies que se agrupam: sável, lampreia e savelha. Já a **tresmalho ou vanda**, são redes de três panos de forma rectangular sobrepostos, com malha quadrangular, ficando a rede mais larga por fora e a mais fina por dentro. São deixadas a andar na corrente da maré, acompanhadas pelo barco, sendo utilizadas na pesca do sável, lampreia e savelha. A **varga, varina ou barga** é uma rede de arrasto de linho, com um único pano de emalhar, e grande cortiçada na tralha superior, e a inferior liga-se ao lastro que é feito de alguns pedaços de barro vermelho ou lousa chamados bolos, estas redes são usadas na costa e no rio, sempre a arrastarem do mar para a terra, para o que tem cordas amarradas às forcadas, sendo utilizadas na pescaria do sável, savelha e solha.

A **espinhela**, é outro método de pesca, em que para lançar enterra-se, perto da margem, uma estaca com cerca de meio metro onde se amarra uma corda, na outra extremidade prende-se com um fio uma pedra com cerca de 500 g que é para assentar no fundo, a qual é atirada ao rio esticando a corda. A linha com um comprimento total de aproximadamente 200 m, tem um anzol de 10 em 10 m onde se coloca o isco, minhoca, camarão ou sardinha. Na extremidade usa-se uma bóia para sinalizar a localização, é usada na captura de peixes de tamanho médio como a enguia, o robalo e a tainha. Além da pesca com Cana, também se utilizava em determinados pontos do rio Douro, as pesqueiras, uns sistemas de pesca (www.geocities.com).

No rio Douro habitam entre outros, os seguintes **peixes**: barbo (*Barbus*), enguia (*Anguilla*), boga (*Chondrostoma toxostoma*), escalo (*Leuciscus*), truta (*Salmo gairdneri*), lampreia (*Lampetra fluviatilis*), sável (*Clupea alosa*), solha (*Fleusua vulgaris*), tainha (*Mugil capito*) e muge (*Mugil auratus*) (www.geocities.com).

As primeiras **pontes** que ligaram o Porto à margem esquerda foram **pontes de barcas** (já Almançor usou esta estratégia quando por volta do ano 1000 avançou em direcção a Santiago de Compostela). Terá sido no reinado de Afonso III, no século XIII, que as pontes de barcas começaram a ter um carácter mais duradouro. Em 1348, já se vistoriavam âncoras, amarrações e cadeias que fixavam as pontes de barcas. E, em 1372, no percurso do rei D. Fernando a caminho do mosteiro de Leça do Balio onde se realizaria o casamento do rei, a ponte das barcas é referida pelo cronista real Fernão Lopes, como bastante larga, de tal modo que podiam trotar seis cavaleiros a par. Em 1806 foi construída a primeira ponte de barcas não provisória, que agregava 33 barcas alinhadas e presas umas às outras, existindo um estrado com guardas assentado nas barcas. Mas, em 1809, deu-se o desastre da Ponte das Barcas aquando da 2.^a invasão francesa, quando a multidão em fuga provocou a ruptura da estrutura com milhares de mortos (Müller, 1985).

A **agricultura** e **pecuária** não são importantes a nível da AMP no vale do Douro, quer pela densa terciarização do troço final do rio Douro, quer pela pouca abundância de terrenos com boa aptidão agrícola na área mais a montante, que se limitam a alguns vales encaixados.

Na Ribeira de Melres, com terrenos férteis cultivava-se o milho, o centeio, legumes, hortaliças, vinho e árvores de fruto, com ênfase nas noqueiras. Antigamente os produtos agrícolas da Lomba (principalmente de Sante) eram muito apreciados na Ribeira do Porto, para onde eram transportados em barcos tradicionais (www.gondomar.pt). Na zona baixa de **Melres**, principalmente na **Ribeira**, abundam os **pomares** tais como de macieiras, citrinos, noqueiras e outras.

Relativamente à **floresta**, a silvicultura cinge-se aos povoamentos de eucalipto e algum pinheiro-bravo, quer povoamentos de produção ordenada, quer povoamentos de regeneração natural, que ocupam as

encostas acidentadas das margens do rio Douro (www.inag.pt/inag2004). Nas matas de Melres, além do eucalipto quase omnipresente, também possuem especial significado o pinheiro-bravo e o sobreiro, bem como em alguns locais mais propícios onde surgem os choupos e carvalhos (www.gondomar.pt). Na Lomba, que foi durante anos fornecedor de lenha, madeira e carvão da cidade do Porto, ainda hoje existe uma importante área florestal, onde sob coberto dominam as urzes, a carqueja e as giestas (www.gondomar.pt). Apesar da maior parte da área da freguesia de Medas estar **florestada** com espécies de rápido crescimento, principalmente com eucalipto, existem principalmente nas zonas com melhores solos junto de linhas de água, manchas de carvalho (*Quercus robur*), soutos de castanheiros (*Castanea sativa*) e outras folhosas.

Património Cultural

O realizador Manuel de Oliveira realizou o documentário "*Douro, fauna fluvial*" em 1931. E na literatura vários foram os escritores e artistas que enaltecem as belezas e escreveram sobre o rio Douro, tais como por exemplo Raul Brandão, Ramalho Ortigão, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Arnaldo Gama, João Grave, José de Almada Negreiros, Agustina Bessa-Luis (Canção do Mais Alto Rio, 1998).

Durante a Idade do Ferro, a ocupação humana estava fixada no cimo dos montes em ambas margens do troço final do rio Douro, assim na margem direita situavam-se os **castros** da Noeda (Campanhã), Pena Ventosa (Sé), e Cristelo (Torre da Marca) e na margem esquerda os castros de Oliveira do Douro, Mafamude e Gaia. Por norma todos os castros situavam-se junto da confluência de linhas de água secundárias, que serviam para delimitar territórios. Já durante a romanização houve um reordenamento do território, com a ascensão de determinados povoados que passaram a dominar áreas mais extensas, englobando outros castros subalternos, e com a estrada romana que ligava Ollisippo a Bracara, sobressaíram os morros da **Pena Ventosa** (margem direita) e do **Castelo** (margem esquerda), pressupondo-se que a designação *Cale* pudesse englobar ambas as margens, como era comum no império romano. Durante a ocupação sueva, a partir do século V, o aglomerado de ambas as margens do rio Douro, já era designado por *Portucale*. No século VI, a cidade passa para a posse dos visigodos e já no ano 716 para a posse dos muçulmanos, sendo reconquistada pelos cristãos em 868 por Vímara Peres (Real, 1986). As primeiras referências documentais sobre o Porto datam do século IX, quando Vímara Peres conquistou aos árabes o castelo portugalense que dominava a margem direita do rio Douro. Foi o nome da fortificação que designou, primeiro um condado, depois uma província e finalmente o país. Em 1120, D. Teresa doou o Burgo ao bispo D. Hugo.

A antiga *Cale* localizava-se na margem esquerda do rio Douro, sendo que em 1255 D. Afonso III concedeu foral a Gaia Nova e 33 anos depois, foi o rei D. Dinis quem atribuiu foral a Gaia Velha ou Vila

Nova do Rei, as duas em 1834 fundiram-se no concelho de **Vila Nova de Gaia**. A **pesca** no rio Douro ainda mantém na Afurada e em menor grau no Areinho de Oliveira do Douro, em Espinhaço (Avintes) e em Arnelas alguma actividade (O Douro de Barca de Alva até à Foz, 1994). Mas foi a instalação junto do **cais de Gaia** dos armazéns onde o **vinho do Porto** é envelhecido nas **caves** das firmas que o comercializam e exportam, que marcou para sempre a relação de Gaia com o rio Douro, por onde chegavam as pipas de vinho que vinham nos rabelos rio abaixo (O Douro de Barca de Alva até à Foz, 1994).

Os **Valboeiros**, são barcos tradicionais que se avistam em Pé de Moura, Esposade, Ribeira de Abade, Crestuma, Arnelas, e outros locais de acostagem ao longo do rio Douro.

Na freguesia da **Lomba** em Gondomar são várias as casas senhoriais e quintas que merecem particular atenção, a **Quinta da Lomba** onde funciona uma unidade de turismo de habitação a **Casa do Capitão**, a **Casa de Sante**, o **Casal de São José** (cuja construção data de 1742), a **Casa de Santos Moreira** e o **Solar de Gaspar Neves** (que possui a capela de dedicada ao Santo Apolinário, com colunas de estilo coríntio e talha renascentista, bem como a **capela de Santa Eufémia** (padroeira muito venerada em Pé de Moura, a festa de Santa Eufémia é a 16 de Setembro) (www.gondomar.pt). A **Igreja de Santo António da Lomba** é setecentista e com painéis de azulejaria, aqui celebra-se a festa do padroeiro no dia 13 de Junho (www.gondomar.pt).

Na freguesia de **Melres**, no património religioso destaca-se a **Igreja Matriz de Melres**, edifício setecentista, que possui uma imagem notável da Senhora das Dores (www.gondomar.pt), a **capela do Senhor dos Passos**, a **capela de Nossa Senhora da Piedade** no local de Moreira, edificada em 1610, foi mandada construir por uma família nobre, realizando-se todos os anos a 5 de Agosto a festa religiosa (www.jf-melres.com). E ainda a **capela de S. Bartolomeu** no lugar de Santiago (que deve o seu nome por ter sido passagem dos romeiros a caminho de Santiago de Compostela), é considerada a capela mais antiga da freguesia (www.jf-melres.com), e possui o interior em talha dourada (www.gondomar.pt). Já quanto a **solares** em **Melres** destacam-se: o **Solar da Bandeirinha** onde funciona a junta de freguesia de Melres, a casa da Quinta da Bandeirinha data de 1697, e foi um local de lazer e repouso de algumas famílias senhoriais (www.gondomar.pt), e a **Quinta da Casa Grande**, já em 1758 havia referências à capela de Nossa Senhora da Vitória, actualmente é dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Esta capela setecentista particular é de estilo neoclássico (www.jf-melres.com).

Em **Medas**, destaca-se a **capela de Broalhos**, que no interior possui talha dourada e aqui realiza-se a festa à Senhora das Canas e da Hora, em que se faz uma procissão por um itinerário com vistas de

grande beleza. Antigamente existia uma ermida (num lugar chamado Castro) erigida à Senhora de Canas, que foi destruída aquando da construção da central termoelétrica, mas a devoção manteve-se, e a **capela Vila Cova** onde no 1.º domingo de Agosto festeja-se o Divino Salvador (www.gondomar.pt). Quanto a **quintas**, em **Medas** merecem destaque a Quinta de Lousada, a Quinta do Paço, a Quinta de Vale de Amores e a Quinta da Póvoa (www.gondomar.pt).

A **Central Termoelétrica da Tapada do Outeiro (Medas)**, já desactivada, funcionava na produção de energia eléctrica aproveitando o carvão proveniente das minas do Pejão. Existia uma rede de linhas paralelas, em que cestas transportavam o carvão até à central. A **Tapada do Outeiro** foi edificada em 1954, e constitui um marco na paisagem ribeirinha do rio Douro, principalmente devido à sua volumetria e ao cromatismo que a reveste, de modo a responder ao incremento da procura de energia, com a valorização dos carvões da bacia carbonífera duriense. O edifício da central é composto por três secções: o corpo das caldeiras, o corpo intermédio que abrigava os geradores e o edifício de comando e escritórios (www.ippar.pt).

A **capela do Leverinho (Covelo)**, cuja existência está documentada desde o ano de 1171 (www.gondomar.pt).

A **Barragem de Crestuma-Lever**, com uma altura de 25,5 metros e um comprimento de 470 metros está a funcionar desde 1985. Ao reter o caudal do rio Douro para o aproveitamento na produção de energia eléctrica, com uma potência instalada de 117 MW, também serve de ligação rodoviária entre ambas as margens do rio Douro. Existem visitas guiadas à barragem de Crestuma-Lever, pois há bastante interesse em conhecer o funcionamento destes sistemas de produção de energia e os pormenores das estruturas das barragens, existindo um parque de estacionamento na margem esquerda junto à barragem (www.cienciaviva.pt). Também na barragem de Crestuma-Lever, mais propriamente na albufeira da sua represa, foram executadas, pelo laboratório de Sistemas e Tecnologia Subaquática da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, missões com o VSA (Veículo Submarino Autónomo) *Isurus* para avaliar as condições de erosão e sedimentação provocadas pela existência da barragem, através de batimetria de precisão, assim como para determinar a influência da central termoelétrica da Tapada do Outeiro (<http://paginas.fe.up.pt/>).

Já na **Foz do Sousa** destaca-se a **capela de Nossa Senhora da Livração** em Esposade, a **Igreja Matriz**, a **capela de São Jorge** em Zebreiros, a **Ponte da Foz do rio Sousa**, da autoria do professor Edgar Cardoso, que está assente num arco com uma amplitude máxima de 115 metros, e serviu como ensaio para a mais famosa ponte da Arrábida. A **Estação de Captação de Água da Foz do Sousa**, já desactivada, é um importante património industrial da freguesia.

Em **Jovim**, destaca-se junto do rio Douro, a **Quinta da Palmeira**, quinta brasonada da família Bastos (FCG, 1985).

Em **Valbom**, a **Casa Branca de Gramido**, classificada como IIP desde 2002, foi o local da assinatura em 1847 da Convenção de Gramido, que pôs fim ao período designado “cabralismo” e às sublevações populares da Maria da Fonte e da Patuleia. O imóvel que foi recuperado ao abrigo do Programa Polis, encontra-se numa zona de confluência de vias terrestres entre o litoral e o interior e de vias fluviais entre Valbom e Avintes. A parte mais antiga do imóvel, designada casa pequena, deverá remontar à primeira metade do século XVII, e a casa grande foi edificada em 1802 (www.ippar.pt).

Em **Avintes** destacam-se a **Quinta e capela de Fiães**, onde funciona o Zoo da Quinta de Santo Inácio e a Pedra da Audiência. A **Pedra de audiência e carvalho junto** é um conjunto classificado como IIP desde 1946 e com ZEP desde 1947 encontra-se no Largo 5 de Outubro, numa placa ajardinada. A mesa de granito possui um tampo rectangular com espessura de 25 cm, suportada por duas bases, e é ladeada por três bancos, também eles de granito, com assentos da mesma espessura do tampo da mesa, o banco da cabeceira é mais alto do que os bancos laterais. Antigamente um grande sobreiro proporcionava sombra aos presentes nos julgamentos, tendo no entanto posteriormente sofrido danos provocados por um vizinho e mais tarde pereceu mesmo com uma rajada de vento que o destruiu (www.ippar.pt). A árvore foi substituída por outra da mesma espécie. Desde a sua colocação neste mesmo lugar em 1742 até 1832, aquando da extinção do julgado e Avintes, aqui eram realizadas as audiências às quartas-feiras ao meio dia, de modo a administrar a justiça no Couto de Avintes. O juiz do Couto, que era eleito pelos moradores e confirmado pelo senhor donatário, neste caso o Conde de Avintes, ocupava o banco mais alto, empunhando a vara vermelha, símbolo de autoridade. O juiz era coadjuvado por um meirinho e um escrivão, também eleitos pelos moradores e que também possuíam varas (www.ippar.pt).

Casa e Quinta da Revolta (Campanhã), também conhecido como Horto do Freixo localiza-se na Calçada de São Pedro. Foi mandada construir entre os séculos XVII e XVIII numa plataforma elevada e possui uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. O nome ‘*Revolta*’ presume-se que provenha de alguma revolta, durante as invasões francesas, ou na época de D. Maria II, que terá ocorrido nas suas imediações. A casa apalaçada de planta em “L” com dois pisos enquadra um amplo terreiro com jardim de buxo em torno de um tanque circular em granito (www.ippar.pt). Actualmente funciona aí um horto e viveiros de jardinagem, da família do conhecido horticultor portuense Alfredo Moreira da Silva, que a adquiriu em 1918. Em Vias de Classificação (com Despacho de Abertura) Decreto Despacho de abertura de 7 de Novembro de 1995.

Casa e Quinta de Vilar d’Allen (Campanhã), localiza-se na Rua do Freixo, e foi mandada construir em 1839 por João Allen, que na verdade chama-se John Francis Allen, descendente de uma família inglesa

que se dedicava ao Vinho do Porto. A casa servia de residência de Verão e a quinta foi ampliada através das aquisições do Monte da Fonte Pedrinha, da Quinta da Arcaria (ambos em 1839) da Quinta de Vila Verde (em 1869) e da Quinta da Vessada (em 1873). A Casa de Villar d'Allen de arquitectura romântica resulta da recuperação e remodelação da casa da Quinta da Arcaria. Possui um jardim de formas geométricas e um pequeno bosque com exemplares de plantas e arbustos exóticos, tais como as famosas camélias de Villar d'Allen. O tratamento paisagista dos jardins de Villar d'Allen, onde se procurou reproduzir a espontaneidade da natureza foi um dos primeiros casos no nosso país (www.ippar.pt). Em Vias de Classificação (Homologado - IIP Imóvel de Interesse Público) Decreto Despacho de homologação da Ministra da Cultura, de 3.10.2005

Palácio do Freixo (Campanhã), classificado como MN desde 1910 e com ZEP desde 1949. O Palácio do Freixo, da autoria de Nicolau Nasoni (1691-1773), ocupa um lugar de eleição na arquitectura barroca do Norte de Portugal, em que o autor envidou esforços de modo a conceder, a um dos seus principais mecenas (o cónego D. Jerónimo de Távora e Noronha), uma verdadeira simbiose das suas capacidades arquitectónicas e decorativas. Como o terreno para implantação era muito limitado, Nasoni optou por construir o palácio no centro do jardim e do terreiro que o rodeiam. *"Transpondo o portão, entra-se no belvedere do jardim, elemento essencial na arquitectura dos jardins barrocos italianos, aqui disposto em hemiciclo ladeado por dois pequenos pavilhões, também eles realçados pela exuberância decorativa emblemática do Rocaille. De planta quadrangular com torreões ligeiramente salientes nas extremidades e telhados piramidais circundados por coruchéus de menores dimensões, o palácio é largamente decorado no exterior por escadarias de lanços opostos e terraços dispostos em cotas diferenciadas, num exercício de permanente dinamismo, reforçado pela unicidade do traçado de cada alçado, tal como os próprios patamares da varanda da fachada Sul, voltada para o rio, e de igual modo profusamente ornamentada."*
www.ippar.pt

Já no século XIX, o palácio e quinta foram adquiridos por um negociante que fez fortuna no Brasil, o futuro Barão e Visconde do Freixo. O novo proprietário estabeleceu uma fábrica de sabão junto do palácio, mandou substituir as pedras de armas (dos Távoras para o escudo partido de Afonso e Cunha), e mandou restaurar o interior do edifício, desvirtuando o traço primitivo. No século XX, um industrial adquiriu o palácio e mandou construir uma fábrica de moagem nos jardins, tendo sido acrescentado na década de 50 um silo com cerca de 45 metros de altura. A parte administrativa da "Companhia de Moagem Harmonia" funcionava no palácio (www.ippar.pt). O palácio foi alvo de um projecto de recuperação da autoria do Arq. Fernando Távora e actualmente aí funciona uma pousada de luxo.

Casa e Quinta de Bonjónia (Campanhã), fica na rua com o mesmo nome, o conjunto está em vias de classificação. Já em finais do século XIV, existia uma quinta neste local pertença do Chantre Martim Viegas, tendo sido posteriormente doada ao Cabido da Sé do Porto. O actual edifício, mandado construir por Lourenço da Gama Lobo, foi atribuído ao arquitecto italiano Nicolau Nasoni. Da fachada Sul do

edifício de traço barroco, desfruta-se a vista panorâmica que abrange o vale de Campanhã e o rio Douro (www.ippar.pt). Actualmente pertence à Câmara Municipal do Porto que a adquiriu em 1995.

Ponte do Freixo, a ponte sobre o rio Douro mais a montante na cidade do Porto, é da autoria do Professor António Reis. Possui duas vigas gémeas afastadas de 10 m ao longo de toda a extensão e oito vãos sendo o principal de 150 m, a que se seguem para cada lado vãos de 115 m seguidos de outros menores. Alberga oito faixas de trânsito e liga Avintes (Gaia) a Campanhã (Porto) (www.portoturismo.pt).

Ponte S. João, da autoria do Prof. Edgar Cardoso, ponte ferroviária que foi edificada de modo a substituir a velha Ponte Maria Pia. Esta estrutura ferroviária adopta uma solução em pórtico, com três vãos (dois de 125 m e um de 250 m) apoiados em dois pilares fundados no leito do rio, junto de cada uma das margens. A inauguração da ponte ocorreu a 24 de Junho de 1991 no dia de S. João (www.portoturismo.pt).

Ponte de D. Maria Pia, classificada como MN desde 1982, esta ponte metálica foi inaugurada em 1877, resultando de um projecto da autoria de Gustave Eiffel que venceu o concurso internacional. Esta ponte ferroviária foi construída de modo a poder ligar a linha do Norte (que terminava nas Devesas) às linhas do Minho e Douro, atravessando o rio Douro. De estrutura leve, com arco biarticulado com um vão de 160 metros, suporta, através de pilares em treliça, um tabuleiro de 354 metros situado a cerca de 61 metros acima do nível médio do leito do rio (www.ippar.pt). Funcionou durante 114 anos até 1991, quando foi substituída pela ponte de São João (www.portoturismo.pt).

Aqueduto da Serra do Pilar (Oliveira do Douro), também conhecido por aqueduto do Sardão, localizado no lugar de Sardão, está classificado como IIP desde 1976. O aqueduto foi construído em 1720, para transportar água potável desde uma nascente até ao palacete da Quinta do Sardão, e possuía uma arcada de vinte e três arcos de volta perfeita assentes em pilares de diferentes cérceas (www.ippar.pt).

Mosteiro e Quinta dos Frades (Oliveira do Douro), está classificado como IIP desde 1980. A quinta foi fundada pelos cônegos seculares de São João Evangelista, mais conhecidos por Lóios, em 1679. O mosteiro foi dedicado à Nossa Senhora da Conceição da Oliveira, sendo também conhecida a freguesia como Oliveira dos Frades. Actualmente conserva-se a igreja e parte dos edifícios, os quais sofreram bastantes alterações em consequência da adaptação destes para habitação. Com a extinção das ordens religiosas a quinta foi adquirida pelo primeiro Visconde de Oliveira do Douro, mantendo-se na posse da mesma família (www.ippar.pt).

Igreja e Claustro da Serra do Pilar (Santa Marinha), está classificada como Monumento Nacional desde 1910, e possui uma ZEP desde 1949. Em 1537, com a transferência dos monges do mosteiro de Grijó para a Serra do Pilar, iniciou-se a construção do novo mosteiro, com a conclusão do claustro circular já na década de 80 do século XVI. Já em 1598 o prior decidiu ampliar e refazer a igreja do mosteiro,

dedicando-a a Santo Agostinho, tendo as obras sido arrastadas até 1672, quando foi de novo inaugurada. O espaço interior da igreja, de planta centrada, está circundado de capelas, sendo a capela-mor reconstruída em 1690, o único elemento que quebra a estrutura circular da igreja. Este templo, embora haja diferença de planimetria, possui semelhanças com os de Grijó e de Moreira da Maia, pois ao nível da concepção estilística e arquitectónica verifica-se no tratamento dos elementos interiores as preferências estéticas dos Agostinhos. O mosteiro de Santo Agostinho da Serra do Pilar é considerado um dos mais notáveis edifícios, por possuir a igreja e claustro circulares e com a mesma dimensão em planta, da arquitectura clássica da Europa (www.ippa.pt). O **Mosteiro da Serra do Pilar**, no Largo de Avis, está classificado como IIP desde 1935 e possui ZEP desde 1949 e desde 1996 que está classificado como Património Mundial pela Unesco.

Casa e Jardins da Família Barbot (Santa Marinha), localizada na Avenida da República, encontra-se classificada como IIP desde 1982, sendo o único exemplar da manifestação do fenómeno da Arte Nova, da Cidade de Vila Nova de Gaia. A casa foi edificada na segunda metade do século XX, e possui influências do gosto francês dos finais do século XIX, bem como formas de inspiração árabe na cobertura, azulejos de estilo neoclássico e elementos de gosto oriental. Os jardins e o edifício formam um conjunto harmonioso, sendo actualmente propriedade municipal (www.ippa.pt).

Igreja Paroquial de Santa Marinha (Santa Marinha), está classificada como IIP desde 1993. O templo original data do século XVI, sofreu uma série de intervenções decorativas já no século XVII e foi remodelada integralmente no século XVIII, a partir de 1745 por decisão do cabido da Sé do Porto, que escolheu Nicolau Nasoni para essa tarefa. Por razões financeiras, as obras perduram bastante tempo, estando mesmo paradas entre 1751 e 1763, e terão sido concluídas já na década de 70 do século XVIII, adoptando o estilo barroco da época. A torre e os azulejos já são elementos adicionados no século XIX (www.ippa.pt).

Paço do Campo Belo (Santa Marinha), localizado na Rua Rei Ramiro, o conjunto que além do Paço inclui a capela e os jardins está classificado como IIP desde 1977. Situado na encosta da zona histórica de Gaia, de onde se tem uma vista privilegiada da cidade do Porto e do rio Douro. A sua construção data do século XVII tendo sofrido alterações nos séculos posteriores, e presume-se que terá pertencido à mesma família, tendo adquirido o título de Campo Belo, já no reinado de D.Luis (1887), que o atribuiu ao titular da propriedade. O edifício possui a forma em “U”, com a habitação, capela e torre (com três andares) incorporadas. A capela e a torre estão nos extremos do complexo, sendo a capela de estilo barroco, com influência rococó em alguns pormenores. O corpo principal com forma de “L” possui uma arcaria no piso térreo, com escadas exteriores de acesso ao andar superior, que também possui uma arcaria recta de colunas de capitel dórico, com múltiplos vãos e com a porta principal alpendrada (www.ippa.pt).

Casa do Fojo (Santa Marinha), localizada na Rua do Fojo, está classificada como IIP desde 1978. A Quinta do Fojo foi fundada em 1714 por um general inglês, William Neville, aparecendo já referenciada nas memórias paroquiais de 1758 a capela da quinta. O imóvel com a casa, a capela e o pátio ainda é de inspiração setecentista, existindo no entanto muitos elementos do neoclassicismo, que pela influência da nacionalidade do proprietário (britânica), surge aqui, quando na altura no Norte do país ainda imperava o barroco de Nasoni. A capela dedicada a São João Evangelista, o terraço com estatuária e o corpo principal da casa formam um conjunto de grande unidade e simetria e com austeridade decorativa (www.ippar.pt).

Área do Castelo de Gaia (Santa Marinha), classificada como IIP desde 1990. A referência mais antiga data de meados do século XVI pela escrita do cronista João de Barros, que atribui a sua fundação aos romanos. Com as escavações, principalmente a partir de 1983, foi confirmada a ocupação durante o período romano, bem como vestígios de um povoado do Bronze Final e talvez mesmo uma presença anterior durante o Calcolítico. Foram identificados vários troços de uma monumental muralha romana, bem como elementos atribuíveis à Alta Idade Média, Idade Média, e Baixa Idade Média, bem como uma grande concentração de materiais que apontam uma presença mais constante entre os séculos V e VII. Do castelo medieval não restam vestígios, que terá sido destruído durante a crise de 1383-1385 como relata a crónica de Fernão Lopes (www.ippar.pt). O local do Castelo é um ótimo miradouro para o rio Douro, cais de Gaia e Miragaia, no entanto o seu acesso está mal sinalizado, sendo que a entrada faz-se por um beco, Beco da Bateria, que sai do Largo do Castelo. Perto fica a **capela do Bom Jesus de Gaia**.

Antigo Convento Corpus Christi/ Instituto do Bom Pastor (Santa Marinha, Vila Nova de Gaia), localizado na marginal de Gaia junto ao Cais de Gaia, no Largo de Aljubarrota, este monumento está em Vias de Classificação. A igreja original de religiosas dominicanas foi construída em 1345, tendo sofrido bastantes estragos com as constantes cheias do rio Douro, tendo sido erigido um novo templo na segunda metade do século XVII (www.ippar.pt). Actualmente estão em curso trabalhos de recuperação para aí ser instalada a empresa municipal GAIURB.

Zona Histórica do Porto, o núcleo histórico do Porto que está classificado como Património Mundial pela Unesco desde 1996, que também abrange o Mosteiro da Serra do Pilar em Vila Nova de Gaia, bem como possui o estatuto de IIP desde 1997 (www.ippar.pt; Cruz (2005)).

“São raras as grandes cidades que não bordejam um grande rio, as grandes urbes que não se aproximam destas estradas líquidas e reservas alimentares, delas tirando sustento e razão de ser...O porto não foge a esta regra – e o Porto não seria o porto sem o Douro.” José Manuel Fernandes in Abreu (2004).

“O Porto ergue-se em anfiteatro sobre o esteiro do Douro e reclinase no seu leito de granito. Guardador de três províncias e tendo nas mãos as chaves dos haveres delas, o seu aspecto é severo e altivo como

o de mordomo de casa abastada. Mas não o julgueis antes de o tratar familiarmente. Não façais caso de certo modo áspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o à prova, e achar-lhe-eis um coração bom, generoso e leal.” Alexandre Herculano in Abreu (2004)

Ponte Infante D. Henrique, foi inaugurada em 30 de Março de 2003, com uma extensão de 371 metros e tabuleiro de 20 metros de largura. *“Trata-se de uma ponte à cota alta que apresenta uma solução de arco “Tipo Maillart” com uma relação vão/flecha de 11,2 para um vão de arco com 280 metros, constituindo um recorde mundial, o que significa ter-se entrado em domínios nunca antes atingidos nestas tipologias de pontes consideradas pelos especialistas mundiais, como as mais esbeltas” in www.portoturismo.pt*

Estação dos Caminhos de Ferro de São Bento (Sé), imóvel classificado como IIP desde 1997, localizada na Praça Almeida Garrett, está instalada onde antigamente estava o antigo convento das freiras beneditinas de São Bento de Ave Maria (construído no século XVI). O actual edifício, cuja primeira pedra foi lançada por D. Carlos I em 1900, foi construído para albergar a estação ferroviária que serve o centro do Porto, a qual foi inaugurada em 1916. A estação destaca-se pelos painéis de azulejos do átrio principal, que decoram completamente os alçados, tendo sido executados pelo pintor Jorge Colaço, um artista que se notabilizou pela composição de grandes painéis azulejares (www.ippar.pt).

Capela de Nossa Senhora de Agosto (Sé), classificada como MN desde 1927, actualmente localiza-se entre a Rua do Sol e a Rua de São Luís (para onde foi transferida em 1953) sobranceira ao rio Douro, foi apeada em 1940 da sua localização original (o bairro da Sé)) É uma capela quinhentista, erigida em 1554 pela Confraria de Nossa Senhora de Agosto e Santo Bom Homem, ou dos Alfaiates, sendo usualmente conhecida por Capela dos Alfaiates, de traço renascentista com portal rasgado em arco pleno ladeado por colunas estriadas (www.ippar.pt). Possui uma imagem quinhentista da padroeira em calcário (FCG, 1985).

Igreja de Santa Clara (Sé), classificada como MN desde 1910, apesar de manter a sua estrutura gótica do século XV (o mosteiro das clarissas do Porto foi instituído em 1416), no interior destaca-se a obra barroca forrada a ouro, sendo considerada um dos melhores exemplares da talha dourada do barroco joanino, juntamente com a Igreja de São Francisco (São Nicolau) (www.ippar.pt)

Sé Catedral do Porto (Sé), classificada como MN desde 1910, localiza-se no cimo de um morro sobranceiro ao rio Douro. Já na época sueva teria existido uma sé no Porto, mas o templo actual remonta à pré-nacionalidade, quando foi nomeado (1110) bispo do Porto D. Hugo, o qual impulsionou a construção de uma catedral românica, mas as obras prolongaram-se até ao século XIII, como prova a rosácea gótica da frontaria. O claustro gótico data de finais do século XIV, e ao longo dos séculos a Sé sofreu intervenções renascentistas, barrocas, rococó, mantendo no entanto o espaço das naves e as torres românicas (www.ippar.pt).

Paço Episcopal do Porto (Sé, Porto), classificado como MN desde 1910, este edifício de arquitectura barroca domina o morro da Sé, e a margem direita do rio Douro. A construção da original residência dos prelados portuenses parece ter sido no século XIII, tendo aí ocorrido as bodas de D. João I com D. Filipa de Lencastre em 1386. Ao longo, dos séculos seguintes, foi sofrendo obras e alterações, até que na primeira década do século XVIII foram realizadas obras de grande relevo. Em 1734 Nicolau Nasoni foi contratado para a elaboração da planta do Paço actual, tendo as obras decorrido ao longo de todo o século, com alterações ao projecto inicial. Entre 1916 e 1956 funcionou como Paços do Concelho, tendo revertido posteriormente para a diocese do Porto (www.ippar.pt).

Capela do Senhor dos Passos (Sé), localizada na Rua da Pena Ventosa, esta capela de arquitectura barroca, cuja construção terá sido iniciada em 1745 (data inscrita no frontão), está classificada como IIP desde 1978 (www.ippar.pt)

Muralhas Fernandinas e Miradouro (Junto à Sé do Porto), classificado como MN desde 1926. No século XII foi construída uma muralha românica de planta irregular ovalada, que rodeava o morro da Sé, de que ainda restam alguns vestígios. Em 1336 devido ao crescimento da cidade, D. Afonso IV ordenou a construção de uma nova muralha, de que ainda restam importantes troços, sendo o principal o avistado da Ponte de D. Luis, com uma secção de muralha ameada com caminho de ronda e com duas torres quadrangulares. Durante os séculos seguintes foram muitas as alterações na muralha, principalmente ao nível das portas e durante o Estado Novo, já no século XX, as muralhas medievais do Porto foram alvo de uma campanha de restauro (entre 1959 e 1962 principalmente), sobretudo na área das escadas dos Guindais (www.ippar.pt). A muralha deve a sua designação por ter sido concluída durante o reinado de D. Fernando em 1374, e possuía um perímetro com cerca de 5 km com 27 torres, seis portas e 7 postigos, restam três troços da muralha o troço dos Guindais, o das Virtudes a São João e o da Ribeira (FCG, 1985).

Ponte de D. Luis, classificada como IIP desde 1982, foi apresentada a concurso em 1880, com o fim de substituir a Ponte Pênsil (que ligava as margens do Douro desde 1843), no mesmo local já tinha existido a Ponte das Barcas (desde 1806). Foi definido que deveria ter dois tabuleiros, o superior a ligar o morro granítico da Sé à encosta da Serra do Pilar, e o inferior a ligar as partes ribeirinhas de ambas as margens. A ponte que possui um tabuleiro superior com mais de 391 metros e um tabuleiro inferior com 174 metros, ambos com cinco metros de largura e possui um arco de vão de 180 metros, foi inaugurada em 1886 (www.ippar.pt).

Alminha da Ponte (São Nicolau), no Cais da Ribeira, classificadas como IIM desde 1982, trata-se uma obra de estilo neoclássico, que foi realizada em 1897, um baixo-relevo em bronze que invoca a tragédia da Ponte das Barcas (1809), aquando da segunda invasão francesa, onde pereceram milhares de pessoas em fuga (www.ippar.pt). A **Ponte das Barcas**, inaugurada em 1806 e onde ocorreu o trágico acidente em 1809, era uma estrutura com vinte barcas ligadas por cabos de aço, que se podia

desconectar para dar passagem ao tráfego fluvial (www.ippar.pt). Perto localizam-se os **Pilares que sustentavam a ponte Pênsil**, classificados como IIP desde 1982, cuja construção foi decretada em 1837 e foi concluída em 1843, funcionando até à construção da Ponte D. Luis. São dois pilares de cantaria granítica, que restaram do desmonte da ponte pênsil em 1887 (www.ippar.pt). A **Ponte Pênsil**, era oficialmente designada Ponte D. Maria II, tendo sido lançada a primeira pedra em 1841 e inaugurada em 1843. Apenas restam dois obeliscos na margem direita do rio (www.portoturismo.pt).

Conjunto urbano constituído pela Praça da Ribeira e suas naturais extensões (São Nicolau), classificado como IIP desde 1971. Local importante de construção naval e de abastecimento das armadas dos Descobrimentos, esta zona histórica da cidade do Porto, sofreu alterações ao longo dos séculos. O cais da Ribeira, teve de ser alterado para responder no século XIX ao aumento do tráfego naval (www.ippar.pt).

Igreja e Colégio de São Lourenço (São Nicolau), também conhecidos como Igreja e Convento dos Grilos ficam no Largo do Colégio, e estão classificados como MN desde 1982. A sua construção em estilo maneirista iniciou-se em 1577 (www.ippar.pt).

Igreja de São Francisco (São Nicolau), classificada como MN desde 1910 localiza-se na Rua Infante D. Henrique, sobranceira ao rio Douro. A construção da igreja inicial dos franciscanos no Porto terá sido iniciada em 1244, arrastando-se por todo o século XIII a construção do templo, de dimensões modestas e muito provavelmente com apenas uma nave. Foi no último ano do reinado de D. Fernando (protector da ordem), em 1383, que se iniciou a construção da igreja que subsiste até hoje, cuja conclusão terá ocorrido já na década de 20 do século XV. A igreja gótica possui três naves de cinco tramos, transepto saliente e profusamente iluminado. Já no século XV foi incorporada uma pintura mural alusiva à Senhora da Rosa (uma das mais antigas conservadas no país), no século XVI foi construída a Capela de São João Baptista de inspiração manuelina, mas a mais importante intervenção foi na época barroca, no interior da igreja, em que ganhou o estatuto de “igreja forrada a ouro” com a aplicação profusa da talha dourada. O retábulo-mor (reformulado entre 1718 e 1721) constitui mesmo o mais exuberante exemplo desta temática em Portugal. Já no século XIX o claustro do convento foi arrasado para aí se construir o Palácio da Bolsa, mas o restauro da igreja, iniciado em 1957, ao contrário do que aconteceu no restauro da DGEMN de outros monumentos medievais, manteve intacto, pelo valor imensurável, o seu interior (www.ippar.pt).

Palácio da Bolsa (São Nicolau), edifício neoclássico situado na Rua Ferreira Borges que está classificado como MN desde 1982. Desde 1833, que os negociantes portuenses utilizavam o local do claustro do convento (destruído por um incêndio) como praça comercial, tendo D. Maria II atribuído a propriedade do local à Associação Comercial Portuense em 1841. Já em 1850 o edifício estava quase pronto a nível estrutural, no entanto as obras de acabamento duraram até 1910 quando foram dadas por

terminadas. O palácio com planta rectangular possui um pátio central, com clarabóia e telhado de quatro águas a diferentes níveis. A fachada possui uma certa austeridade, mas o interior do edifício apresenta uma grandiosidade, como no caso do Pátio das Nações e o **Salão Árabe** entre outras salas nobres (www.ippar.pt).

Casa da Rua da Alfândega Velha (São Nicolau), situada na Rua da Alfândega, está classificada como MN desde 1924 e possui ZEP desde 1960. Em 1354, D. Afonso IV mandou construir uma imponente casa da Alfândega na margem direita do rio Douro. Este foi o primeiro imóvel régio do Porto, servindo mesmo como símbolo do poder real na cidade, e também possuía uma zona habitacional, o que poderá corresponder ao que diz a tradição, de que o Infante D. Henrique teria nascido aqui em 1394. No século XV foi ampliada a Alfândega e a partir de 1677 esta foi praticamente reedificada a mando de D. Pedro II (FCG, 1985), mantendo-se o pátio interior, mas substituiu-se as torres quatrocentistas por alpendres cobertos, uniram-se os armazéns interiores em três naves com arcaria e aumentou-se a fachada principal em mais dois pisos (www.ippar.pt). Também é conhecida como a **Casa do Infante** (FCG, 1985).

Palácio de São João Novo (Miragaia), classificado como IIP desde 1977, localiza-se no largo com o mesmo nome. Fica perto de um troço da muralha fernandina, tendo sido mandado construir em 1727, por um fidalgo da Casa Real e administrador dos estaleiros da Ribeira. Trata-se de um palácio de arquitectura barroca cuja traça deve-se ao mestre António Pereira. Aí funcionou o Museu de Etnografia e História Museu de Etnologia do Porto, desde 1945, considerado um dos mais ricos do país, mas em 1992 o museu encerrou devido à degradação do edifício (www.ippar.pt).

Edifício na Rua das Virtudes ou Antigo Clube dos Ingleses (Miragaia), está classificado como IIP desde 1983, e é uma típica moradia burguesa tipo solar de onde avista o rio Douro, com dois pisos, possuindo no piso superior janelas de sacada com gradeamento de ferro. Um terraço da casa, que actualmente serve de sede da Ordem da Malta, assenta numa das torres da muralha fernandina, com 15 metros de altura (www.ippar.pt).

Chafariz das Virtudes (Miragaia), classificado como MN desde 1910, localiza-se na Calçada das Virtudes. O chafariz, uma fonte barroca, foi construído no ano de 1619, de modo a servir no abastecimento de água à cidade (www.ippar.pt).

Chafariz da Colher (Miragaia), localizado na rua de Miragaia, está classificado como IIP desde 1938. Foi construído em 1629, data inscrita numa cartela de granito do monumento, mas existem registos (1491) de que já existiria nesse lugar uma fonte medieval com o mesmo nome (www.ippar.pt).

Igreja de São Pedro de Miragaia (Miragaia), fica no Largo de São Pedro de Miragaia e está classificada como IIP desde 1958. Em Miragaia existia uma praia, que desapareceu com a construção da plataforma onde se edificou a Alfândega Nova, e há referências que pelo menos já no século XIII era habitada por pescadores. A actual igreja é o resultado da reconstrução em 1740 de um templo já aí existente que terá

sido parcialmente demolido nesse mesmo ano. Esta igreja é um exemplo significativo de igreja forrada a ouro, principalmente com a opulência da talha barroca que reveste a capela-mor e, possui um tríptico na capela do Espírito Santo atribuído ao pintor flamengo Van Orley (www.ippar.pt).

Alfândega Nova (Massarelos, Porto), edifício de grande volumetria na marginal do rio Douro, foi construído no século XIX, para tal foi construída a grande plataforma do cais que substituiu a antiga praia de Miragaia. As obras iniciaram-se em 1859 e prolongaram-se até 1870. Com planta rectangular paralela ao rio Douro, o edifício de tipologia neoclássica possui duas fachadas, uma virada para o rio e outra para a cidade. O edifício sofreu obras de restauro e remodelação de acordo com um projecto do arquitecto Eduardo Souto Moura. Aí funciona o Museu dos Transportes e Comunicações, bem como um Centro de Congressos e Exposições e um Centro de Formação (www.ippar.pt). Em Vias de Classificação (com Despacho de Abertura) Decreto Despacho de abertura de 31 de Maio de 1993.

No alto da Bandeirinha, na encosta sobranceira à Alfândega Nova e ao rio Douro, fica o **Palácio da Bandeirinha** ou **Casa das Sereias**, residência nobre da família Cunhas e Vilhenas, mandada construir em 1575 e cujo nome deriva das estátuas de duas sereias com cerca de 3 metros de altura que ladeiam a entrada nobre (FCG, 1985).

Igreja do Corpo Santo (Massarelos), foi construída no século XVIII, embora o “milagre” que deu origem à ermida remonta a 1394, a qual foi ampliada após 1640 e restaurada posteriormente, sendo actualmente um templo de arquitectura barroca (Saraiva, 2004).

Ponte da Arrábida, obra da autoria do Professor Edgar Cardoso, que atravessa o rio Douro entre a escarpa granítica da Arrábida e a ravina do Candal, no local onde o rio apresenta a sua máxima profundidade, o Pego das Dezoito Braças (cerca de 40 metros). A obra de betonagem foi iniciada em 1957 e concluída em 1963, o tabuleiro com 500 metros de comprimento e largura de 25,5 metros é suportado por 76 pilares, e assenta num arco com 270 metros de vão e 52 metros de flecha (FCG, 1985).

Capela do Senhor e da Senhora da Ajuda (Lordelo do Ouro), na rua de Nossa Senhora da Ajuda. Está classificada como IIM desde 1993. A data da sua edificação é desconhecida, mas em 1706 já existem referências escritas à ermida da Ajuda, devendo portanto reportar ao final do século XVI ou início do século XVII. Na segunda década do século XX, foram realizadas obras que alteraram a sua traça original, devendo apenas a capela-mor corresponder à ermida original (www.ippar.pt).

Conjunto da Foz Velha (Foz do Douro), corresponde à aglomeração primitiva junto ao rio Douro, com o casario baixo e ruas assimétricas e estreitas (www.ippar.pt). Em Vias de Classificação (com Despacho de Abertura) Decreto Despacho de abertura de 20 de Agosto de 2002.

Torre, Farol, Capela ou Ermida de São Miguel-O-Anjo (Foz do Douro), classificada como IIP desde 1951 e com ZEP desde 1960, localiza-se junto da foz do rio Douro na Rua do Passeio Alegre. Foi edificada entre 1527 e 1546 segundo o projecto de Francisco Cremona (discípulo de Rafael), vindo da

Itália com D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, que lhe encomendou esta obra. A Capela de São Miguel-O-Anjo construída como um "torreão" que na origem entrava no rio, com uma cúpula oitavada onde foi edificado um farol (já desaparecido) e a estátua de uma figura romana. Foi colocada uma inscrição latina, na fachada virada para o rio Douro, a mando do mecenas que reporta o seguinte: *"Miguel da Silva, Bispo Eleito de Viseu, fez esta torre para governo da entrada dos navios e deu e consignou campos comprados com o seu dinheiro para que, do respectivo rendimento, se acendessem da torre fogos perpetuamente. Ano M. D. XXVIII"* (www.ippar.pt). De padrões renascentistas foi edificada num rochedo desigual e escarpado de modo a servir de aviso do perigo para a navegação que era o penhasco existente à entrada da barra do rio Douro, que era chamado de Felgueira, o farol é considerado o mais antigo de Portugal e mesmo da Europa, tendo sido desactivado em 1882, quando foi substituído na função pelo Farol da Luz (www.jf-fozdodouro.pt).

Zona do Passeio Alegre (Foz do Douro), está classificada como IIP desde 1993 (www.monumentos.pt), limitada pelo rio Douro e pelo oceano Atlântico (Oeste), pela esplanada do Castelo e Rua do Passeio Alegre e pela Rua de São José a nascente. Espaço ajardinado voltado para o rio Douro, onde se encontra o **Chafariz**, os **Obeliscos**, bem como o **Chalet**, e onde pontua um passeio ribeirinho com grandes palmeiras, e um espaço central com plátanos, tílias, araucárias, lodãos, etc. O **Chafariz do Passeio Alegre** está classificado como MN desde 1910. Originalmente o chafariz foi projectado por Nicolau Nasoni para os jardins da Quinta da Prelada, com a compra da Quinta pela Câmara Municipal do Porto, já no século XX, foi transferido para a sua localização actual, assim como os dois **obeliscos** prismáticos encimados por tochas (classificados como IIP desde 1938) provenientes do mesmo local. *"Artisticamente, o chafariz é uma obra monumental, salientando-se a enorme coluna central, profusamente decorada em secções de motivos de vegetalistas e zoomórficos, terminando num fogaréu. A água brota de quatro carrancas situadas numa taça média que ladeia a coluna, descarregando para uma taça inferior, situada ao nível da cota do terreno. Esta última delimita o próprio chafariz, exibindo em planta uma forma de trevo, hoje realçada pela posição de realce que ocupa no próprio jardim, definindo um largo, e constituindo um dos eixos do percurso"* (www.ippar.pt). O **Quiosque do Jardim do Passeio Alegre** está classificado como Imóvel de Interesse Municipal (IIM) desde 1996, é o único quiosque com espaço interior aberto ao público, que ainda está a funcionar. De construção original (1873) em madeira, foi rebocado já no século XX, possui uma planta octogonal e no topo da cobertura um figura de um carneiro (www.ippar.pt). O **Conjunto de Imóveis da Rua do Passeio Alegre**, entre a Rua de Santa Anastácia e a Capela de Nossa Senhora da Lapa, está classificado como IIM desde 1984, moradias dos séculos XIX e XX.

Os Passos da freguesia de São João da Foz do Douro, conjunto de quatro passos classificado como IIM desde 1993, de estilo barroco, compostos por pequenos oratórios de moldura granítica, encimada por um medalhão com um frontão terminal triangular (www.ippar.pt).

Igreja de São João da Foz (Foz do Douro), classificada como IIP desde 1977, localiza-se no Largo da Igreja da Foz. Com as obras realizadas no forte de S. João foi afectada a igreja que funcionava no seu interior. Assim, quando em 1640 foram doados (pelo Deão Jerónimo de Noronha de Távora Leme Cernache), uns edifícios “palácios” na Foz aos monges do Mosteiro de Santo Tirso, estes iniciaram a adaptação para Igreja paroquial (entre 1709 e 1713), com os rendimentos do couto da Foz a custear as obras. No entanto, as obras prolongaram-se e a capela-mor só foi concluída em 1726/1727, sendo que a conclusão do retábulo da capela-mor foi posterior a 1735. Das obras arquitectónicas e decorativas resultou uma igreja barroca com seis capelas laterais e capela-mor com talha dourada, sendo que na frontaria há um nicho central com a imagem de São João e dois nichos laterais com as imagens de São Bento e Santa Escolástica (www.ippar.pt; www.jf-fozdodouro.pt).

Forte de São João da Foz (Foz do Douro, Porto), localizado junto à foz do Douro na margem direita do rio, está classificado como IIP desde 1967, tendo sido construído nos séculos XVI e XVII. O forte com baluartes, tinha grande capacidade defensiva e tinha como missão defender a barra do Douro e acabar com o comércio ilegal dos Ingleses. Dentro do recinto existem as ruínas da antiga Igreja de São João da Foz do século XVI e de outros edifícios também do século XVI. Foi durante a regência de D. Catarina, avó de D. Sebastião, que foram lançados os alicerces do forte (1560), mas foi durante o reinado de Filipe I de Portugal, (a partir de 1589) que efectivamente foi construído. Em 1642 dá-se a ampliação e reforço do forte, o que implica a quase completa destruição da igreja de São João da Foz (www.ippar.pt; (www.jf-fozdodouro.pt).

Capela de Santa Anastásia (Foz do Douro), foi mandada construir em cumprimento de uma promessa, como protecção contra a peste que entre 1575 e 1577 grassou no Porto e terras vizinhas, mas que em São João da Foz quase não teve efeitos. A capela possuía um único altar, com a imagem da mártir ao centro, ladeada pela Nossa Senhora da Piedade e por São Brás. A partir de uma altura, as autoridades eclesiásticas ordenaram que a imagem de Nossa Senhora da Piedade fosse colocada no lugar da mártir, tendo então a capela passado a designar-se capela de Nossa Senhora da Piedade (www.jf-fozdodouro.pt).

Artesanato, gastronomia, lendas

A **ourivesaria**, principalmente a **filigrana** possui no concelho de Gondomar uma tradição e um peso económico importante, sendo mesmo considerado um dos maiores símbolos de identidade do concelho, e nos últimos anos esta fileira foi alvo de um projecto apoiado pela Medida 1.4 da Operação Norte (valorização e promoção regional e local) (www.cm-gondomar.pt). Em Gondomar, também existe tradição de artesanato de marcenaria, principalmente entalhadores, os quais transformam pedaços de madeira ou raízes de árvores em esculturas e obras de arte (www.gondomaronline.pt).

Na **gastronomia**, destaca-se os pratos baseados nas espécies de peixes migradoras, principalmente o sável e a lampreia, que são um chamariz para os apreciadores destas iguarias, hoje raras, mas que antigamente eram os principais produtos da pesca artesanal das populações ribeirinhas do Douro, no seu troço final.

A lenda do rio Douro

“Naquela noite, quando o Tejo, o Douro e o Guadiana se preparavam para se deitarem, na caminha de algas e conchas de muitas cores, na caverna onde dormem os rios, combinaram que o primeiro a acordar no dia seguinte seria o primeiro a partir para o mar, na sua corrida de todos os dias.....Parece que o Guadiana foi o que despertou mais cedo... e, vagarosamente, partiu para o seu destino... a seguir, acordou o Tejo. Não avistou o irmão Guadiana ao seu lado... e como queria ver se conseguia chegar primeiro ao mar...veio de rompante por aí fora, sem perder tempo....O último a despertar foi, é claro, o Douro...e como vinha atrasado lá rompeu por onde pôde e como pôde, sem querer saber da escolha dos locais e, por esse motivo, as suas margens são por vezes pedregosas e tristes...” (Müller, 1985).

A **lenda da Moura**, muito popular na freguesia da Lomba (Gondomar) conta-se assim (www.ciberjunta.com/lomba.html):

“Os antigos contam que, nos tempos em que os Mouros habitavam a Península, uma linda princesa se apaixonou por um príncipe cristão. O pai da princesa, que defendia a religião muçulmana, perseguia os que acreditavam no cristianismo e por isso não autorizava o casamento entre a sua filha e um cristão. Assim, os dois enfrentaram um grande obstáculo, para viver o amor que os unia. A princesa e a sua família moravam junto ao Douro e um dia a jovem, triste com a sua sorte, navegou rio acima com o príncipe, ao que os inimigos responderam com uma pronta perseguição. Os príncipes rumaram a terra, para se esconderem. Ao sair do barco, a princesa, já cansada, pôs o pé numa rocha, ficando a marca do mesmo na pedra. Assim, nasceu o PÉ DE MOURA. Depois, fugiu para o interior dos matagais, e quando subiu a uma terra, nasceu a LOMBA. A princesa prosseguiu viagem, cansada e com o andar em maus caminhos, sentou-se exausta e magoada nos pés, junto ao rio, nascendo a povoação de PEDORIDO. Triste e desanimada, chorou nos ombros do amado, continuando a viagem furiosa com tudo o que estava a acontecer. Nasceu então a povoação da RAIVA. Os seus perseguidores já estavam perto e um pouco mais acima as águas ficaram agitadas, surgindo uma enorme tempestade. E o Douro tornou-se RIO MAU. Tão mau que fez naufragar o barco onde ia a princesa e o amado, afogando os que nele seguiam. Mais tarde, o corpo da princesa apareceu na margem, nascendo a povoação MOURA MORTA. O pai da princesa, ao ver a filha morta, arrependeu-se, mas era tarde.”

Património Natural

As **praias fluviais** (Lomba, Melres, Zebreiros, Marecos), os **areinhos** (Avintes, Freixo), os **meandros** do Douro (Cotovelo de Melres, Pé de Moura), a **foz dos rios** Inha (Lomba/Canedo), Uima (Crestuma), Febros (Oliveira do Douro/Avintes), Sousa (Foz do Sousa), as **matas** de pinheiros, sobreiros, carvalhos, choupos (Melres), a **Ribeira de Melres** (choupos, nogueiras, castanheiros, freixos), são alguns dos valores naturais e paisagísticos que o vale do rio Douro oferece na Área Metropolitana do Porto.

O **rio Inha** é atravessado pela EN-222 no limite entre a **Lomba** e **Canedo**. As margens são muito escarpadas, praticamente revestidas de matos e eucalipto em regeneração pós-fogo, que não permite o desenvolvimento de uma galeria ripícola bem desenvolvida. Na margem esquerda do Inha (em Canedo) há um caminho florestal que acompanha o rio junto à margem quase até ao rio Douro. Na margem direita (Lomba) também há um caminho de acesso automóvel que acompanha (mais acima na encosta) o rio Inha.

Num estudo ecológico do rio Douro em toda a sua extensão são dois, os troços que abrangem o rio Douro na área Metropolitana do Porto: o troço 48 (Barragem do Carrapatelo- Barragem de Crestuma Lever) e o troço 49 (Barragem de Crestuma Lever- Foz do rio Douro) (LIMNOS, 1999). O troço a montante da barragem de Crestuma-Lever, que engloba a albufeira da mesma, com um volume de 110 hm³ e com uma profundidade máxima de cerca de 17 metros junto da barragem, possui em média um espelho de água de 200-300 metros de largura, que no meandro de Melres atinge os 400 metros de largura. O caudal médio é de aproximadamente 500 m³, com caudal médio de estiagem normalmente superior a 100 m³, para qual também contribuem os rios que desaguam no rio Douro nesse troço, os mais importantes são o Tâmega e o Paiva, mas outros mais pequenos como o Arda e o Inha também contribuem. Neste troço as **encostas** do vale do Douro encontram-se **bastante arborizadas**, com algumas povoações e lugares habitados dispersos, onde se destacam Melres, Lomba, Labercos e Broalhos (na AMP), existindo bastantes cais desportivos e zonas recreativas, bem como trânsito fluvial. Devido à barragem de Crestuma-Lever, o ambiente aquático dominante são as águas profundas, enquanto nas margens, por estas serem prolongamento das encostas, o ecossistema ribeirinho é pobre e pouco desenvolvido, limitado quase exclusivamente à orla do rio Douro. Na foz de alguns rios e ribeiras tributários, por haver uma maior abertura do vale, verifica-se uma maior representação da **vegetação ripária**. Os **anatídeos** e **cormorões** utilizam o espelho de água do troço. Neste troço a dragagem de areias é uma actividade económica intensa (LIMNOS, 1999).

Já o troço final do rio Douro, a jusante da barragem de Crestuma-Lever, é constituído pelo estuário do Douro, a montante a paisagem é mais agreste e menos urbanizada, mas com a aproximação ao Porto a densidade urbana aumenta, tornando-se completamente urbana junto da cidade. Neste troço derradeiro, o habitat aquático é uniforme, embora influenciado pela cunha salina das marés. O ecossistema ribeirinho é pouco desenvolvido principalmente devido a pressão urbana, principalmente nas intervenções antrópicas que as ribeiras sofreram, sendo diminuta a vegetação ripícola. As três **zonas húmidas** (depósitos arenosos) que poderiam ter interesse para a avifauna, Zebreiros que foi transformada numa praia fluvial, o Areinho de Oliveira do Douro (sofreu graves estragos com a Ponte do Freixo) e a mais próxima da barra da foz (pressão banhar e de veículos motorizados), devido à grande pressão humana estão em risco de desaparecer. Mas a lista de **aves** que frequentam o **estuário do rio Douro** é importante, incluindo os anatídeos, limícolas, ardeídeos, gaivotas, galinha-de-água, ostraceiros, tendo nos últimos anos, devido às operações de dragagem no estuário inferior, aumentado a população de garças (*Ardea cinerea*) (LIMNOS, 1999).

Quanto à **flora** no rio Douro, devido à variação intensa das cotas das albufeiras que não favorecem a colonização por espécies lenhosas, e devido ao forte declive das margens no troço final do rio, a **vegetação ribeirinha** é escassa. As espécies ripárias arbóreas mais abundantes são os amieiros (*Alnus glutinosa*), salgueiros (*Salix atrocinerea*) e choupos (*Populus alba*). Os carvalhos americanos (*Quercus rubra*), as figueiras (*Ficus carica*) e os plátanos (*Platanus hybrida*) também surgem, enquanto no sub-bosque dominam as silvas (*Rubus ulmifolius*), as tintureiras (*Phytolacca americana*), os juncos (*Juncus spp.*), as tábuas-largas (*Typha latifolia*) e as canas (*Arundo donax*) (Cortes, 2007).

No estudo da **flora** da área da albufeira de Crestuma-Lever, foram identificados 141 táxones de briófitas e 609 táxones de plantas vasculares. Foi registada a presença de *Plagiothecium succulentum*, uma briófitas considerada rara em Portugal, que ocorre em locais frescos, de preferência no interior e nas imediações de carvalhais. O *Narcissus bulbocodium*, o *N. triandrus* e o *Ruscus aculeatus*, por pertencerem aos Anexos da Directiva "Habitats" e o *Leucanthemopsis flaveola*, endemismo ibérico de distribuição restrita pontualmente observado nos afloramentos xistosos da parte ocidental da área são importantes valores florísticos registados na área da albufeira (www.inag.pt/inag2004).

A **lagoa do Leverinho**, **Areja** na Lomba e o **rio Inha** foram considerados locais da albufeira de Crestuma-Lever que ainda apresentam boas condições para a **fauna**. No entanto a área apresenta um coberto vegetal degradado, principalmente dominada por eucalipto e pinheiro-bravo, com bastante interferência humana e com fragmentação de habitats. Foram identificadas 105 espécies de vertebrados terrestres na zona de intervenção do POACL, das quais 10 espécies de anfíbios, 17 de répteis, 68 de aves e 10 de mamíferos, sendo que no total 91% das espécies não são consideradas como ameaçadas em Portugal, e 16% das aves e mamíferos são espécies cinegéticas (www.inag.pt/inag2004).

"Os répteis e anfíbios representam os grupos de vertebrados com maior proporção de espécies classificadas a nível europeu (11 em 27, ou seja, 41%). As espécies emblemáticas deste grupo (Anexo B-II) são: a Salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), a Rã-ibérica (*Rana iberica*), o Discoglossos (*Discoglossus galganoi*), o Cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*) e o Lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*). Outras seis espécies incluídas nos Anexos B-IV/V são Sapo-corredor (*Bufo calamita*), Rã-ibérica (*Rana iberica*), Sapo-parteiro-comum (*Alytes obstetricans*), Tritão-de-ventre-laranja (*Triturus marmoratus*), Cobra-de-pernas-pentadáctila (*Chalcides bedriagai*), Cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*) e Rã-verde (*Rana perezi*)."

"Das 68 espécies de aves, apenas três (4% do total) estão incluídas no Anexo A-I da Directiva Europeia das Aves: Guarda-rios (*Alcedo atthis*), Andorinha-do-mar comum (*Sterna hirundo*) e Felosa-do-mato (*Sylvia undata*). Contudo, ocorrem na zona outras espécies ameaçadas a nível nacional, como a Rola (*Streptopelia turtur*) e o Melro-de-água (*Cinclus cinclus*) (classificados como em situação de "Vulnerável" pelo Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal), e mais quatro cujo estatuto ainda não está definitivamente estabelecido, em termos nacionais: Açor (*Accipiter gentilis*), Gavião (*A. nisus*), Galinhola (*Scolopax rusticola*) e Escrevedeira-amarela (*Emberiza citrinella*)."

"Relativamente aos mamíferos, contam-se quatro espécies ameaçadas a nível europeu (Anexos B-II, B-IV e B-V): Toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*), Lontra (*Lutra lutra*), Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*) e Geneta (*Genetta genetta*) –, o que representa 40% do total de espécies presentes na área. Destas espécies, as duas primeiras estão também ameaçadas a nível nacional (classificação de "Vulnerável", segundo o Livro Vermelho). As espécies cinegéticas representam 22% do total de espécies de aves e mamíferos identificados na área de estudo. As aves são as espécies cinegéticas dominantes (82% do total de espécies cinegéticas). Na área de intervenção do POACL encontram-se cinco Zonas de Caça Municipais, quatro localizadas na margem sul, e uma na margem norte para além de uma Zona de Caça Associativa. Estas zonas abrangem quase toda a área de intervenção, sobretudo na margem sul. Os planos de exploração, das ZCMs referidas, contemplam a caça a espécies de caça menor (pombos, rolas, tordos, codornizes, narcejas e galinholas e coelhos) e, em alguns casos, à raposa e ao javali." in www.inag.pt/inag2004/

As albufeiras, por destruírem habitats de desova, e serem barreiras à progressão das espécies migradoras, tiveram graves repercussões na fauna piscícola do rio Douro. No caso das espécies migradoras, e apesar de terem sido instalados dispositivos para facilitar a transposição, nomeadamente por sistemas de comportas em circuito fechado designadas por eclusas Borland, verificou-se uma redução drástica do número de espécimes. As espécies exóticas, por se adaptarem melhor às novas condições, com contaminação das águas por material orgânico, com maior eutrofização da água, maior temperatura (nomeadamente devido às instalações de produção de energia eléctrica), tiveram uma expansão exponencial. Além disso algumas das espécies introduzidas são predadores das espécies

nativas, o que ainda contribui mais para a redução do efectivo das espécies autóctones. Um exemplo notório, é o caso da perca-sol, que domina o rio Douro e o término de alguns dos seus afluentes com eutrofização aquática (Sousa e Tâmega), que provoca maiores perdas do que as causadas pelo achigã (muito apreciada), ou mesmo o góbio (*Gobio gobio*) e a gambúsia (*Gambusia holbrooki*) que provocam perdas negligenciáveis. Mais recentemente, tem-se verificado o largamento clandestino no rio de espécies predadoras com porte considerável, como o lúcio (*Esox lucius*), a lucioperca (*Sander lucioperca*), e os peixes-gato (*Ictalurus punctatus* e *Ameirus melas*), o que apesar de serem espécies apreciadas pelos pescadores, ainda vai causar mais danos nas espécies autóctones e na biodiversidade do ecossistema. Também têm sido referenciadas espécies de pequeno porte mas de grande valor conservacionista, tal como o bordalo (*Chondostroma alburnoides*), a panjorca (*Chondostroma arcasi*) e a verdemã (*Cobitis calderoni*). Algumas espécies que são mais comuns no estuário, têm surgido nas albufeiras de Crestum-Lever e Carrapatelo, o muge (*Liza ramada*), a tainha (*Mugil cephalus*) e o peixe-rei (*Atherina boyeri*) sobem periodicamente o troço final do rio (Cortes, 2007).

No âmbito de levantamentos da presença de peixes migradores no rio Douro, foi registada a presença de **lontras** no rio Douro em 2005, além de que a lampreia sobe o rio até Crestuma, enquanto o sável e a savelha não sobem o rio mas frequentam a orla marítima (<http://jn.sapo.pt/2007/05/07>).

O rio Douro e os seus afluentes terminais, o rio Sousa e o rio Ferreira, serão alvo de um programa de reintrodução do **bivalve** de água doce *M. margaritifera*, espécie extinta, mas que após a restauração do habitat nestes rios, poderá haver uma recuperação das populações (Reis, 2004).

Acessibilidades

O Instituto de Navegabilidade do Douro foi criado com a missão de incrementar o uso do **rio** como uma **via navegável**, e nos últimos anos tem-se verificado um crescimento exponencial do segmento dos cruzeiros turísticos no rio Douro. São vários os operadores turísticos que exploram viagens de barco no rio Douro, desde as mais simples que se cingem às travessias das pontes no Porto, até às mais sofisticadas que sobem o rio Douro até Barca d'Alva (www.douroazul.com). Existe uma travessia fluvial comercial que liga o cais de Gás (Lordelo do Douro) ao cais de São Pedro da Afurada.

As **estações do caminho de ferro** de **Campanhã** e de **São Bento** no Porto também são um acesso para a zona ribeirinha do Douro, bem como a estação das Devesas em Gaia e o apeadeiro de General Torres também em Gaia.

O **metro do Porto**, através da linha amarela que liga a estação de D. João II em Vila Nova de Gaia ao hospital de São João no Porto, atravessa o rio Douro pelo tabuleiro superior.

Na margem direita do rio Douro, a **estrada nacional n.º 108** acompanha praticamente o leito do Douro desde Melres até ao Freixo, e já na cidade do Porto existe um quase contínuo de avenidas e ruas que seguem o Douro até à foz. O **eléctrico n.º1** liga o Infante (São Nicolau) à Cantareira (Foz do Douro).

Na margem esquerda, ao contrário do que acontece na margem direita do rio Douro, excepto a jusante da Ponte de D. Luis, não existem vias rodoviárias que acompanhem o curso do rio, existe no entanto um rendilhado de ruas e estradas secundárias que em alguns locais levam à margem do rio (como no caso do Porto Carvoeiro). A estrada nacional 222 serve algumas das freguesias ribeirinhas do Douro.

Quando o IC 24 estiver concluído, vai existir um acesso privilegiado para a zona mais a montante do vale do Douro na AMP, já que esta via estruturante vai ligar o norte litoral ao sul litoral, conectando os Portos de Aveiro e Leixões e o Aeroporto (www.inag.pt/inag2004).

O **atravessamento do Douro** faz-se na barragem de Crestuma-Lever e pelas pontes que ligam Porto a Vila Nova de Gaia, de montante para jusante surge a ponte do Freixo, a ponte de São João (ferroviária), a ponte D. Maria (desactivada), a ponte do Infante, a ponte D. Luís (no tabuleiro superior transita o metro e no tabuleiro inferior o trânsito rodoviário) e a ponte da Arrábida (trânsito automóvel).

O rio Douro banha cerca de 30km de extensão no concelho de **Gondomar**, onde pontuam praias fluviais em Lavandeira, Marecos, Lomba, Zebreiros, Esposade e outras, bem como equipamentos de apoio aos desportos náuticos (O Douro, de Barca de Alva até à Foz, 1994). O nome Gondomar é atribuído ao rei visigodo Flávio Gundemario, que aqui teria fundado um couto no ano 610 (O Douro, de Barca de Alva até à Foz, 1994). A primeira referência documental a **Gondomar** data do ano de 897, e refere-se à igreja de Santa Eulália. O **couto de Gondomar** (demarcado em 1193), segundo as inquirições afonsinas de 1258, abrangia as igrejas de Foz do Sousa, Jovim, Valbom, Fânzeres, São Pedro da Cova, Campanhã, Baguim, São Cosme, Lebrinho, Avintes, Melres e mosteiro de Rio Tinto. Em 1515, o rei D. Manuel I atribuiu foral ao "Município de Gondomar" (Saraiva, 2004).

Melres (Gondomar), freguesia de Gondomar que já foi concelho (até 1834, existindo mesmo o Largo do Pelourinho) recebeu foral de D. Manuel I, sendo inicialmente Villa de Mellares. Surge referida na «Carta da Villa de Mellares» do ano de 951, no período da reconquista cristã, e que pertenceria ao território de Anégia, uma unidade territorial de grande dimensão que compreenderia desde as terras altas do rio Ferreira, incluía todo o vale do rio Sousa e do Tâmega e cruzaria o rio Douro até metade das terras do Paiva. A Villa de Mellares abrangia terras da margem esquerda do rio Douro, sendo o único caso de concelhos que remontam à época medieval, que abrangia terras de ambas margens do rio Douro, a carta da sua doação ao mosteiro de Guimarães pela Condessa Mumadona data do ano 951 (www.jf-melres.com). Com aproximadamente 24 km² é a maior freguesia do concelho de Gondomar, assenta em

xistos-grauvâquicos, com uma parte montanhosa, atingindo a cota dos 416 metros na serra de Santa Iria e possui nas zonas baixas alguns vales com melhores solos, dos quais se destaca o vale da Ribeira.

Quanto às principais **festas e romarias** que se realizam na freguesia de **Melres**, elas são: 15 dias antes da Páscoa o **Senhor dos Passos** (cuja irmandade tem estatutos desde 1726), no 2.º Domingo de Julho a **Santa Iria**, no 1.º Domingo de Agosto a **N.ª S.ª da Piedade**, em 15 de Agosto a **N.ª Senhora da Assunção**, no domingo mais próximo de 24 de Agosto o **São Bartolomeu** e a 21 de Setembro a Feira das Nozes (www.jf-melres.com). A procissão do **Senhor dos Passos** realiza-se 15 dias antes da Páscoa, subindo de noite desde a **igreja matriz** (setecentista) junto ao rio Douro até à **capela do calvário** mais acima na encosta. No lugar de Santiago, mesmo à beira-rio, o **São Bartolomeu** é festejado na sua pequena capela no mês de Agosto (Pacheco, 1986). Em **Branzelo**, no primeiro domingo de Setembro, realizava-se a festa na **capela da Senhora da Aflição** (edificada em 1862). Já na **capela de Santa Iria** (setecentista), realiza-se a festa da padroeira do lugar em meados de Julho (Pacheco, 1986). No lugar de **Moreira**, localizado numa plataforma mais elevada e a oriente do centro da freguesia, existem várias casas antigas, uma das quais data de 1740, em cuja **capela** é festejada a **Senhora da Piedade** em Agosto (Pacheco, 1986). A **capela da Senhora da Piedade** que encontra-se no centro da povoação junto de várias casas e construções agrícolas em xisto, na Travessa da Senhora da Piedade, é um templo de pequenas dimensões.

A **Sul da praia de Melres**, mesmo em frente a Areja, a rua da Praia leva a um espaço, com uma extensão aproximada de 450 metros que termina junto às instalações da Estação de Tratamento de Água de Melres, aqui o areal é limitado mas existe um conjunto arbóreo interessante, principalmente ulmeiros (*Ulmus procera*) e sobreiros (*Quercus suber*) de bom porte, bem como acácias, plátanos e choupos que proporcionam boa sombra no Verão. Apesar de o espaço não estar intervencionado e não possuir qualquer equipamento de apoio, vê-se que é bastante utilizado para lazer.

No topo do parque de estacionamento da **praia de Melres**, está a **Igreja de Melres** direccionada para o rio Douro, possuindo na frontaria as indicações do nível das águas nas cheias de 1962 e 1909, bem como junto do relógio a data de construção, 1888. O **Solar da Bandeirinha**, onde funciona a Junta de Freguesia de Melres, possui um portal armoriado, e a **Casa Grande**, já acima da estrada nacional 108, onde funciona um espaço de eventos e que possui uma capela anexa são dos mais belos exemplares arquitectónicos, mas não os únicos de Melres. A **Marina de Melres**, em Quintãs, além do cais, também possui um amplo parque de estacionamento, onde também se realizam outras actividades, tais como arraiais.

Já em **Santiago** do alto dos 104 metros, a que a rua Alto do Crasto atinge, tem-se uma visão magnífica da praia da Lomba, da península da Lomba e do meandro do Douro. Descendo em direcção ao **cais de Santiago**, encontra-se a **capela de São Bartolomeu**, orientada para o meandro do Douro, possui um pequeno adro sobrelevado de onde se tem uma perspectiva frontal para a praia da Lomba. Passa-se pelo

parque de estacionamento que serve o cais e no fim da rua (sem saída) está o cais e a pequena marina que se forma na enseada onde desagua o ribeiro de Cabria. Em frente está a Quinta dos Moinhos, com as encostas revestidas de folhosas, por onde sobressaem alguns edifício já a aparentar ruína.

Em **Cavadas**, saindo da Rua da Central e virando à direita por um caminho de terra batida, encontra-se a **Capela da Senhora da Aflição** completamente isolada no topo de um monte a mais de 120 metros de altitude. A capela que tem a data de 1884 inscrita na frontaria, possui um adro com muro tosco em pedra, e à sua frente existem duas pequenas capelinhas viradas uma para a outra. A envolvente florestal que rodeia a capela quase que obstrui por completo a visão panorâmica sobre o rio Douro que o local permitiria. Já em **Branzelo**, encontra-se a **capela de Santa Iria**, construída em 1714 (conforme inscrição numa placa fixa na frontaria), existindo grandes casas antigas de lavoura na sua proximidade.

A **Feira das Nozes**, acontecimento ancestral que se realiza no dia de São Mateus (21 de Setembro), possui projecção regional, não tendo a ver com o culto religioso, mas sim com o equinócio de Outono, altura da época das colheitas das nozes que devido ao microclima da área, existia uma grande produção (www.jf-melres.com).

O **Couto Mineiro das Banjas** (filões auríferos) que foi intensamente explorado desde os romanos até meados do século XX e o **Couto Mineiro da Pederneira** (carvão) abrangiam áreas da freguesia de Melres (www.jf-melres.com). Nas memórias paroquiais de **Santa Maria de Melres** de 1758 era referida a pesca durante todo o ano de barbos, escalos, bogas e muges, e de Fevereiro até Junho a pesca de sáveis e lampreias. Em 1861, Melres era referida como uma das 48 estações do rio Douro onde havia barcas de passagem (Pacheco, 1986).

A **Quinta da Bandeirinha**, cujo edifício principal data de 1697, e a **Casa Grande** mandada construir no início do século XVIII pelo Morgado de Vilar de Perdizes, são os mais belos exemplares solarengos de Melres.

"Ahi está porém, sobre a margem direita, Melres, pouco apparatuso, mas povoado e assente em um plaino, assás extenso, bem cultivado e abundante...E ahi acaba a corrente do rio. No resto do seu curso o declive é tão suave, que quasi não excede um pé por légua. Ahi chegam de verão as marés..."
Visconde de Villa Maior (1876) in O Douro Ilustrado (1990)

Lomba (Gondomar) é a única freguesia do concelho de Gondomar na margem esquerda do rio Douro, e esteve anexa a Melres até 1807. Possui um perfil peninsular, sendo possível do cimo da cumeada central visionar do lado direito o rio Douro a correr para Norte e do lado esquerdo a fluir para Sul. A falta de acessos directos a partir do concelho a que pertence permite um certo isolamento, o que contribui para a preservação da ruralidade que impera na freguesia. Foram ao longo dos anos potenciados os atributos paisagísticos e naturais da freguesia, tendo sido realizados vários investimentos na requalificação de

espaços, como o miradouro de Laverços, o Largo de Areja, o Largo do Poço ou Largo da Praia em Pé de Moura e ainda a praia fluvial da Lomba. O porto fluvial do lugar de Sante, conhecido como Pé de Moura, de onde antigamente eram expedidas várias mercadorias, tais como: carvão, madeira, urze, lenha, carqueja e produtos agrícolas foi um factor de desenvolvimento para a freguesia (www.ciberjunta.com/lomba.html). A povoação da Lomba vivia do peixe do rio Douro (sáveis e lampreias entre outros) e da agricultura (Pacheco, 1986).

A festa de Santo António (padroeiro) realiza-se no mês de Junho, em Pé de Moura há a festa de Santa Eufémia entre os dias 14 e 20 de Setembro e a festa de N.ª S.ª do Ó entre 14 a 21 de Maio. Também em Pé de Moura entre 14 e 15 de Agosto há um Festival de Folclore com participação de ranchos nacionais e estrangeiros (CMGa, -). O **cabeço do Sovereiro** e o cimo do **Monte da Meda** já na serra do Carouço são locais que permitem amplas perspectivas visuais para o rio Douro e para a paisagem envolvente (www.gondomar.pt). Já o lugar de **Labercos**, junto à foz do rio Inha, é um óptimo miradouro para ver o meandro de Medas, o lugar de Pé de Moura e um bom trecho do rio Douro (Pacheco, 1986).

Santo António da Lomba forma uma península e esteve ligada à vila de Melres, pertencendo ao seu termo, da qual apenas se separou em 1807, quando foi constituída freguesia (Pacheco, 1986). O **Casal de São José** (data de construção de 1742), a **Quinta da Lomba** (possui portal armoriado), a **Casa do Capitão** e a **Casa de Sante** são os principais solares e casas de quintas da freguesia (Pacheco, 1986). A **igreja de Santo António**, localizada na cumeada central da península é setecentista (Pacheco, 1986). A igreja da Lomba está rodeada de casas antigas, algumas alpendradas, e do largo da igreja tem-se uma ampla vista para norte e este. Perto fica a Quinta da Lomba, com o seu portal brasonado e o Casal de São José.

Já o lugar de **Areja**, fica localizado quase na fronteira com o concelho de Castelo de Paiva, localizado numa pequena **enseada** onde desagua uma ribeira, a **Ribeira do Portal**, é referido a hipótese por alguns autores do nome advir da antiga Anégia, povoado importante da antiguidade que se situaria nas margens do rio Douro (Pacheco, 1986). As oliveiras, os citrinos, as noqueiras e os castanheiros abundam nas encostas, e junto do Largo de N.ª S.ª dos Navegantes marcam presença amieiros, plátanos, choupos, tílias, entre outras espécies. O cais de acostagem foi inaugurado em 2001, no espaço remodelado e arranjado há mesas e bancos de merenda e também um parque infantil.

A **Quinta de Sante** em **Pé de Moura**, já era citada nas memórias paroquiais de 1758 (Pacheco, 1986). A **Santa Eufémia** é a padroeira, e em 1758 já se realizava a romaria a 16 de Setembro, actualmente festeja-se no segundo domingo de Setembro. Mais acima na encosta numa capela mais recente festeja-se no mês de Maio a **Senhora do Ó** (Pacheco, 1986). Em **Pé de Moura** junto do cais há um parque de estacionamento com uma ala de choupos paralela à margem, bem como um grande número de valboeiros atracados na margem. O cais é extenso, com um passadiço largo que acompanha a margem, e também existe uma plataforma circular flutuante onde se costuma realizar eventos. A Sul fica a **capela**

de **Santa Eufémia**, numa plataforma elevada, virada para o rio, junto da capela há um largo com plátanos, mesas e bancos de betão e sanitários, envolvido por árvores como nogueiras, choupos e oliveiras que proporcionam sombra. Nas encostas da povoação abundam as oliveiras e também as nogueiras.

Medas (Gondomar), no lugar da Fisga, num local sobranceiro ao rio Douro, existem vestígios de um castelo que terá existido aí. Em Fisga, no **Lugar do Castelo**, quase é possível avistar **Porto Carvoeiro** por completo, não fossem alguns eucaliptos que impedem a visão integral da pequena localidade ribeirinha de Santa Maria da Feira. Na margem direita do rio Douro, está o **Parque de Campismo de Medas**, distribuindo-se pela encosta que desce até ao rio, onde existe um cais de acostagem, que serve o parque. No fim da estrada que termina junto ao rio, há **valboeiros** que fazem a travessia comercial até à Lomba (www.gondomar.pt). No lugar de Fisga, perto do parque de campismo, existe um cais que onde os valboeiros fazem a ligação a Pé-de-Moura, nesse lugar ermo há uma paragem de autocarro que serve os passageiros que fazem a travessia fluvial (Pacheco, 1986). Aqui na margem do Douro há alguns freixos, mas nas encostas praticamente só há eucaliptos.

No Largo da Igreja, fica a **Igreja de Medas**, com a data de 1930 inscrita, bem como uma placa com a seguinte inscrição “Construída a expensas dos Irmãos Vianas da Casa da Estivada”. A **capela de Broalhos**, é um exemplar setecentista, cuja padroeira é a Senhora das Canas (que vem de Agra das Canas, localização do templo primitivo) (Pacheco, 1986). A capela de Broalhos, de onde se avista para montante a Central Termoeléctrica do Tapado do Outeiro, possui na frontaria a seguinte inscrição: “Esta Capela foi mandada construir Por Manuel Gonçalves Lixa e Aprovada em 2-V-1704”, e do seu adro elevado tem-se uma vista panorâmica para o rio Douro.

Em **Broalhos** realiza-se a festa de N.ª S.ª de Canas e da S.ª da Hora, 40 dias após a Páscoa, e em **Vila Cova** no 1.º Domingo de Agosto há festa do Divino Salvador (CMGa, -). Também se realizam em Medas a festa de S. Brás (em Fevereiro), a festa do Senhor dos Aflitos no 3.º domingo de Maio e a festa da padroeira, Nossa Senhora da Natividade, em Setembro (www.gondomar.pt).

As minas de antimónio e ouro em **Santa Maria de Medas** foram exploradas desde 1877, mas existem vestígios da sua exploração pelos romanos e árabes. A freguesia era cruzada pelas cestas de carvão que levavam para a Central da Tapada do Outeiro, o carvão das minas do Pejão (Pacheco, 1986).

Já em **Vila Cova**, lugar onde surgem alguns dos **melhores terrenos agrícolas** da freguesia surgem casas e quintas agrícolas de nomeada como a **Casa do Órfão**, a **Casa do Eirado** e a **Casa do Bessada** (Pacheco, 1986). **Vila Cova**, povoação que dá acesso à **marina do Pombal**, é atravessada pela **Ribeira das Longras**, e possui na zona de vale campos agrícolas semeados com milho, com ramadas de vinha na bordadura, hortícolas como feijão verde e couve-galega, batatal, e principalmente muitas árvores de

fruto como castanheiros e citrinos. Sobranceira ao vale encontra-se a **capela**, com a data de 185... (não legível) dedicada ao Divino Salvador. Pela Avenida Beira-Rio, chega-se **marina do Pombal**, existindo na envolvente algumas manchas de carvalho, castanheiros e sobreiros que cujo tom de folhagem contraste com o dos pinheiros e eucaliptos que dominam as encostas. Surgem canaviais na margem da enseada da marina e na margem do Douro a montante da entrada da marina há vinha.

Canedo (Santa Maria da Feira), a única freguesia ribeirinha do Douro do concelho da Feira, localizada a Nordeste do concelho. O lugar de Carvoeiro é banhado pelo rio Douro, tendo noutras épocas o Porto do Carvoeiro um papel importante no comércio marítimo do Douro, daqui saíam barcos tradicionais com cargas de madeira, lenha, carvão vegetal e outras mercadorias. Ainda se pesca a lampreia, o sável, a savelha, além do muge e do barbo entre outras espécies piscícolas. O **rio Inha** desagua no rio Douro no limite entre Canedo e a freguesia de Lomba. Em Rebordelo está a histórica mesa de pedra, que servia para a reunião dos representantes dos quatro concelhos (Feira, Gondomar, Arouca e Castelo de Paiva) de modo a definirem os limites concelhios. Esta freguesia possuiu foral próprio atribuído por D. Afonso II em 1212 (www.cm-feira.pt/portal/site/cm-feira). **Carvoeiro** foi um importante porto fluvial até ao início do século XX, restando actualmente um ancoradouro que permite as actividades tradicionais (O Douro, de Barca de Alva até à Foz, 1994).

A freguesia de **São Pedro de Canedo**, a maior em área do concelho de Santa Maria da Feira, é delimitada a Norte pelo rio Douro, a Leste pelo rio Inha e pela freguesia da Lomba e a Oeste pela freguesia de Lever. A E.N. 222 serve a freguesia, sendo o principal eixo rodoviário. Como possui um relevo acidentado, a ocupação do solo é maioritariamente florestal, principalmente povoamentos de eucalipto e pinheiro, mas junto ao rio Douro, Inha e Uíma surgem galerias ripícolas de amieiros, salgueiros, freixos, bem como as invasoras do género Acácia. O topónimo Canedo tem raiz em “cannedo” do latim “cannetu” que está relacionado com os canaviais ribeirinhos, segundo a opinião geral dos autores. Já no ano 912 é referido Sancto Petro de Canedo (Silva & Gomes, 2000).

O lugar de **Mosteirô** cujo nome derivará de antigamente aí ter existido uma instituição eclesiástica (feminina), cuja fundação apontada ao ano de 897 é atribuída a um D. Gondesindo, e o lugar de Porto Carvoeiro à beira-rio são os mais próximos do rio Douro. A **Casa do Páteo em Porto Carvoeiro**, com uma traça em “L”, que se presume oitocentista, possui uma **capela** de estilo romântico. Antigamente o Porto Carvoeiro era um importante entreposto fluvial de onde saíam um grande número de embarcações, principalmente rabelos, com várias mercadorias com destino à cidade do Porto, entre as quais o carvão vegetal, que terá dado nome ao lugar (Silva & Gomes, 2000). Os condes da Feira tiveram o senhorio das Terras de Santa Maria até ao século XVII, desde meados do século XV quando o rei D. Afonso V atribuiu o título ao cavaleiro Fernão Pereira (Saraiva, 2004).

Porto Carvoeiro é um povoado pequeno, com o casario a distribuí-se em patamares pela encosta acidentada. O Largo que dá para o cais, onde se encontram vários valboeiros, junto ao rio é o espaço mais aberto. Subindo a estreita rua da capela do Carvoeiro encontra-se dentro de uma propriedade privada, **Casa do Páteo**, a capela que possui por cima da porta a inscrição da data de construção, 1628. No lugar existem algumas casas de bela traça, com ombreiras de granito e varandins de ferro, algumas em mau estado de conservação. Nos estreitos quintais e leiras que sobem a encosta vêem-se bastantes árvores de fruto, tais como castanheiros, nogueiras, figueiras, citrinas, nespereiras, kiwis, ameixoeiras. Na encosta declivosa a montante da povoação surgem bastantes sobreiros, alguns de porte admirável.

Covelo (Gondomar), freguesia ribeirinha na margem direita do rio Douro, cuja primeira referência escrita data do ano de 960, quando parte das terras do Covelo pertenciam à família do pai de Egas Moniz, já o segundo documento de 1133 é referente à doação de uma *villa* de Leverinho ao convento de Cête por D. Afonso Henriques. A freguesia cujo nome deriva de “cova”, já que o núcleo inicial resumia-se a um punhado de casas num côncavo entre serras, possui dois lugares perto do rio Douro, Lixa e Leverinho (na lagoa de Leverinho) (www.ciberjunta.com/covelo.html). **Leverinho**, antiga “villa Levarino”, surge numa doação feita por D. Afonso Henriques em 1171. O topónimo do lugar liga a sua formação à vizinha Lever, com a qual esteve unido religiosamente até 1752. Existem azenhas na Lixa e Leverinho, nos afluentes do rio Douro, onde antigamente se moía os cereais, milho e centeio, assim como a proximidade do rio e as condições naturais são propícias à instalação de marinas (www.gondomar.pt).

Em princípio de Junho realiza-se a **feira de Santa Isabel** na capela de Leverinho e na Lixa celebra-se a **Senhora dos Navegantes** (Pacheco, 1986).

A **Marina da Lixa**, na lagoa do Leverinho, é o último cais de acostagem antes da Barragem de Crestuma-Lever, fica onde desagua o **Ribeiro do Couço**, e o acesso automóvel faz-se contornando a enseada pela Rua dos Favais. Junto à ponte por onde passa a EN-108, virado para a lagoa de Leverinho, existe um espaço arborizado, com bancos ao longo da margem, e há um passadiço que passa por debaixo da ponte e leva à margem do Douro, onde também há um cais de acostagem, bem como equipamentos de apoio e restauração. Em frente na outra margem do rio fica a Estação de Tratamento de Água de Lever e para jusante observa-se a barragem de Crestuma-Lever.

Lever (Vila Nova de Gaia) aparece pela primeira vez referenciada em textos escritos como '*villa Liderii*' no ano 922, com a forma '*Leueri*', sendo portanto uma povoação anterior à nacionalidade. Mas existem documentos escritos que comprovam a existência de mamoa, monumentos fúnebres do neolítico (de aproximadamente 5 000 anos atrás), bem como a informação da existência de um castro. Nas inquirições afonsinas de 1258 é referido cultivo de milho-miúdo, trigo e aveia, bem como a recollecção de cera e mel.

Em 1926 Lever foi anexa ao concelho de Vila Nova de Gaia. O padroeiro da paróquia é Santo André, a quem os Leverenses apelam quando se abatem Invernos rigorosos sobre a povoação, cuja festa em realiza-se no último fim-de-semana de Novembro, no Lugar da Portelinha. Também há a festa de S. Tiago no último fim-de-semana de Julho, na Avenida da Igreja Velha e a festa do Sagrado Coração de Jesus no último fim-de-semana de Agosto, no Largo do Santo. Além disso no Largo do Santo realiza-se aos domingos a feira semanal (www.ciberjunta.com/lever.html; Barros & Costa (2003)).

Na **arqueologia industrial** destacam-se a fábrica de papel e a Companhia de Fiação de Crestuma, no **património religioso** destaca-se a **capela de São Sebastião** (advogado da peste que assolava a região no século XIII) (Pacheco, 1986), que a tradição diz ter sido mandada erigir por Pedro Hispano, o único papa português (<http://lever.no.sapo.pt/>). Na época do rei D. Dinis (século XIII/XIV), **Santo André de Lever** pertencia ao julgado da Feira, tendo sido incluída no foral da mesma em 1514, apenas em 1926 foi incorporada no concelho de Vila Nova de Gaia (Pacheco, 1986).

Em **Lever**, a principal via de comunicação é a estrada nacional 532 (que vem de Mosteirô (Canedo, Santa Maria da Feira) e segue para Crestuma)). No cruzamento da Rua Central com a Avenida da Igreja Velha (que dá acesso até à **Estação de Tratamento de Água** (ETA) de Lever e à margem esquerda do rio Douro), está a **capela de São Sebastião**. Já a **Igreja Velha** (de 1940), encontra-se num estado de abandono e com sinais de degradação evidente, mas junto fica a **Casa da Igreja**, um belo edifício com **portal brasonado**. A Avenida da Igreja Velha possui de ambos os lados da rua, alas com oliveiras de médio porte. As festas em honra de S. Tiago de Lever é no último fim-de-semana de Julho, em Novembro festeja-se o padroeiro Santo André e a festa do Sagrado Coração de Jesus celebra-se no último domingo de Agosto (www.gaiaglobal.pt).

Descendo o rio Douro a partir da **barragem de Crestuma-Lever**, na margem esquerda, encontra-se **Crestuma** junto à foz do rio Uíma (num morro onde antigamente existiu um castro), segue-se o “antigo e buliçoso entreposto comercial” que foi **Arnelas**, depois surge a já extinta colónia de pescadores de **Espinhaço**, segue-se **Avintes**, antiga vila fornecedora de broa à grande cidade do Porto, os areíños de **Oliveira do Douro** e as escarpas de **Quebrantões**, a escarpa da **Serra do Pilar** com o seu mosteiro, o casario de **Santa Marinha**, e por fim mesmo antes da barra, a povoação pesqueira da **Afurada**. Já na margem direita do rio, surge **Zebreiros** e o seu areal, a **foz do rio Sousa**, **Atães**, **Gramido**, a **Ribeira do Abade**, o vale de **Campanhã**, as **Fontainhas**, o **morro da Penaventosa** (Sé), a **Ribeira**, **Miragaia**, **Massarelos**, **Lordelo do Ouro**, e a **Foz Velha** (Pignatelli, 2003).

Crestuma (Vila Nova de Gaia), é uma das freguesias mais antigas do concelho, conforme relata o documento do ano de 960, “*Termos de Crestuma e compra de moinhos e doação de Nabuli e Portagem do Rio Douro*”. Refere-se à aquisição por parte do bispo D. Gomada (a quem foi atribuída a diocese de

Coimbra pelo Rei Ordonho II, e que desistiu do episcopado e seguiu para uma ermida junto da foz do rio Uíma no lugar de Crestuma), do termo da vila de Crestuma e não só, para o **mosteiro de Crestuma**. Nessa transacção são definidos os limites do mesmo termo e do seu mosteiro, Lever, seguindo para Seixalvo (Olival), de seguida para Paradela e Alheira (lugares de Pedroso), até ao porto de Arnelas. Na margem esquerda do rio Douro seguia por Zebreiros, Penelas até Esposade, voltando a passar o rio Douro na vila do Paço. No mesmo documento também se refere a aquisição por parte do bispo, de moinhos no rio Uíma, pertencente ao termo de Lever. O bispo recolheu-se ao mosteiro, tendo sido aí visitado pelo rei Ordonho II no ano de 922, pela rainha e outros nobres, tendo sido o mosteiro de Crestuma agraciado com a navegação e portagem do rio Douro nos dias de sábado e ainda com vilas e Igrejas da margem do Douro desde a actual Lomba até onde o rio Tâmega desagua no Douro entre outras mercês (http://vtel.pt/gaiserv/livro_cale/; Costa (2000)).

Crestuma foi cabeça de couto, mais tarde anexada por carta régia à mitra do Porto, tendo sido elevada a concelho em 1834, situação que perdurou até ao ano seguinte, o seu nome deriva de um antigo **Crasto** que terá existido no lugar de Burgo e do rio Uima. Na freguesia de Crestuma existem fábricas de tecidos e papel e já na freguesia vizinha de Lever existe a Companhia de Fiação de Crestuma. Também importante na história da indústria local é a fábrica de fundição que o rei D. Miguel aí estabeleceu para o fabrico de munições do seu exército, aquando do Cerco do Porto (http://vtel.pt/gaiserv/livro_cale/).

Em **Crestuma**, há cerca de 50 anos, havia carreiras diárias fluviais com destino até às Escadas do Duque na Ribeira (Porto) (Figueiras, 1998). A Quinta da Estrela, localizada no alto da encosta sobranceira ao rio Douro, era facilmente reconhecível pela estrela ajardinada (FCG, 1985).

Crestuma teve uma ocupação castreja, derivando o nome de Castrum + Uima, mas em 1126 surge referida como São Miguel de Crastello. Nas inquirições afonsinas de 1258 é referida a existência de seis **moinhos** no rio Uíma na área de Crestuma (Costa, 2000). O **Largo do Canto da Areia**, é um miradouro junto à **foz do rio Uíma**. No século X a povoação chamava-se Castrumia (Castro + Uima) e era vila e cabeça de um couto (Costa, 2000). Junto da foz do **rio Uíma**, está **Crestuma**, uma povoação cujo casario se distribui pelos patamares e socacos, com pequenas e estreitas leiras intercaladas. O relevo é marcado pelo vale do Uíma a montante, e a jusante pelo vale mais encaixado de uma ribeira que desagua no lugar de Areia, sendo que junto das linhas de água a vegetação é exuberante com bastantes folhosas como castanheiros (*Castanea sativa*) e árvores ripícolas tais como choupos (*Populus* sp.). Junto do cais de acostagem de Crestuma e da foz do rio Uíma, onde estão atracados alguns valboeiros, há um Largo com choupos e bancos clássicos de madeira.

O **Centro Náutico de Crestuma** foi inaugurado em 2005 e todo o espaço envolvente foi requalificado e localiza-se na marginal do rio Douro, junto da ribeira que aí desagua, onde estão as ruínas de um

moinho, e perto da ETAR de Crestuma. Existe um pequeno areal (praia fluvial) de onde se tem uma vista frontal para o paredão da **barragem de Crestuma-Lever**. Aqui vai haver decorrer a 12 e 13 de Julho a **Taça do Mundo em Canoagem**. A romaria à padroeira de Crestuma, Santa Marinha, decorre no mês de Julho de 2008 entre dia 18 e 21 e a festa do Sagrado Coração de Jesus no penúltimo domingo de Setembro (www.gaiaglobal.pt, www.ciberjunta.com/crestuma_taca_mundo_canoagem250608.html).

Foz do Sousa (Gondomar), esta freguesia possui duas localidades à beira-rio do Douro, Esposade e Zebreiros (onde há uma praia fluvial), e na foz do rio Sousa encontra-se o seu mais conhecido monumento, a ponte de Foz do Sousa, da autoria do Prof. Edgar Cardoso. Na foz do rio Sousa está desde 1957 a **ponte da Foz do Sousa**, uma obra do Prof. Edgar Cardoso, que optou por uma ponte em betão com apenas um arco parabólico, pois as sondagens realizadas no local revelaram uma profundidade de lodos que atingia os 45 metros (FCG, 1985). A cerca de 2 km da foz do rio Sousa, no mesmo rio encontra-se a **Estação de Captação de Águas da Foz do Sousa**, instalada em 1857 e que durante anos abasteceu a cidade do Porto. Segundo Pinho Leal em 1874, em **São João Baptista da Foz do Sousa** existiria antigamente um castelo na margem do rio Sousa mesmo em frente a Arnelas (povoação da margem esquerda do rio Douro). A **Igreja matriz** setecentista, data de 17021 e é dedicada ao padroeiro. Em **Zebreiros**, na **capela de São Jorge**, faz-se a romaria dedicada ao santo no mês de Maio e em Jancido fazia-se em Agosto a festa ao Santo Ovídio (Pacheco, 1986).

Em **Esposade**, já a jusante da barragem de Crestuma-Lever, no cimo da encosta está isolada a **capela de Nossa Senhora da Livração**, junto do rio descendo por um caminho em terra batida está o **areal de Esposade**, onde estão alguns valboeiros ancorados.

A **capela de São Jorge** em Zebreiros, que possui a data de 1949 na frontaria, está localizada numa área planáltica com maior área de terras agrícolas, onde o milho ainda é uma cultura de Verão. A **praia de Zebreiros** é um areal com cerca de 400 metros de extensão, existem sanitários e um tanque com água a correr, e um bar de apoio. É bastante frequentada, e usada para banhos no rio, apesar de existir um aviso de proibição afixado, devido a ser considerada uma zona perigosa, e também um placard a desaconselhar a prática banhar, bem como um aviso de que o areal não é vigiado. A zona apresenta lixo espalhado pelo areal e envolvente. Junto à estrada que serve o areal existem alguns *Salix babilonica* e na encosta acima da rua paralela ao areal, há a montante uma mancha de carvalho (*Quercus robur*) em regeneração natural e a jusante abundam acácias arbóreas e canas-da-Índia. Junto da **Ponte da Foz do Sousa**, a margem esquerda do rio Sousa, no seu troço final antes de desaguar no rio Douro, apresenta a encosta bastante arborizada com árvores de grande porte, algumas são exóticas e junto do rio abundam árvores ripícolas.

São Cosme (Gondomar), a origem do topónimo Gondomar tem várias hipóteses: algumas opiniões atribuem ao rei visigodo Gundemarus (período entre os anos 610 e 612), outras ao excelente enquadramento do Castro que em suevo pela junção das duas palavras *ynd* (agradável, enfeitado, perfeito) e *meer* (o mais), e ainda também em suevo, o termo *Guldman* significa mina de ouro, existindo registos das explorações deste metal que remontam ao final do século I, princípio do século II da era cristã. Ainda existe ouro, sobretudo na mina da Tapada. Esta abundância do metal precioso, deu origem ao trabalho da filigrana, arte que remonta ao século VIII, e que ainda perdura, sendo um elemento da identidade de Gondomar. O rei D. Sancho I atribuiu a Carta de Couto a Gondomar no ano de 1193. A freguesia de S. Cosme, anteriormente designada por Santos Cosme e Damião, recebeu do rei D. Manuel I em 1515 a Carta de Foral. Os patronos foram gémeos de origem árabe que se dedicaram à medicina, existindo a crença da sua capacidade de cura de doenças do corpo e da alma (www.jf-gondomar.pt; www.gondomar.pt; Oliveira (1983)).

Realizam-se as seguintes festas e romarias: do Menino Jesus no 1.º Domingo de Janeiro no Largo da Igreja Matriz, de São Vicente no último Domingo de Janeiro em Monte Crasto, de Santo Isidoro no 1.º Domingo de Páscoa no Monte Crasto, de N.ª S.ª Mãe dos Homens no último Domingo de Maio na Capela dos Capuchinhos, de Santo António no Largo do Souto, de N.ª S.ª da Atalaia na Capela de Aguiar em Julho, do Senhor dos Aflitos no último Domingo de Agosto no Calvário, de São Cosme e Damião em Setembro e de N.ª Senhora do Rosário o 1.º Domingo de Outubro (CMGc, -).

Por curiosidade, a expressão “regateiras” deriva da deslocação das mulheres que iam de barco vender os seus produtos agrícolas ao cais do Porto e Gaia, tendo a designação sido primeiramente atribuída pelas regatas fluviais que encetavam, e posteriormente ao linguajar típico usado nas transacções com os clientes (www.gondomar.pt).

Jovim (Gondomar) tem na sua orla ribeirinha a praia de Marecos (ou Atães), bem como a quinta solarenga da família Melo Alvim (Quinta da Palmeira) (www.gondomar.pt). O lugar de Vessada possui, pelo seu posicionamento e valores naturais, notório interesse turístico (www.gondomar.pt). Localiza-se na área de Jovim o **Depósito de Pressão das Águas de Abastecimento Público do Porto**, que recebia as águas do rio Sousa e do rio Douro (dos 26 poços de filtragem no areal de Zebreiros) (FCG, 1985). A romaria a **Santa Cruz** celebra-se a 14 de Setembro na época das colheitas, na **capela de São Martinho**, lugar que deve o nome, por aí ter residido, ao bispo de Braga S. Martinho de Dume. Em **Atães**, festeja-se a **Nossa Sr.ª das Neves** na **capela** com o mesmo nome (www.gondomar.pt). **Santa Cruz de Jovim** é uma freguesia a que Pinho Leal em 1874 atribuía terreno muito fértil, onde abundavam as melancias, os melões, os pêssegos, bem como os nabos, cebolas, gado bovino, o milho, centeio e legumes (Pacheco, 1986). O nome Jovim, virá de *Juvinus* segundo alguns autores, enquanto outros defendem que vem de *Jouvi* (descanso) (Pacheco, 1986).

Atães era porto fluvial, porto de valboeiros, pescadores, e dos negociantes das hortaliças que iam vender à “Ribeira”. Perto fica a Praia de Marecos. A antiga ermida da Sr.^a das Neves (de que há referências de 1758 à grande romaria que aí decorria) desapareceu, tendo sido substituída por uma construção mais recente. A **Festa da Sr.^a das Neves** realizava-se no 1.º Domingo de Agosto e também era conhecida antigamente por “festa da borboleta” por esvoaçarem estes insectos em volta do andor da Senhora na procissão (Pacheco, 1986). A **Quinta dos Melo Alvim** – Casa dos Morgados, com a **capela da Senhora da Conceição** é da época do reinado de D. Dinis (Pacheco, 1986).

Em **Atães**, a Rua da Praia que acompanha o rio Douro ao longo de aproximadamente 800 metros é ladeada em alguns troços por árvores de grande porte, principalmente choupos, castanheiros, sobreiros, etc. Apesar de ser frequentado o **areal de Atães** (também conhecido como praia de Marecos) é bastante diminuto, mas o local é bastante usado para descanso, lazer, pesca (barcos valboeiros amarrados na margem e pescadores à linha). A cerca de 70 metros do areal fica a **rua dos Pescadores**, uma rua bastante estreita com dois arcos a atravessá-la, ladeada por muros altos de granito e casas, algumas bastante antigas, uma das quais é o solar da **Quinta da Palmeira**, brasonado e com uma capela privada e outra tem a data de 1793 inscrita na fachada, e que possui belos portamentos das cantarias (granito) no nicho e nas ombreiras das janelas. Nos campos agrícolas junto do areal foram avistados **ovinos** a pastar. Do lado de cima da EN 108, na rua com o mesmo nome, esta a cerca de 100 metros de altitude, sobranceira ao rio Douro, a **capela de Nossa Senhora das Neves**.

Valbom (Gondomar), já existe referências às ‘villas’ de Valbom nas inquirições afonsinas de 1258. Mas Valbom está ligada a um marco importante do século XIX, a Convenção de Gramido, que pôs fim a uma guerra civil instigada pela rebelião contra o governo Costa Cabral, no reinado de D. Maria II. Em 1847 foi assinado na Casa Branca de Gramido o acordo que pacificou as partes desavindas (www.gondomar.pt). No património destaca-se a **Casa de Gramido**, a **igreja matriz** dedicada a S. Veríssimo (setecentista), a **Quinta das Sete Capelas**, as **capelas de São Roque** e a **capela de São Pedro** perto do rio Douro (www.gondomar.pt). A Quinta das Sete Capelas foi a tradicional moradia dos Montenegros, família que já no século XVI possuía o direito da pesca exclusiva na metade do rio Douro em frente da propriedade (FCG, 1985). O topónimo Valbom vem de *vallis + bonus* (Figueiras, 1998). O nome deriva de *vale bom*, e na marginal do rio Douro vai do esteiro de Campanha até Gramido (Pacheco, 1986).

A **festa de São Pedro** realiza-se a 29 de Junho na **Ribeira do Abade** na capela junto ao rio Douro (CMGb, -), onde é apreciado o sável frito, é muito importante para uma comunidade onde o rio e os pescadores ainda mantêm uma grande importância na cultura e tradição local (www.gondomar.pt).

A **festa da senhora das Neves** celebra-se em Agosto, e segundo a tradição oral, o culto deriva do aparecimento no local em tempos remotos de um lençol de neve em pleno estio, nesta festa há a tradição gastronómica do consumo de melões e melancias (www.gondomar.pt).

À **Ribeira do Abade** antigamente acorriam muitas pessoas para comprar o sável e a lampreia (www.gondomar.com.pt). O **Clube Naval Infante D. Henrique**, foi fundado em 1925 e permite a prática de actividades ligadas ao rio Douro, tais como o remo, a canoagem, a pesca e outras e é uma referência nacional nos desportos aquáticos (Pacheco, 1986). Há cerca de meio século a travessia do rio Douro por barcas era feita entre: Quinta da Pedra Salgada e Ribeira de Abade (base), Oliveira do Douro e Gramido (base), Areinho de Avintes e Gramido (bases de ambos os lados). Quanto a **pesqueiras do rio Douro**, existiam armações de pesca na Lavandeira, Perlonga e na Quinta do Casal da Vinha, e os **pescadores de Valbom** pagavam como dízimo, 1 peixe em cada 10 pescados (Figueiras, 1998).

Nas memórias paroquiais de 1758 são referidas a **Capela de São Roque**, a **Capela de São Paulo** (em Valbom de Baixo), a **Capela de N.ª Sr.ª da Apresentação** (em Vinha), e a **capela de N.ª S.ª da Conceição** (na Ribeira do Abade). A **Capela de São Pedro** é posterior (Figueiras, 1998).

Quanto a **Quintas**, em Valbom destaca-se; a **Quinta do Desembargador**, também designada dos Allen (cujo solar é anterior a 1776, tendo habitado na casa a filha de Camilo Castelo Branco, Bernardina Amélia, no século XIX); a **Quinta das Sete Capelas**, o nome mais antigo é Quebrada de Valbom, que constituiu um vínculo de morgadio em 1554 e inclui a capela de São Paulo); a **Quinta da Vinha** no lugar de Além, que já existia no século XV sendo designada então por Casal da Vinha, a **Quinta da Junqueira** (de 1626), a **Quinta da Fonte Pedrinha** (com a data de 1706 inscrita no portal) e a **Quinta do Sol** (Figueiras, 1998). A **igreja matriz** dedicada a São Veríssimo é setecentista, e na Ribeira do Abade subindo até ao Monte de São Pedro, fica a **capela de São Pedro** erguida pelos pescadores que a edificaram em honra do seu padroeiro. Em 1888 existiam em Valbom 150 barcos de pesca costeira e fluvial e oito lanchas de pesca no mar alto. A **Quinta das Sete Capelas**, cujo morgado foi instituído em 1554, e a **Casa Branca de Gramido** são as principais referências do património civil construído (Pacheco, 1986).

Em **Valbom**, no lugar de **Gramido**, junto do novo **Centro de Desportos Náuticos de Gramido**, onde está fundeado o Clube Naval Infante D. Henrique, fica a recentemente recuperada **Casa Branca de Gramido**. No local ainda estão a decorrer obras da empreitada Requalificação Urbana e Ambiental da Zona Ribeirinha de Gondomar entre a Ribeira de Abade e o Areio de Atães, do Programa Polis, e referentes ao Troço C- Núcleo Histórico de Gramido.

Olival (Vila Nova de Gaia), em Seixo Alvo (Olival) fica a **capela de Nossa Senhora dos Remédios** e em São Martinho de Arnelas a **capela de São Martinho**. A **Quinta da Velha** no Olival, perto do Centro de Estágios do Futebol Clube do Porto, localiza-se nos socalcos que descem na encosta do rio Douro, onde desaguam duas pequenas linhas de água, apresentando esta zona uma ocupação por folhosas que contrasta com o eucaliptal que a envolve parcialmente.

O território já pertenceu a quatro jurisdições administrativas distintas: os coutos de Pedroso, Crestuma e Sandim e o Infantado da Feira e que possui o lugar de Arnelas na margem esquerda do rio Douro. O lugar de Arnelas, pela sua posição cénica junto ao rio, é a única povoação na faixa ribeirinha da freguesia, a qual apresenta declives muito acentuados, segundo a tradição a localidade foi fundada em 1540 sobre as ruínas de um anterior povoamento, tendo pertencido até ao ano de 1834 a ao Couto de Crestuma. Arnelas foi edificada em socalcos sobranceiros ao rio Douro, possuindo ruas típicas com calçadas de pedra e bastantes moradias oitocentistas, num conjunto harmonioso de belo enquadramento paisagístico. Arnelas foi um importante porto fluvial, que recebia por terra o sal proveniente das salinas de Aveiro, e também funcionou aqui um entreposto dos vinhos do Douro, tendo sido mesmo criadas umas caves do vinho do Porto, da Companhia Real Vinícola, no tempo do marquês de Pombal (www.cm-gaia.pt).

No património de Arnelas destaca-se a **capela de S. Mateus**, as **calçadas de pedra**, as **antigas caves do vinho do Porto** e a **Quinta do Cadeado** com a sua **capela**.

Arnelas, povoação ribeirinha encastelada que está rodeada de quintas, como a Quinta do Ferraz, a Quinta do Casalinho, a Quinta do Paço, a Quinta de Poiares, a Quinta da Ameixoeira e a Quinta do Cadeado. Nos quintais se sobem a encosta acompanhando o casario, onde a capela de São Mateus remata o conjunto, surgem limoeiros, nogueiras, castanheiros, tílias, tangerineiras entre outras árvores. Junto ao rio ficam os antigos armazéns de vinhos da Real Companhia e de outras firmas, tendo sido durante dois séculos um importante entreposto comercial, quer recebendo por via fluvial o vinho do Alto Douro, quer por via terrestre o sal proveniente das salinas de Aveiro e Ovar. Mas, **Arnelas** também já foi um importante **porto de pesca fluvial**, antes da construção das barragens de Carrapatelo e de Crestuma, quando chegavam a ser pescados 2000 sáveis por dia, com lanços de 300, 400 e mesmo 500 peixes, alguns atingindo cerca de quatro quilos. Actualmente o sável praticamente desapareceu, bem como a lampreia que também regrediu (Pignatelli, 2003).

A **capela de Arnelas** erigida a **São Mateus**, cuja construção foi iniciada em 1726, com a ordem régia de aqui ser aplicado na construção da obra o imposto sobre o vinho do Douro que aí desembarcasse, e sobre o sal vendido na envolvente de Arnelas. Os altares da capela de talha dourada são de puro estilo D. João V, sendo considerados uma referência da arte da talha em Portugal. Aqui se realiza a festa do Senhor do Triunfo no domingo seguinte a 21 de Agosto e a 21 de Setembro celebra-se o São Mateus ou Feira das Nozes (feira anual instituída no século XVIII) (www.cm-gaia.pt). A **capela de São Mateus** (que

por curiosidade era cobrador de impostos), foi reedificada e ampliada graças aos rendimentos cobrados pelos tributos reais lançados sobre as rasas de sal e quartilhos de vinho desde a época do rei D. João V, destacando-se no seu interior a obra de talha ao estilo joanino (Pignatelli, 2003). A **feira de São Mateus**, no dia 21 de Setembro é mais conhecida como **Feira das Nozes**, e no largo junto ao cais de Arnelas, vendem-se nozes, figos, melões, doces e pão, bem como alfaias agrícolas, ferragens e outros produtos (Pignatelli, 2003).

Arnelas é um porto fluvial anterior à nacionalidade, tendo pertencido ao couto de Crestuma até 1834. A povoação actual foi reconstruída a partir de 1540 sobre as ruínas de um antigo povoado. Além da **capela de São Mateus** há as **calçadas de Arnelas**, construídas em pedra e em patamares à romana que são outra das preciosidades do lugar (Pacheco, 1986). No século XVI o porto fluvial de **Arnelas** foi alvo de disputa acesa entre o conde da Feira e o Burgo portuense, havendo mesmo violência e recurso a tribunais régios. Arnelas (entre Gramido e Carvoeiro) foi sempre ponto de barcas de passagem, e segundo a tradição daqui partiu parte da pedra com que no século XIV se edificou as muralhas góticas do Porto (Pereira, 2001).

Arnelas é o lugar ribeirinho da freguesia do Olival (Vila Nova de Gaia), com a **capela de São Mateus** no alto do morro por onde o casario se estende, servido pelas calçadas e escadas típicas, com os edifícios onde funcionaram as antigas caves de vinho do Douro junto ao cais de acostagem. Na frente do Rio há um espaço, com piso e amurada em granito e bancos de granito com assento de madeira, onde pontuam grandes choupos que dão sombra no Verão. **Arnelas** está rodeada de **Quintas** em socalcos, como a do **Cadeado** (cuja casa possui uma capela), a de **Poiães** a montante e a **de São Sebastião** a jusante. Na descida para a beira-rio, há um portal brasonado, com um portão em ferro com a data de 1898 e as siglas E & F, aparentando a propriedade (identificada na carta militar como **Quinta do Casalinho**) estar votada ao abandono e com os edifícios em ruína, a maior parte sem telhado.

Possui uma pequena praia fluvial com uma extensão de cerca de 200 metros, onde também estão alguns **valboeiros** atracados. Um dos edifícios onde funcionaram as antigas caves do vinho, o de arquitectura mais notável e localizado mesmo em frente ao cais de acostagem e tem a particularidade de no seu topo existir uma ramada de vinha. Existe um conjunto de casas de bela arquitectura, algumas de estilo pombalino, com varandas em ferro forjado, e muitas com boa e sólida construção em granito.

A **capela de São Mateus** fica no Recinto de São Mateus, de onde parte para a esquerda as Escada de São Mateus e para a direita a estreita rua de São Mateus, perto os castanheiros e outras folhosas descem a encosta até ao rio Douro. É evidente a regeneração natural das folhosas autóctones, que devido ao abandono das pequenas leiras e socalcos que envolvem Arnelas, vão recolonizando a encosta, avançando mesmo para zonas ocupadas com eucalipto.

*“Nada mais risonho e aprazível do que a paisagem que na margem esquerda do rio apresenta à nossa vista a freguesia de Avintes com os seus numerosos lugares e aldeias, entre as quaes **Arnellas** é talvez a mais formosa...”* Visconde de Villa Maior (1876) in O Douro Ilustrado (1990)

Avintes (Vila Nova de Gaia), cuja primeira referência escrita surge no século X, a *Villa Abientes*, na escritura da doação que D. Gumesindo fez ao mosteiro de Santa Marinha de Avintes, que localizar-se-ia na Quinta do Paço, segundo Pinho Leal. O mesmo mosteiro terá conhecido o fim com a invasão muçulmana de Almansor no final do século X e a destruição que foi alvo, passando na altura as terras para a posse do mosteiro de Pedroso (www.avintes.net; Amaral (1993)). Já nas inquirições de 1258 no reinado de D. Afonso III, Avintes pertencia ao juizado e julgado de Gondomar, nas inquirições do reinado de D. Dinis em 1284 ou 1288 também é referida a freguesia de São Pedro de Avintes. Já por volta do ano 1300 Avintes foi doada ao mosteiro de Santo Tirso e posteriormente em 1487 o couto foi doado à família Brandão, e em 1664 D. Luís de Almeida foi agraciado com o título de Conde de Avintes, família a que pertenceu o couto até ao ano de 1834 quando se extinguiu. Durante as guerras liberais existia uma ponte de barcos no areinho, a ligar as duas margens do rio Douro. Entre 1832 e 1836 Avintes foi concelho, com a sua extinção foi incorporado no concelho de Vila Nova de Gaia (www.avintes.net). **Avintes** foi um couto independente que ia do rio Febros até ao rio Douro, e mais tarde em 1664 foi instituído o condado de Avintes. De 1834 a 1836 foi um concelho independente, até que foi incorporado no concelho de Gaia (Pacheco, 1986).

Junto ao rio Douro fica o pequeno areal de **Azenha de Campos** (Avintes) com o seu pequeno cais de acostagem e mais acima a **capela de Nossa Senhora dos Prazeres**, sendo que a jusante, no vale de uma pequena linha de água está uma **casa solarenga com capela privativa** (lugar de Pousada em Avintes) envolta numa vegetação frondosa de castanheiros, carvalhos, sobreiros etc. A festa de **Nossa Senhora dos Prazeres**, festeja-se a 2ª semana de Junho (www.gaiaglobal.pt). A capela de Nossa Senhora do Palheirinho fica num largo com tílias, entre a Rua 5 de Outubro e a Rua Almeida de Sousa, e possui a data de 1790 inscrita na fachada. As festas de Nossa Senhora do Palheirinho realizam-se durante a 1ª semana de Agosto (www.gaiaglobal.pt).

Junto da **igreja de Avintes**, está a pequena **capela do Senhor dos Aflitos**, sendo que ambas ficam junto de um cruzamento (rua da Escola Central com a rua Miguel Bombarda que leva ao **areinho de Avintes**). Na parte oriental do areinho de Avintes fica o **cais de acostagem** (com aspecto de ser bastante recente) e do outro lado do rio Douro avista-se a **Casa Branca de Gramido** (Valbom). O **areinho** tem um comprimento total de aproximadamente um km, perfilando-se ao longo da Rua do Areinho uma ala de choupos de grande porte, existindo um grande número de mesas e bancos de granito instalados entre as árvores. Também existem churrasqueiras de tijolo e a jusante mesas e bancos de madeira. A sombra proporcionada pelos choupos e a extensão do areio faz com que este local seja bastante frequentado

(mesmo em dias de semana, como no caso do dia em que o local foi visitado). Para jusante fica o **cais do Esteiro**, onde desagua o **rio Febros**, que no troço derradeiro corre entre margens muradas. Mais acima na Rua Dr. João Alves Pereira, fica, a **Pedra da Audiência** (1742) com o **sobreiro**, estando mesmo em frente a **capela do Senhor dos Aflitos**, com algumas casas antigas na envolvente e perto da encosta agrícola sobranceira ao rio Febros.

No património da freguesia destaca-se a **igreja matriz**, a capela **da Nossa Senhora dos Prazeres**, a **capela da Quinta de Fiães**, a **capela da Quinta de Gandra**, a **capela do Senhor dos Aflitos** (no adro da igreja), a **capela do Senhor do Palheirinho** e as alminhas, no lugar de Campos existe um exemplar mandado edificar em 1851 e que possui no interior um Cristo pintado na cruz de granito. Os **cruzeiros**: do lugar de Avintes, do Senhor dos Aflitos, e do Alferes (no cruzamento da rua 5 de Outubro com a rua da Escola Central) mandado edificar por um alferes em 1737 e que possui no alto do pedestal a imagem da Senhora do Bom Sucesso (Amaral, 1993). No lugar do Padrão existe um cruzeiro com a data de 1709, conhecido como Padrão Vermelho (www.avintes.net).

O monumento à padeira, a ponte de pedra no rio Febros e a Pedra da Audiência são outros dos monumentos notáveis de Avintes. A **Pedra da Audiência** é uma mesa em granito (com a data de 1742 inscrita) ladeada por dois bancos e encabeçada por outro banco mais alto, junto da qual se ergue um sobreiro de grande porte. Este conjunto (monumento e árvore), único no país, está classificado desde 1946 como Imóvel de Interesse Público. Aqui eram realizados os julgamentos, sendo o julgado de Avintes extinto por decreto em 1886, e a substituição do juiz ordinário pelo juiz de paz instituída em 1889. Em 1936 foram feitas obras de restauro do monumento e em 1961 o sobreiro majestoso foi derrubado por uma rajada de vento, tendo sido substituído por outra árvore da mesma espécie (www.avintes.net). A **Pedra da Audiência**, cujas sentenças aí proferidas só podiam ser alvo de recurso na Relação do Porto e o sobreiro que fornecia sombra e abrigo, são o elemento patrimonial mais importante da freguesia (Pacheco, 1986).

De **Avintes** até ao Porto, as **padeiras-barqueiras** transportavam em **valboeiros** a famosa **broa** local. Também havia transporte de passageiros entre Avintes e as Escadas da Rainha (Ribeira, Porto) em lanchas que possuíam toldos e bancos, podendo transportar 200 pessoas (Figueiras, 1998).

O **rio Febros**, que desagua junto ao esteiro de Avintes, era um **rio truteiro**. E em 1890 existiam 164 moinhos **de rodízio** no rio, que moíam o cereal que abastecia os **fornos** de Avintes, em 1747 eram cozidos 96 carros de pão por semana, e em 1854 já atingia a cifra dos 300 carros de **pão** por semana (Pacheco, 1986).

Em **Avintes** realizam-se as seguintes **festas**, o Nosso Senhor do Palheirinho no primeiro domingo de Agosto, a festa do senhor dos Passos no quinto domingo da quaresma, a Nossa Senhora dos Prazeres no domingo a seguir ao Santo António (Junho), o concurso de cascatas de S. João (Junho), e a **Festa da**

Broa que se realiza desde 1988 na última semana de Agosto (www.avintes.net). **Avintes** é tradicionalmente conhecida pelo seu pão típico – a broa de milho.

O **Parque Biológico** e o Horto Municipal que foi instalado na Quinta da Cunha de Baixo, o local seleccionado pela sua posição geográfica e características ambientais, foi inaugurado em 1985. O parque é atravessado pelo rio Febros, o qual foi alvo de uma acção de limpeza, e houve acções de protecção e fomento da flora espontânea e autóctone tais como carvalhos, sobreiros, castanheiros, e da flora ribeirinha como os amieiros, choupos e salgueiros. Em 1983 foram inventariadas cerca de 255 espécies de flora e fauna, neste parque que possui ao mesmo tempo uma função lúdica e educativa, cuja superfície foi aumentada para 35 hectares, e possui actualmente um centro de acolhimento, com auditório, camaratas e refeitório (www.parquebiologico.pt). A casa e o moinho foram restaurados em 1989, onde se instalou o ecomuseu rural.

Em **Avintes**, no lugar de Além do Ribeiro surgem as **capelas de Santa Isabel**, a mais pequena e antiga (1868) e a maior e mais recente (1931), uma de cada lado da Rua de Santa Isabel. Descendo a mesma rua, tem-se acesso à **Quinta de Santo Inácio**, com uma área de 10 ha, onde funciona a Casa-Museu Van-Zeller, num solar do Sec. XVIII (1702). Também possui um jardim romântico, bem como um bosque com pinheiros mansos (*Pinus pinea*), *Cedrus*, *Quercus robur*, *Castanea sativa* (ambos classificados de Interesse Público) e também há um zoo e áreas de estadia entre as quais um parque de merendas, um parque de jogos e um parque infantil. A entrada é paga. O arvoredo que está Classificado de Interesse Público, uma distinção atribuída ao jardim romântico e à mata da Quinta pela Direcção-Geral de Recursos Florestais inclui colecção de camélias oitocentistas, colecção notável de *Rhododendron sp* (rododendros) e *Kalmia* (*Kalmias*), *Quercus robur* (carvalhos), *Pinus pinea* (pinheiros mansos) de grande porte - cujo registo de plantio data de 1800, *Eugenia sp.* (eugénias), *Corylus avellana* (aveleiras), *Ilex aquifolium* (azevinhos), *Prunus lusitanica* (azereiros) e *Cuningamia sp* (cuningamias), uma *Araucaria angustifolia*, *Liriodendron tulipifera* (tulipeiro) e outras árvores notáveis (www.quintasi.pt).

Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), em 1044 já é referida como *villa de sancta eolalia*, no foral de 1518 era designada por Ulveira, depois foi Oliveira de Avintes, Oliveira de Santa Eulália, Oliveira dos Cónegos e actualmente é Oliveira do Douro (Pacheco, 1986). Junto ao rio Douro em Oliveira do Douro, existem os seguintes lugares de montante para jusante: Cais do Esteiro (rio Febros), Formigosa, Corredoura, Areinho e Quebrantões, onde fica o **cais de acostagem de Quebrantões**. No património destaca-se o **Arco da Bruxa**, **Arcos do Sardão** (aqueduto), **Capela da Quinta dos Frades**, **Capela Românica de Quebrantões**, Igreja Matriz, Colégio do Sardão, Solar e Capela da Quinta de S. Salvador, Estufa monumental (Quinta da Condessa), o Santuário e o posto astronómico do Monte da Virgem e as pontes que atravessam o Douro (www.geocities.com/oliveiradouro/htm/oliveira.htm).

A **Quinta de Quebrantões**, Quinta de Campo Belo, que possui uma **capela românica** do século XIV ou XV, em 1483 estava na posse da família dos “leites”. A **capela de Santiago** (a ermida original remonta à pré-nacionalidade), as capelas das quintas como a **capela de São Salvador**, o **Convento dos Frades**, os **Arcos da Quinta do Sardão** e a **Casa do Registo de Quebrantões** que serviu de entreposto de mercadorias (Almeida, 1985). O **aqueduto do Sardão** edificado a partir de 1720 e as quintas ao longo do rio Douro, bem como o **Areinho** (que já é referido no foral de Afonso III em 1293) são alguns dos principais pontos de interesse (Pacheco, 1986).

A **Igreja de Santa Eulália**, igreja matriz de Oliveira do Douro, cuja construção ou reconstrução data de 1704, está implantada isolada a cerca de 80 metros de altitude, junto da encosta que desce em direcção ao rio Douro. Do seu adro e espaço envolvente (principalmente junto ao Centro Paroquial de Oliveira do Douro) tem-se uma visão privilegiada para o rio. A **feira de Santa Eulália**, padroeira de Oliveira do Douro, é no terceiro domingo de Agosto (www.gaiaglobal.com) e a festa de São Tiago decorre no domingo anterior a 25 de Julho. Também em Oliveira do Douro, estão as **Caves da Real Companhia Velha** (entidade instituída por alvará régio em 1756). O **Parque Urbano da Lavandeira** também se localiza na freguesia

O **Areinho de Oliveira do Douro** (também conhecido como areinho do Freixo) localiza-se junto à ponte rodoviária do Freixo, na margem esquerda do rio Douro. O areal tem uma extensão de cerca de 400 metros e no Largo e Alameda do Areinho os **plátanos** e os **choupos** de grande porte arbóreo marcam presença bem como algumas mesas e bancos de betão. A manutenção de todo o espaço envolvente está a cargo da junta de freguesia de Oliveira do Douro. Foi verificado a existência de tendas e campismo ilegal. Também existe chuveiro, sanitário, recipientes de recolha de lixo, um espaço desportivo, e um restaurante. Junto do **cais de acostagem** que fica a jusante do areal, debaixo de um conjunto de plátanos de grande porte estão várias mesas e bancos de betão e o **Arco da Bruxa** (um arco em granito). No extremo a montante do areal, junto da ponte do Freixo, perto de uma pequena zona de sapal, tem-se uma óptima visão frontal do Palácio do Freixo, do edifício da Companhia de Moagem Harmonia e da Marina do Freixo (Campanha). O **cais de Quebrantões** localiza-se junto à ponte ferroviária de S. João, perto da Quinta de São Salvador.

Santa Marinha (Gaia), aqui localiza-se o **Mosteiro da Serra do Pilar**, a **Igreja de Santa Marinha** (quinhentista mas remodelada nos séculos XVII e XVIII), o **Convento Corpus Christi**, a **Casa e Quinta de Campo Belo** (localizadas na rua Rei Ramiro, que datam do século XV), o **Lugar do Castelo de Gaia** e a **Capela do Bom Jesus de Gaia** (localizada no lugar de Gaia, sendo considerada a mais antiga de Gaia e Porto e mesmo a primeira Sé) (Pereira, 2003). Junção de **Vila Nova do Porto**, a quem D. Afonso III deu foral, e do **Burgo Real de Gaya**. Em frente aos Guindais, nas escarpas junto ao rio Douro, está a

capela e a fonte do Senhor de Além (Pacheco, 1986). O Senhor de Além (Quebrantões) é do século XII (Pereira, 2001).

Nas escarpas entre a Ponte do Infante e a Ponte D.Luis está a capela do Senhor de Além, as festas do Senhor do Além celebram-se no 1º domingo de Setembro (www.gaiglobal.com). O topo da escarpa está dominado pela Igreja e mosteiro da Serra do Pilar, cujo adro é um dos melhores miradouros sobre rio Douro, a baixa portuense e o cais de Gaia. Perto fica o Jardim do Morro. As festas de Nossa Senhora do Pilar realizam-se a 15 de Agosto (www.gaiglobal.com).

Junto do Cais de Gaia, onde os rabelos e outras embarcações turísticas estão atracados, domina o casario das Caves de Vinho do Porto, e aí estão a capela de Nossa Senhora da Piedade, a Igreja de Santa Marinha (as festas de Santa Marinha são a 18 de Julho (www.gaiglobal.com), e o Convento de Corpus Christi. A jusante, fica o morro do Castelo de Gaia, ladeado pela Quinta de Campo Belo (com a sua capela anexa) e perto fica a capela do Bom Jesus de Gaia.

Afurada (Gaia), já vem referida no foral de D. Afonso III: *“Item mando que mordomo tenha metade do gordo da toninha e do golfinho e a quarta parte do evo, do eirós e do solho. Item mando que os pescadores da minha villa de Gaya pesquem nas minhas abargas da Afurada e do Areinho e de quantos pescarem na minha abarga da Afurada dêem ao mordomo a quinta parte.”* Começou por ser um areinho, onde se instalaram pescadores vindos de Espinho, Ovar e Murtosa, depois os mesmos empedraram e foram conquistando espaço na margem para acostarem os seus barcos e edificarem as suas casas (Pignatelli, 2003). **São Pedro da Afurada**, cujo nome *Afurada*, terá surgido devido ao *foro* que as casas pagavam, ficando *aforadas*. Já no foral de 1255, de D. Afonso III, os pescadores da Afurada pagavam um peixe em cada cinco como taxa de pesca, existindo referências à pesca de golfinhos e toninhas, que eram capturados quando entravam na barra do rio Douro (Pacheco, 1986). Ainda hoje na **Afurada**, a «Flor do Gaz» e a «Flor do Douro» fazem a **travessia** até ao Porto (Pereira, 2001). A **feira de São Pedro**, padroeiro dos pescadores é de 23 a 29 de Junho (www.gaiaglobal.com).

Canidelo (Vila Nova de Gaia), localizada na margem esquerda do rio Douro, junto à foz, antigamente já foi conhecida como Santo André da Barra. Nas inquirições do tempo de D. Dinis era designada por Santandré de Cany-dello e por Sanchi andree de Canidello, o nome derivará do diminutivo de cana (cannitu) cannitellu, um arbusto muito frequente junto aos ribeiros. Os lugares de São Paio Alumiará e Lavadores são os mais próximos do rio Douro, que com a urbanização intensa das últimas décadas perderam a sua identidade própria. Segundo a lenda, Lavadores deve o seu nome a um naufrágio na costa, em que o comandante se chamava Dores, e que depois de recuperado pediu: “Leva Dores para o barco” (www.canidelo.net). Existem as seguintes **capelas**: a de **S. Paio**, pertença da Irmãs Oblatas do

Coração de Jesus e a de **Nossa Senhora do Amparo**, conhecida como capela do Brandão (pertence à família) ou de Lavadores e que possui a data de 1883 na frontaria (mas deve ser mais antiga), a imagem da Senhora será setecentista (www.canidelo.net). A **capela de São Paio** foi construída por Gaspar Braga em 1568, no século XVIII sofreu alterações e na década de 80 do século XX foi alvo de restauração, fica ao lado da Quinta do Canidelo, também conhecida por **Quinta do Paço** (www.canidelo.net). Já a **feira de Santo André**, padroeiro da freguesia, realiza-se no mês de Julho (Pacheco, 1986). As festas de S. Paio em Canidelo decorrem em Setembro (www.gaiaglobal.com).

Campanhã (Porto), já na carta de couto (em 1120) que a condessa D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, deu ao Bispo do Porto (D. Hugo), era referido os outeiros de Campanhã, sendo que a igreja de Sancta Maria de Campanham já é referida em documentos do século XI. Era um local pedregoso e pobre onde corria uma linha de água (que vinha do alto do Monte Aventino) conhecida como o regato de Mijavelhas (rio Tinto), onde durante o Inverno funcionavam algumas azenhas como a de Tiraz a de Tavihe, etc. (FCG, 1985). Na Idade de Ferro, junto da confluência dos rios Tinto e Torto, terá existido um castro, da Noeda, mas foi durante a ocupação romana, de onde vem o topónimo "Campanhã" de origem latina, que a ocupação da área foi mais intensa. A referência mais antiga é de um documento do ano de 994, que refere o "ribulum campaniana" ou rio de Campanhã (actual rio Torto), mas com a doação de parte de freguesia (a mais ocidental, incluída no couto) ao bispo do Porto em 1120, a parte oriental fica pertença do rei (reguengo). Além do carácter agrícola que caracterizou esta freguesia durante séculos, que fornecia as zonas mais urbanas da cidade do Porto de produtos agrícolas, existiam outras actividades económicas importantes na freguesia, tais como os pescadores que se concentravam junto do rio Douro e que gozavam de isenções fiscais desde 1593, e os moleiros que possuíam ao todo 76 rodas de moinhos ao longo dos cursos de água que atravessavam o território de Campanhã (memórias paroquiais de 1758). Com o século XIX dá-se uma rápida alteração sócio-económica, em que a rápida instalação de indústrias atrai mais pessoas para a freguesia, e com os novos meios de transporte, principalmente com a abertura da estação de caminhos-de-ferro de Campanhã e inauguração da Ponte ferroviária de D. Maria Pia em 1877, a paisagem da freguesia muda drasticamente (www.campanha.net).

A freguesia de Campanhã era o termo da antiga cidade do Porto, constituindo assim um espaço onde dominavam as propriedades agrícolas, sendo que no século XVIII, XIX e XX, algumas das propriedades foram transformadas em quintas de recreio. Algumas das quintas mais emblemáticas de Campanhã foram (www.j-f.org/monografia):

- A **Quinta do Freixo**, que inicialmente possuía uma área considerável em redor, envolvendo mesmo a actual quinta de Vilar d'Allen. No século XVII a propriedade pertencia ao capitão António Pires Picão e é um descendente desta família, D. Jerónimo de Távora, deão da Sé do Porto, que incube o arquitecto italiano Nicolau Nasoni de projectar um palácio de veraneio na margem do Douro, cuja construção terá

sido iniciada por volta de 1742 e, cujos jardins à moda italiana foram alvo de particular atenção, com esculturas alegóricas e compartimentados por alamedas de balustres que iam até ao rio.

- A **Quinta da Revolta**, existindo referências à propriedade já em 1690, e cuja designação se deverá à disposição da própria quinta, instalada numa zona de relevo em que há uma curva pronunciada (volta) e uma contra volta (re-volta). A propriedade também conhecida como Horto do Freixo é murada, existindo três entradas, uma das quais com um belo portal armorizado. O edifício em L remontará aos séculos XIV, XV ou mesmo anteriormente, e possui uma capela dedicada a N.ª Sr.ª da Conceição (já existia em 1758).

A quinta que se mantém na mesma família (Alfredo Moreira da Silva) que a adquiriu em 1924, possui uma área de cerca de 3 há, onde estão instalados um horto, centro de jardinagem e viveiros, estando os serviços administrativos da empresa de hortofloricultura instalados numa parte da casa da quinta.

- A **Quinta de Vilar d'Allen**, constituída pela antiga quinta da Arcaria e por terrenos contíguos, entrou para a posse da família Allen em 1839, iniciando-se logo a construção do palacete para servir como residência de Verão, mas são os jardins e a mata da quinta (planeados por João Allen e pelo filho Alfredo, este um notável paisagista e botânico que foi responsável pelos jardins da Cordoaria e do Palácio de Cristal) que mereceram destaque. Foram introduzidas espécies exóticas, árvores e arbustos, e desenvolvidas algumas variedades de plantas de que destacam as famosas camélias (premiadas em várias exposições). No jardim e mata destacam-se também a balaustrada, os fontenários, as arcadas, os repuxos, lagos e pontes bem como a estatuária presente. A quinta ainda se mantém na posse da família Allen, funcionando aí um horto particular, o Horto de Villar d'Allen.

- A **Quinta de Bonjóiá**, pertencia no século XIV ao Chantre Martins Viegas, tendo sido doada em 1402 ao Cabido da Sé do Porto. Em 1759 foi lavrada a escritura para a construção de um novo palácio, a mando do proprietário, fidalgo e prior da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, D. Lourenço de Amorim da Gama Lobo. Não existem certezas da projectista do palácio, embora haja a hipótese de ser de Nicolau Nasoni. Possui um portal com pedra-de-armas da família Gama Lobo, a particularidade do edifício principal (que consta praticamente do corpo principal com cerca de 22 metros de extensão, com de um torreão adjacente a sudoeste) não ter sido terminado, e um paredão do terraço com seis metros de altura e mais de 98 metros de comprimento, ao meio do qual existe uma dupla escadaria com um patamar, que é o pormenor mais notável da quinta. Actualmente é uma propriedade camarária.

No património da freguesia de Campanhã, perto do rio Douro, destaca-se as quintas já acima referidas, a capela de São Pedro, cujas origens remontarão ao século XII e o actual edifício do século XIX é o templo mais procurado da área de Azevedo, onde se realizam as festas de São Pedro a 29 de Junho e a da Senhora da Hora no mês de Maio (www.campanha.net).

Bonfim (Porto), freguesia que surgiu do desmembramento das freguesias de Campanhã, Santo Ildefonso e Sé, faz limite a Sul com o rio Douro. O **Parque de Nova Sintra** (propriedade dos SMAS do Porto) localiza-se nesta freguesia. (www.ciberjunta.com/bonfim.html). Em 1790 o corregedor Francisco Almada mandou murar e arborizar a **Alameda das Fontainhas** (FCG, 1985), local que se converteu num dos espaços emblemáticos dos festejos de São João da noite de 24 para 25 de Junho.

Miragaia (Porto), local ímpar, às portas do Burgo do Porto, em 1258 aquando das Inquirições Afonsinas, Miragaia era referida como um pequeno lugarejo de pescadores, com 75 casas edificadas e algumas em construção desde 1243, o que indiciava a expansão do Burgo para Ocidente. Com a construção da muralha (fernandina) a mando de D. Afonso IV, Miragaia iria adossar-se à mesma. Já no reinado de D. Manuel I foi mandada edificar a Porta Nobre na muralha, que viria a ampliar o antigo Postigo da Praia de Miragaia, um areal que se estendia desde a Porta até Monchique, também conhecida como “Praia do Mosqueiro” ou simplesmente por Praia (www.miragaia.web.pt/).

A **igreja dedicada a São Pedro** presume-se que remonte ao século XIII, na altura de estilo românico, sendo o templo actual praticamente todo do século XVIII, já que em 1740 a igreja românica foi demolida exceptuando a capela-mor e os lados do transepto. No século XV, os arménios refugiados da ameaça dos turcos, trouxeram consigo para o Porto as relíquias de S. Pantaleão, as quais foram inicialmente depositadas dentro de um cofre de prata lavrada na Igreja de Miragaia, já no reinado de D. Manuel I, mas cumprindo as disposições do rei D. João II (www.miragaia.web.pt/). Também houve uma judiaria em Miragaia, cujo bairro situava-se entre a praia, a escarpa da bandeirinha e a zona de Monchique, tendo sido ocupada até à expulsão dos judeus no século XVI no reinado de D. Manuel I.

A **lenda de Miragaia** que Almeida Garrett, natural desta freguesia, recolheu do testemunho oral das gentes de Miragaia, cuja data de publicação foi 1845 reza assim:

“...no ano de 932, o rei Ramiro desceu da Galiza e veio raptar Zahara, a bela irmã do xeque Alboazar, e este, ofendido e por vingança, rapta a não menos bela esposa de Ramiro, a rainha Gaia, vindo a apaixonarem-se perdidamente um pelo outro. Ramiro, ignorando esta situação, vem com o filho e as suas gentes de armas até ao castelo do rei mouro que, na margem esquerda do Douro, se erguia no caminho do rio para a foz. Ramiro esconde as suas gentes na encosta, sob a folhagem, e vestido de romeiro sobe a rampa e fica junto a uma fonte, a espera de novidades. Uma criada vem buscar água fresca à fonte para a sua nova ama – a cristã. E logo Ramiro aproveita para esconder o seu próprio anel na água da bilha e fica a aguardar.

A rainha Gaia, ao encontrar o anel na água, pressente a verdade e manda chamar o romeiro a sua presença. Apaixonada pelo mouro, resolve desfazer-se do marido e, embriagando-o, prende-o num quarto, que se abre quando chega Alboazar. Ramiro tenta reagir mas é logo preso pelas gentes do mouro

que, sorrindo, lhe pergunta o que lhe faria ele, rei cristão, se tivesse as mãos o seu inimigo. Ramiro, lembrando-se do que acordara com os seus homens, responde que lhe faria comer um capão, beber um canjirão de vinho, e depois coloca-lo-ia no alto da torre a tocar trompa até rebentar. Alboazar acha graça e diz-lhe que será então essa a sua morte e, para mais gáudio, manda abrir os portões do castelo a convidar todos os moradores extramuros a virem assistir.

Ramiro come, bebe, toca a trompa e de repente as suas gentes, ouvindo o sinal combinado, irrompem pelos portões abertos do castelo, chacinando as tropas sarracenas desprevenidas. O próprio Ramiro mata Alboazar e, pegando na mulher, ruma para o barco, seguido pelos seus homens. Já a bordo, encara, atónito, o pranto da esposa, que fita desolada as ruínas do castelo, e pergunta-lhe qual a razão:

Perguntas-me o que miro?

Traidor rei, que hei-de eu mirar?

As torres daquele Alcácer

Que ainda estão a fumegar!

Se eu fui ali tão ditosa,

Se ah soube o que era amar,

Se ah me fica a alma e a vida...

Traidor rei, que hei-de eu mirar?

Pois mira, Gaia! E, dizendo,

Da espada foi arrancar:

Mira Gaia, que esses olhos

Não terão mais que mirar!

Ainda hoje está dizendo

Na tradição popular,

Que o nome tem – Miragaia

Daquele fatal mirar.

Poderá ser só lenda, poderá... mas a encosta que o rei subiu chama-se a Rua do Rei Ramiro, a fonte e a Fonte do Rei Ramiro, as armas da cidade de Gaia estão encimadas por um cavaleiro tocando trompa, e a zona do Porto, frente ao local onde a rainha foi degolada, chama-se Miragaia..."

Em 1619 foi mandada construir a **Fonte do Rio Frio**, considerada então a mais importante da cidade, tendo sido mandada construir uma calçada para dar acesso à fonte, as quais ficaram conhecidas por Virtudes devido aos poderes curativos e medicinais que eram atribuídos às águas da fonte. Na encosta foi então instalado o chamado **Passeio das Virtudes** local de lazer predilecto dos portuenses daquela época. Mais tarde o Corregedor Francisco de Almada mandou edificar um paredão de arcos, os quais devido à má frequência do local, vieram a ser tapados até meia altura (www.miragaia.web.pt).

No património edificado além da Igreja de **São Pedro de Miragaia**, destacam-se a **Fonte da Colher**, o **palácio da Bandeirinha** ou **Casa das Sereias** (mandado construir por um fidalgo em 1575), a **Alfândega Nova**, a **Fonte das Virtudes**, a **casa do Clube Britânico** (Ordem de Malta) e especialmente a **baixa de Miragaia** com as suas **arcadas** que antigamente davam para o areal (www.miragaia.web.pt).

Massarelos (Porto), junto das arribas do rio Douro, onde o terreno agrícola era escasso, antigamente ficava fora das muralhas “fora de portas” e era um núcleo populacional que se dedicava essencialmente à pesca e às salinas. Em 1148 o rei D. Afonso Henriques doou “Maçarellos” à Colegiada de Cedofeita, que por o senhorio ficar distante do povoado, as gentes ribeirinhas habituaram-se a valerem-se a si próprias. Mas em 1237 o prelado da Cedofeita, D. Nuno aforou o povoado de Massarelos, reservando para a Colegiada de Cedofeita, entre outras referências, o pagamento pelos pescadores de um soldo anual por cada fogo e um sável de cada barco, quando os pescassem em Abril e também o foro das primeiras lampreias e peixes reais como já era uso pagar igreja. Os não pescadores tinham de pagar por cada fogo um capão e um soldo anualmente no São Miguel (Setembro). O sal das salinas de Massarelos concorria com o proveniente das salinas de Matosinhos e de Leça da Palmeira, mas era da pesca como no reinado de D. Afonso IV (1325), quando numa carta do rei era referida a aldeia de Massarelos como pertencente ao couto de Cedofeita, e na qual os habitantes viviam da pescaria, principalmente dos sáveis e lampreias.

Mas mesmo antes de 1147 (quando Lisboa foi conquistada ao Mouros), já os habitantes do Burgo, os de Massarelos e os de Miragaia iam a feiras na Tessalónica e Macedónia, no mar Mediterrânico oriental, para adquirir mercadorias orientais que aí eram transaccionadas, terá sido desses contactos, que os cristãos arménios fugidos dos turcos em 1453 se lembraram de procurar refúgio junto das águas do rio Douro, trazendo consigo as relíquias de São Pantaleão, um mártir que morreu em 1305 na Nicodémia, o qual viria a transformar-se no padroeiro do Porto. *“Pelos vistos já nessa altura se sabia, e lá nos confins do Mediterrâneo, que amigo do Porto é amigo de porta sempre franca e para sempre...”* in www.jf-massarelos.pt

Primeiro era um pinheiro-manso (que secou em 1534 devido a um acto de vandalismo) depois foi erguida a **“Torre da Marca”** em pedra, que no alto serviam de guia para os que regressavam do mar. A água da

ribeira (junto da Rua de D. Pedro V), alimentava as pás das azenhas de Vilar, bem como abastecia de água para beber, lavar e regar as hortas. Na margem do rio Douro existia um permanente estaleiro e porto (www.jf-massarelos.pt).

Massarelos, foi viveiro de marinheiros e mercadores, que até contrabandeavam sal para os portos do Norte da Europa, e mesmo em 1758 segundo as memórias paroquiais, das 800 pessoas registadas na paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem, 160 estavam ausentes, ou embarcados ou a comercializar no estrangeiro. Massarelos devido à posição privilegiada sobranceira ao rio Douro e com vistas de mar, foi procurada por ingleses e portugueses de posses para instalar as quintas e casas, como é descrito pelo padre Agostinho Rebelo da Costa em 1788 na sua "Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto" - *"Raríssima haverá da qual não goze vista do rio e do mar, raríssima a que não tenha dentro dos seus muros copados bosques de frondosos castanheiros, carvalhos e outras árvores pomposas. As casas de campo são, pela maior parte, rodeadas de espessos arbustos que trepando até ao cume dos telhados, representam aos olhos agradáveis labirintos semeados de jasmims, martírios e de muitas outras flores, cuja variedade e cheiro suavíssimo é o encanto dos sentidos"* in www.jf-massarelos.pt

Os **Jardins do Palácio de Cristal**, de onde se tem uma vista privilegiada para o Douro, foram projectados pelo arquitecto Émile David no século XIX (Saraiva, 2004).

Lordelo do Ouro (Porto), freguesia ribeirinha da cidade do Porto, cuja primeira referência escrita surge em 1144 como pertencendo ao julgado de Bouças (actualmente Matosinhos), mas desde 1836 que está integrada no concelho do Porto. Localizada no estuário do rio Douro muito perto do oceano, a actividade principal das suas gentes era a pesca, a marinhagem e a construção naval, tendo sido dos estaleiros do Ouro que saíram um grande número de naus da frota que partiu à conquista de Ceuta em 1415, como relembra o monumento no Jardim do Calém, perto da foz da ribeira da Granja (www.lordelo.net).

A **Capela de Santa Catarina** e a **Capela de Nossa Senhora da Ajuda** (setecentista) foram erguidas (a mando de marinheiros devotos) em locais elevados, de modo a serem vistas pelos marinheiros desde a entrada da barra do rio Douro (www.lordelo.net). A **capela de Santa Catarina**, remonta ao século XIV (que actualmente corresponde à capela mor do templo actual). Possui uma fachada simples, sobressaindo no interior no interior o retábulo-mor barroco (Saraiva, 2004). A **Capela da Sr.^a da Ajuda**, remonta ao século XVI, destacando-se no interior os tectos em caixotões de madeira (Saraiva, 2004).

Foz do Douro (Porto), existem referências em 1258, nas inquirições de Afonso II, à vila de São João da Foz, mas no reinado de D. Afonso II, a vila pertencia à infanta D. Mafalda, irmã do rei, que a doou ao Mosteiro Beneditino de Santo Tirso em 1211, demarcando o couto na carta de doação. O bispo D. Miguel Silva mandou construir a expensas suas, um farol já no século XVI e no século XVII durante a guerra da

restauração foi construído um forte (Castelo de São João da Foz) junto da embocadura do rio Douro para defender a barra (FCG, 1985). Mas nas crónicas de um monge, Hauberto Hespalense, no ano de 559, há referências à construção de um mosteiro junto do mar na foz do rio Douro, bem como da instalação de um povoado. Segundo o "Anacrisis Historial" do frade beneditino Frei Manuel pereira de Novais, o mosteiro era dedicado ao Glorioso Baptista e devia-se a terem aportado ao rio Douro uns embaixadores do rei suevo Requião, o Ariarico, tendo-se depois desenvolvido a povoação de São João da Foz (www.jf-fozdodouro.pt).

Em 1834 o antigo couto de São João da Foz é abolido, e durante 15 meses São João da Foz é um concelho até que em 1836 é integrado no concelho Porto. No século XIX com o aparecimento dos transportes e a moda dos banhos, a vila sofreu um grande afluxo de pessoas e verificou-se a construção de casas de veraneio, transformando-se numa estância balnear concorrida (www.jf-fozdodouro.pt; Maia, 1988).

No património edificado na Foz do Douro, junto ao rio, destaca-se a **Capela-Farol de São Miguel-o-Anjo**, a **Capela de Santa Anastácia**, a **Capela da Senhora da Luz**, **Capela da Senhora da Lapa** e **Capela Nossa Senhora da Conceição**. A **Igreja Matriz da Foz**, o **Forte de S. João Baptista**, o **Farol de Felgueiras** (Maia, 1988)

Equipamentos

O mapa do rio **Douro** do Instituto Português de Transportes Marítimos (www.douro.ipm.pt), informa sobre todos os equipamentos existentes ao longo do troço navegável do rio Douro no território português (desde a foz até Barca de Alva). No troço do rio Douro inserido na **AMP**, tem-se os seguintes **locais de atracagem**, na margem direita de montante para jusante surge:

- a 34 km da foz, o cais de Melres/Santiago, junto á EN 108, que oferece entre outros os seguintes equipamentos ou serviços: passeio pedonal, circuito urbano, café restaurante, monumentos, cais de acostagem, rampa, clube náutico e parque de merendas;
- a 29,5 km da foz, o cais de acostagem da Campidouro (Medas) (parque de campismo), a que se tem acesso pela EM-615;
- a 23 km da foz, o cais de acostagem de Angra do Douro/Lixa, que também possui rampa e serviços de restauração e combustível;
- a 11,5 km da foz, o cais de acostagem de Gramido (Gondomar), onde funciona um clube náutico, e que também possui uma rampa e uma grua de Alagem, bem como estabelecimentos de restauração;

- a 9 km da foz, o cais de acostagem do Freixo (Porto), onde funciona um clube náutico, possui rampa, grua de Alagem, oficinas, posto de combustível, circuito urbano e serviços de restauração;

- a 5,5 km da foz, está o Cais da Ribeira/Estiva, sob jurisdição da APDL (Administração dos Portos do Douro e Leixões), onde funciona um ponto de informação turística, e onde existe passeio pedonal, hotéis, monumentos, pontos de venda de artesanato, acesso a circuitos urbanos e a serviços de restauração.

Na margem esquerda no troço do Douro na AMP existem os seguintes cais de acostagem de montante para jusante:

- a 33,5 km da foz, em Areja (Lomba), existe um cais de acostagem com rampa a que se tem acesso pela EM-620;

- a 33 km da foz, há o cais de acostagem da Lomba, que dá acesso ao parque de campismo, ao parque de merendas, ao areio tradicional, ao passeio pedonal e a café;

- a 29,5 km da foz, existe o cais de acostagem de Pé de Moura (Lomba), onde também existe rampa e serviços de restauração;

- a 21,5 km da foz, no concelho de Santa Maria da Feira, está o cais de acostagem de Porto Carvoeiro, a que se tem acesso pela EN 223, e que também possui rampa e serviços de restauração;

- a 20,5 km da foz, está o cais de acostagem de Crestuma, que possui rampa, serviços de restauração e dá acesso a passeio pedonal e a areio tradicional;

- a 17 km da foz, está o cais de acostagem de Arnelas, a que se tem acesso pela EM-632 que possui rampa, serviços de restauração, passeio pedonal e areio tradicional;

- a 13,5 km da foz, está o cais de acostagem de Avintes, acesso faz-se pela EM-629, possui rampa, serviços de restauração, passeio pedonal e areio tradicional;

- a 6,6 km da foz, está o cais de acostagem de Oliveira do Douro, que possui rampa, serviços de restauração, passeio pedonal e areio tradicional;

- a 5,8 km da foz, fica o cais de acostagem de Quebrantões;

- e a 5,5 km da foz, está o cais de acostagem de Gaia, onde existe um ponto de informação turística, e dá acesso a hotéis, bares e restaurantes, lojas de artesanato, monumentos, circuitos urbanos e passeio pedonal.

A existência de marinas e portos no rio Douro, aliadas às óptimas condições, permitem a fruição do rio para a prática de desportos e actividades de recreio tais como o remo, a canoagem e a pesca desportiva, sendo mesmo a nível nacional um dos maiores pólos dos desportos náuticos fluviais.

A **Ciclovia** na marginal do Douro em Gondomar com extensão final de cerca de 4,5 km quando estiver concluída (www.gondomar.pt).

Parque de Campismo Campidouro (Medas), onde existe a possibilidade de praticar desportos fluviais, dispondo igualmente de campo de ténis e piscinas (www.gondomar.pt), o **Centro de desportos náuticos de Gramido (Valbom)**, o **Centro de Educação Ambiental da Quinta do Passal (Valbom)**, o **Miradouro de Labercos (Lomba)**, o **Parque Biológico de Gaia e Quinta de Santo Inácio (Zoo)** em Avintes, o **Parque de merendas da Praia da Lomba (não licenciado)** são outros equipamentos existentes ao longo do rio Douro.

O **Miradouro de Labercos**, está implantado no cimo da encosta sobranceira ao Douro, perto da foz do **rio Inha**. É um espaço sobrelevado, murado, com sobreiros e plátanos de grandes dimensões, onde há mesas e bancos de betão, e uma plataforma elevada (onde também se realiza espectáculos) bem como umas alminhas incorporadas no muro.

A **Praia da Lomba** possui um grande parque de estacionamento em paralelos e junto à praia há um pinhal (com escadas em toros de madeira) onde existem mesas e bancos de madeira, bebedouro e churrasqueiras em tijolo (8). O areal de considerável extensão está limpo, em frente nas encostas há bastantes folhosas e no topo da praia, do outro lado do rio está Santiago de Melres com a capela de São Bartolomeu e o casario que sobe a encosta (rua do Crasto). A montante da praia há um pequeno cais de acostagem e na zona mais a jusante há vários edifícios de apoio. Na praia surgem acácias mimosas e chorões, na envolvente além de pinheiros e eucaliptos aparecem bastantes sobreiros e oliveiras. Junto da estrada, que leva da praia ao centro da Lomba, tem-se uma vista magnífica para Melres, nas encostas e taludes da estrada surge a urze-branca (*Erica arborea*) e o medronheiro (*Arbutus unedo*) com grande representatividade, além do sobreiro (*Quercus suber*).

Já a **Praia de Melres**, que se prolonga por cerca de 350 metros ao longo do rio, foi alvo de uma intervenção, com iluminação profusa e recipientes de recolha de resíduos, possuindo um amplo parque de estacionamento, um amplo espaço empedrado em cubinhos de granito ladeado por bancos de descanso estilizados e espaços relvados com árvores dispersas, com floreiras incorporadas, bem como um parque infantil e um equipamento desportivo. Existe também um posto de vigia balnear e junto á rua que acompanha a praia há grandes choupos híbridos.

Parque de Nova Sintra (Bonfim, Porto), de onde se tem uma vista privilegiada para o rio Douro, é propriedade dos SMAS do Porto, foi inaugurado em 2006, possui uma área total de 68500 m², com a área verde dividida por 22 canteiros, cada qual com várias espécies arbóreas de valor. Distribuídas pelo parque encontram-se antigas fontes e chafarizes (19) que abasteciam a cidade do Porto, como é o caso do Chafariz de S. Bento da Avé Maria, de 1528, a Fonte do Ribeirinho, cuja construção foi finalizada em 1790, e a Fonte de Cedofeita, construída em 1826. São cerca de 40 as espécies de flora arbórea

representadas no parque: tais como palmeiras, sobreiros, carvalhos, magnólias, *Cryptomeria japonica*, sabugueiros entre outros (www.ambienteonline.pt; <http://jpn.icicom.up.pt/2006/03/22>). Está encerrado aos Sábados e Domingos e o horário de funcionamento é entre as 9h00 e as 17h30m. O acesso no fim-de-semana apenas é possível com marcação prévia mediante solicitação por escrito ao SMAS e a devida autorização (www.lifecooler.com/Portugal/natureza/ParquedeNovaSintra).

Os **Museus**, como o Museu da Imprensa (Campanhã), o Museu do Carro Eléctrico (Massarelos), que foi inaugurado em 1992, o Museu do Vinho do Porto, e o Museu dos Transportes e Comunicações (Miragaia).

As **Caves de Vinho do Porto (Vila Nova de Gaia)**, local onde se concentram várias empresas que comercializam o Vinho do Porto, que estando abertas ao público oferecem a oportunidade de degustar e conhecer a história, a região onde é produzido e os processos de produção do vinho. São vários os centros de visita, pertencentes a várias companhias que se aglomeram junto ao cais de Gaia (www.cavesvinhodoporto.com).

A **Marginal Fluvial – Cantareira**, onde existe uma ciclovia e percursos pedonais, bem como iluminação, bancos de descanso, e na Cantareira mesas com bancos incorporados bem como apoios para os pescadores, junto da Ribeira da Granja há um espaço desportivo e no jardim há um monumento (da autoria de Lagoa Henriques) dedicado aos burgueses e mesteiros que contribuíram para a frota que seguiu para a conquista de Ceuta em 1415 (FCG, 1985). O projecto do Espaço de Lazer da Nova Marginal de Cantareira/ Sobreiras no Porto, de autoria de Marisa Lavrador recebeu uma menção honrosa na categoria de Espaços Exteriores de Uso Público na primeira edição do Prémio Nacional de Arquitectura Paisagista (www.aecops.pt).

Projectos

No âmbito do **Plano de Intervenção Ambiental do Rio Douro**, existe um plano de recuperação da comunidade de peixes migradores na bacia do rio Douro. Na 1.ª Fase com duração de um ano, realizou-se uma avaliação preliminar, com a monitorização da situação actual das populações de migradores, a identificação das causas de declínio e a elaboração de um plano de recuperação. A 2.ª do Plano com duração prevista de vários anos, consiste na aplicação do plano de recuperação, nomeadamente na eliminação de obstáculos, recuperação de habitats, melhoria da qualidade da água e construção de um centro de recuperação (talvez a instalar na estação de captação de água da Foz do Sousa) (www.futurosustentavel.org).

A bacia hidrográfica do rio Douro (<http://jn.sapo.pt/2007/05/07>), será objecto de um repovoamento de lampreias (entre outros peixes migradores), no âmbito de um projecto da Planeta Vivo – Centro de Investigação Ambiental. Inicialmente serão colocados ovos fecundados nos afluentes, principalmente no rio Paiva. Os ovos evoluirão durante cerca de quatro anos no rio, e ainda na fase juvenil seguirão para o mar, ultrapassando as barreiras das barragens pelo sistema de eclusas. Depois de completarem o seu desenvolvimento no oceano (durante um a dois anos), em que atingirão cerca um metro de comprimento as lampreias regressarão ao rio Douro para desovar e morrer. A EDP financiou a fase inicial do repovoamento, sendo o financiamento da 2.ª fase repartido pela EDP, ICN e Confraria do Sável e Lampreia. A criação de um centro de reprodução de peixes migratórios (na antiga estação de captação da Foz do Sousa), que poderia ser um fluviário, e que teria como espécies prioritárias, a lampreia marinha, o salmão, a truta marisca e o esturção é outro dos objectivos do projecto, caso se consiga controlar todos os factores de reprodução.

Em **Medas (Gondomar)**, vai haver a execução de um plano de reabilitação da Sorte da Lameira, com 2 hectares, que será arborizada com flora autóctone, devendo o espaço servir para convívio e animação (www.futurosustentavel.org). Localiza-se na vertente Sudoeste da Serra das Flores, próximo da nascente da Ribeira de Longras, é uma área florestal constituída por carvalhos, medronheiros, sobreiros (bastantes), azevinhos, pinheiro bravo e algumas espécies invasoras (acácias e eucaliptos, em menor extensão). Possui também uma área agrícola ainda em exploração, com uma mina de água desactivada e canais de rega de antigos consortes. Já foi uma zona de exploração de minério (antimónio), actualmente desactivada. *"Ainda subsistem ruínas de habitação ligadas à exploração mineira. Como principais ameaças à preservação do espaço, destacam-se os incêndios florestais e a invasão de espécies infestantes (eucaliptos e acácias). Poderiam propor-se a criação de um horto municipal, o aproveitamento dos recursos hídricos do local e recuperação dos canais de rega existentes, a instalação de um centro de interpretação ambiental ou quinta pedagógica com envolvimento das escolas locais em actividades de educação ambiental e a criação de uma reserva de água na floresta para combate aos fogos florestais"* in <http://campoaberto.pt/>

O **programa Polis em Gondomar** pretende reabilitar uma boa parte (entre o Freixo no Porto e o Areio de Atães) da frente ribeirinha deste concelho no rio Douro, englobando também as principais linhas de água que desaguam neste trecho. Engloba a recuperação da Casa Branca de Gramido (o único imóvel classificado na zona de intervenção do Polis em Gondomar), a criação do Centro de Desportos Náuticos e do parque de estacionamento de Gramido (que visa também reduzir o impacte visual da ETAR de Gramido), a criação de um Centro de Educação Ambiental na Quinta do Passal, que irá servir de elo de ligação entre a margem do Douro e o futuro parque urbano do Vale de Gramido, e a requalificação da margem ribeirinha de Gondomar. A Requalificação da Margem Ribeirinha de Gondomar prevê entre

outros a criação de um percurso pedonal/velocipédico ao longo do rio Douro, com zonas de descanso em média a cada 250 metros, a colocação de iluminação pública e mobiliário urbano e sinalética, a valorização e requalificação dos caminhos existentes, a criação de apoios (atracadouros), a criação de corredores verdes ao longo das linhas de água e a promoção da floresta autóctone com eliminação das espécies exóticas (www.polisgondomar.com).

A ciclovia e passeio pedonal ao longo do rio Douro terá 4,5 km, e entroncará, no nó de Gramido, na que vai ligar o centro de Gondomar atravessando o corredor verde que será o futuro Parque do Vale de Gramido terá 2,5 km, a requalificação de frentes de rio terá uma extensão de 4437 m (www.polisgondomar.com).

A Câmara Municipal de Gondomar, no início mandou elaborar um plano estratégico que abrangia a faixa ribeirinha entre o Freixo e a barragem de Crestuma, com uma extensão aproximada de 14,5 km, mas a candidatura ao programa Polis apenas abrangia cerca de 6 km entre o Freixo e a praia de Marecos. A intervenção aprovada ficou reduzida aos cerca de 4,5 km entre o Freixo e o Areio de Atães (freguesias de Valbom e S. Cosme), delimitado pela marginal do Douro (EN 108) (www.polisgondomar.com).

O **Programa Polis de Vila Nova de Gaia** abrange a frente ribeirinha do Douro entre a Ponte de São João e o Cabedelo, sendo os principais eixos de intervenção: a requalificação da Frente Ribeirinha, a Reestruturação Urbana da Afurada e a criação de novos espaços verdes. Existem quatro planos de pormenor que abrangem a zona fluvial (www.cm-gaia.pt/):

- a **Frente Ribeirinha do Centro Histórico**;

- o **Plano de Pormenor da Fraga** (a montante da ponte da Arrábida) que prevê a criação de uma zona ribeirinha que permita o pleno usufruto da margem do rio e que incentive novos hábitos de lazer, com a remodelação da marginal, iniciativas particulares como a recuperação da Quinta do Vale dos Amores e da Fábrica do Álcool, a ligação por funicular da marginal ao Arrábida Shopping e ao Interface da Linha de Metro, uma nova ligação viária à Via Panorâmica e a reabilitação do Cais de Acostagem do Cavaco (com vocação primordial para embarcações turísticas e para travessias fluviais entre as margens do rio Douro);

- o **Plano de Pormenor da Afurada**, núcleo piscatório tradicional, com remodelação da Marginal entre a Ponte da Arrábida e o Canidelo, com a criação de uma nova praça pedonal no Centro Cívico, com a requalificação do Porto de Pesca (que englobará equipamentos de apoio à actividade piscatória, bem como de restauração e lazer) e, com a construção do Porto de Recreio de Vila Nova de Gaia na ligação a Canidelo;

- o **Plano de Pormenor S. Paio / Canidelo**, engloba a construção de uma nova marginal (com ligação à cota alta pela VL2 que vai libertar a marginal da circulação automóvel), com um percurso pedonal reservado e ciclovia, a construção de um parque urbano no vale de S. Paio com 6 hectares de área verde, e ainda na antiga Quinta Marques Gomes a instalação de um parque público vigiado e na Casa da Quinta a instalação de um equipamento público após a recuperação do edifício.

A futura **marina de Canidelo/Afurada** terá capacidade para cerca de 300 embarcações e as obras deverão arrancar segundo fontes da CMVNG no Outono de 2008 (Jornal de Notícias de 06/06/2008).

Segundo o site da CMVNG, as obras do Polis já concluídas são: o Lavadouro da Afurada (2003), a beneficiação dos espaços públicos da Afurada (2005), as 1.ª e 2.ª fase da via marítima (ciclovía e percurso pedonal) (entre o vale de São Paio e a praia marítima de Lavadores (2005), a marginal de Vila Nova de Gaia entre o Convento de Santo António e a Rua de São Pedro (2006), o troço da Afurada (com 750 m de extensão), e o porto de pesca da Afurada (em 2006). No fim da intervenção será possível percorrer a pé ou de bicicleta entra a ponte de D. Luís e o Cabedelo, existindo a ligação marítima que segue até Espinho (www.cm-gaia.pt).

No dia 5 de Junho de 2008 foi inaugurado um novo troço da marginal ribeirinha de Vila Nova de Gaia, que vai desde o Largo do Linho até ao Cabedelo, junto da foz do Douro, que passou a dispor de uma ciclovía e de um canal pedonal, tendo também sido criada uma reserva natural na **zona de sapal do Cabedelo**.

O Parque Biológico de Gaia vai ser a instituição que vai gerir a área protegida onde várias espécies de avifauna repousam e nidificam. O local foi vedado por uma vedação ligeira, de modo a dissuadir a passagem de veículos todo-o-terreno, o acampamento selvagem e o adestramento de cães, actividades que perturbariam o ecossistema frágil do sapal. Está previsto para uma data posterior a criação de um observatório ecológico de aves, a instauração de percursos guiados e a elaboração de um guia, bem como é pretensão da câmara Municipal de Gaia criar um parque urbano com 6 ha, o qual incluirá um centro de monitorização e interpretação ambiental. Além da presença registada de cerca de uma centena de aves, esta área do estuário do rio Douro que é inundada nos períodos de maré cheia, também é muito importante para a nidificação piscícola (Jornal Público de 04/06/2008). Este espaço com uma área de cerca de 12,8 ha margem esquerda do Douro é um projecto da Câmara Municipal de Gaia e da APDL (Administração do Porto de Douro e Leixões) (Jornal de Notícias de 06/06/2008).

A **Câmara Municipal de Gaia** pretende requalificar a zona ribeirinha entre a Ponte D. Luís e o limite nascente do concelho em Lever, no prazo de uma década, para tal já adjudicou a elaboração do **Plano Estratégico de Desenvolvimento das Encostas do Douro (PEDED)** (a 22 de Abril de 2008), que deverá estar concluído no prazo de cinco meses, de modo a ser possível candidatar algumas das intervenções propostas ao QREN (Quadro de Referência Estratégica Nacional). O plano abrange 18 km de extensão ao longo do rio Douro e tem como área prevista de intervenção 1800 ha, e quer promover o Douro como destino turístico, com a requalificação de uma das suas entradas. Uma das apostas será a dinamização de um conjunto de quintas que pontuam nas encostas sobranceiras ao Douro, que permitirá fixar um conjunto de actividades do foro turístico, como campos de golfe e pólos náuticos em combinação com a função residencial e a preservação ambiental. Outro dos objectivos do PEDED é prevenir a erosão

e o risco de inundação, bem como o ordenamento florestal das encostas que deverão ser reflorestadas com árvores autóctones (Jornal Público de 23/04/2008).

A **frente ribeirinha do Porto**, no âmbito de uma intervenção do Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU), vai ser alvo de uma requalificação, não existindo no entanto para já o projecto, que deverá ser concretizado pela SRU a partir das ideias apresentadas pelo vencedor em concurso internacional e outras sugeridas por outros concorrentes. Segundo o presidente da SRU, o projecto deverá estar pronto no final do ano de 2008, sendo então apresentado ao Governo de modo a solicitar os recursos financeiros (está previsto um máximo de 140 milhões de euros) para a execução do mesmo. O vencedor do concurso idealizou entre outros, a construção de duas pontes pedonais a ligar as margens do Douro, a conversão de parte do edifício da Alfândega em hotel de apoio ao centro de congressos e a criação de um conjunto de espaços verdes e públicos entre a Ponte D. Maria II e a Rua de D. Pedro V (Jornal Público de 18/5/2008).

Bibliografia

ABREU, Maurício (2004); Rio Douro: da nascente à foz: from the source to the sea; 1.ª Edição; M. Abreu Fotografia e Edição; Setúbal.

ALMEIDA, Luís G. A. (1985); Notas monográficas sobre a freguesia de Santa Eulália de Oliveira do Douro; Junta de Freguesia de Oliveira do Douro; Oliveira do Douro.

AMARAL, Ana F. L. (1993); Avintes na margem esquerda do Douro; Junta de Freguesia de Avintes; Avintes.

BARROS, Abel E. B.; COSTA, Francisco B. (2003); Santo André de Lever: notas monográficas; Paróquia de Santo André de Lever; Lever.

CÂMARA MUNICIPAL GONDOMARa (-); Lomba–Medas–Melres; Gondomar Plantas Turísticas; Panfleto editado pela Câmara Municipal de Gondomar.

CÂMARA MUNICIPAL GONDOMARb (-); Valbom; Gondomar Plantas Turísticas; Panfleto editado pela Câmara Municipal de Gondomar.

CÂMARA MUNICIPAL GONDOMARc (-); Gondomar; Gondomar Plantas Turísticas; Panfleto editado pela Câmara Municipal de Gondomar.

CANÇÃO DO MAIS ALTO RIO (1998); Canção do Mais Alto Rio: antologia literária do Douro; 2.ª Edição; ASA; Porto.

CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O RIO DOURO (1986); 1.º Congresso Internacional sobre o rio Douro; Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia; Porto.

CORTES, Rui M.V. (2007); A Bacia do Douro: caracterização ecológica, usos da água, problemas e desafios; disponível on-line em <http://www.unizar.es/fnca/duero/docu/p102b.pdf>

COSTA, Francisco B. (2000); Santa Marinha de Crestuma: notas monográficas; Ed. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; Vila Nova de Gaia.

CRUZ, José (2005); Património D'ouro; a golden heritage; 1.ª Edição; Em Relevo; Porto.

FIGUEIRAS, Paulo P.(1998); S. Veríssimo de Valbom: subsídios para uma monografia; Centro Social e Cultural da Paróquia de S. Veríssimo de Valbom; Gondomar.

FILGUEIRAS, Octávio L. (1959); Tipologia dos barcos do Douro; Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, Volume 22, fasc. 1-2, 14 pp.; Porto.

FCG (1985); Guia de Portugal: IV Volume: Entre Douro e Minho. I - Litoral. Fundação Calouste Gulbenkian. Pag. 457-470, 508-513.

GIRÃO, Amorim (1949); Geografia de Portugal; 2.ª Edição; Portucalense Editora S.A.R.L.; Porto; pag. 158.

INSTITUTO DA ÁGUA, MAOT (2001); Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Douro; disponível online em www.ccdr-n.pt

LIMNOS (1999); Atlas ecológico do Rio Douro: Divisão em troços ecológicos do Rio; CCRN ; Junta de Castilla y León; Porto: Valladolid.

MAIA, S. Oliveira (1988); Onde o rio acaba e a Foz do Douro começa: O Progresso da Foz; Junta de Freguesia da Foz do Douro.

MOREIRA, Domingos (1994); Sobre a relação onomástica do nome pessoal *Durius* com o rio *Durius*; Separata da Revista Gaya (6); Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia; Vila Nova de Gaia.

MÜLLER, Adolfo S. (1985); O Douro, rio das mil aventuras: cada rio tem muito que contar...; Figueirinhas; Lisboa.

O DOURO DE BARCA DE ALVA ATÉ À FOZ (1994); O Douro de Barca de Alva até à foz; LDL - Lomba Desporto e Lazer; Porto.

O DOURO ILUSTRADO (1990); O Douro Ilustrado/ Le Douro illustré/ The Illustred Douro; texto do Visconde de Villa Maior (1876); Livraria universal de Magalhães & Moniz; Porto.

OLIVEIRA, Camilo (1983); Concelho de Gondomar. Apontamentos monográficos(1932-1938). Porto.

O RIO DOURO REGRESSA ÀS ORIGENS (2002); O Rio Douro regressa às origens: projecto de despoluição do Rio Douro; SMAS- Município; Porto.

PACHECO, Hélder (1986); O grande Porto: Gondomar, Maia, Matosinhos, Valongo e Vila Nova de Gaia; Novos Guias de Portugal: 4; Presença; Lisboa.

PEREIRA, Gaspar M. (2001); Memória do Rio: para uma história da navegação no Douro; Afrontamento; Porto.

PEREIRA, Helena (2003); Roteiro Monumental ao Centro Histórico de Santa Marinha; Junta de Freguesia de Santa Marinha; Vila Nova de Gaia.

PIGNATELLI, Inácio N.(2003); O Douro Português: coisas que o Douro me contou; 1.ª Edição; Campo das Letras; Porto.

REAL, Manuel Luís (1986); Origens da Cidade do Porto; Congresso Internacional sobre o Rio Douro; Vila Nova de Gaia; pag. 107-109.

REBELO, Fernando (1986); Adaptações e inaptações às cristas quartzíticas do Noroeste português em Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro; 1.º volume; Centro de Estudos Geográficos; Lisboa; pag. 321-331.

REBELO, Fernando (1975); Serras de Valongo: estudo de geomorfologia; Suplementos de Biblos n.º 9; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; pag. 127-179.

REIS, J. (2004); Atlas dos Bivalves de água doce de Portugal Continental; Relatório final; Projecto "Documentos Estruturantes" financiado pelo POA 1.100021; Instituto da Conservação da Natureza.

SARAIVA, J. Hermano (2004); História das freguesias e concelhos de Portugal; Volume 8, 14, 18; QuidNovi; Matosinhos.

SILVA, João B.P.; GOMES, Catarina S. (2000); Feira: terras de Santa Maria; Anégia Editores; Paços de Ferreira.

Jornal de Notícias de 06/06/2008

Jornal Público de 04/06/2008

Jornal Público de 18/5/2008

Jornal Público de 23/04/2008

Jornal de Notícias de 23/08/2007

Jornal de Notícias de 17/06/2005

http://jn.sapo.pt/2007/05/07/sociedade_e_vida/bacia_hidrografica_douro_sera_repovo.htm

http://jpn.icicom.up.pt/2006/03/22/cidade_do_porto_tem_um_novo_espaco_verde.html

http://jn.sapo.pt/2006/10/30/porto/praga_algas_atinge_o_inha.html

<http://campoaberto.pt/>

http://tvtel.pt/gaiserv/livro_cale/pagina3.htm

http://paginas.fe.up.pt/~lsts/lsts_www/files/Pat_5CongAgua00.pdf

<http://lever.no.sapo.pt/>

www.cm-gondomar.pt

www.gondomaronline.com

www.inag.pt/

www.gondomar.com.pt

www.geocities.com/j.aldeia/barcos/barcosriodouro.htm

www.geocities.com/oliveiradouro/htm/oliveira.htm

www.bragancanet.pt/bemposta/html/riodouro1.htm

www.futurosustentavel.org/fotos/ambiente/Plano_Intervencao_Ambiental_Rio_Douro_Nuno_Gomes.pdf
www.futurosustentavel.org/fotos/plano/2006-02-07_Acta_GTT_Mobilidade_Reuniao_3.pdf
www.ciberjunta.com/lomba.html
www.ciberjunta.com/covelo.html
www.jf-melres.com/artigo/identidade-territorial-melres/
www.polisgondomar.com/
www.douro.ipm.pt/PT/navegacao/mapa.pdf
www.cm-feira.pt/portal/site/cm-feira
www.inag.pt/inag2004/port/a_intervencao/planeamento/poa/Crestuma/RNT.pdf
www.lifecooler.com/Portugal/natureza/ParquedeNovaSintra
www.ambienteonline.pt/noticias/detalhes.php?id=3742
www.cavesvinhodoporto.com
www.ciberjunta.com/bonfim.html
www.campanha.net
www.jf-massarelos.pt
www.lordelo.net
www.jf-fozdodouro.pt
www.miragaia.web.pt
www.ciberjunta.com/crestuma_taca_mundo_canoagem250608.html
www.quintasi.pt
www.ippar.pt
www.aecops.pt
www.portoturismo.pt
www.monumentos.pt
www.douroazul.pt
www.ciberjunta.com/lever.html
www.gaiglobal.pt
www.jf-gondomar.pt
www.cm-gaia.pt
www.avintes.net
www.parquebiologico.pt
www.canidelo.net
www.j-f.org/monografia
www.portugal.gov.pt/Ptal/PT/Governos/Governos_Constitucionais/GC17/Conselho_de_Ministros/Comunicados_e_Conferencias_de_Imprensa/20071011.htm
www.cienciaviva.pt/veraocv/engenharia/eng2005/index.asp?acao=showactivdistrito&id_distrito=13

